

**UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E FILOSOFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA
E CIÊNCIA POLÍTICA**



**PENDURA ESSA
A COMPLEXA ETIQUETA NA RELAÇÃO DE
RECIPROCIDADE EM UM BOTEQUIM DO RIO DE JANEIRO**

Pedro Paulo Thiago de Mello

Niterói
2003

PEDRO PAULO THIAGO DE MELLO

**PENDURA ESSA:
A complexa etiqueta na relação de reciprocidade
em um botequim do Rio de Janeiro**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia e Ciência Política (PPGACP) da Universidade Federal Fluminense (UFF), como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre. Área de Concentração: Antropologia Social.

Orientador: Profº Drº MARCO ANTÔNIO DA SILVA MELLO

**Niterói
2003**

Thiago de Mello, Pedro Paulo

Pendura essa, a complexa etiqueta na relação de reciprocidade em um botequim do Rio de Janeiro – Niterói, 2003.

Fotografias do autor, Soraya Simões e Gleice Mere

Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal Fluminense, 2003

Antropologia Social I. Antropologia Urbana. Alcoolismo. Masculinidade. Urbanismo. Título. Botequim

PEDRO PAULO THIAGO DE MELLO

**PENDURA ESSA:
A complexa etiqueta na relação de reciprocidade
em um botequim do Rio de Janeiro**

**Dissertação apresentada ao Programa de
Pós-Graduação em Antropologia e Ciência
Política (PPGACP) da Universidade Federal
Fluminense (UFF), como requisito parcial
para obtenção do Grau de Mestre. Área de
Concentração: Antropologia Social.**

Aprovado em 30 de junho de 2003

BANCA EXAMINADORA

Profº Dr. Marco Antônio da Silva Mello – Orientador

Profª Drª Simoni Lahud Guedes

Profº Dr. Michel Misse

**Niterói
2003**

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS	p. 7
RESUMO	p. 9
ABSTRACT	p. 10

1. INTRODUÇÃO DO BALCÃO À ACADEMIA, A CONSTRUÇÃO DE UM OBJETO DE ESTUDO

1.1. Rio Botequim: 50 bares com a alma carioca	p. 13
1. 2. Representações sociais acerca do botequim	p. 19
1. 3. O botequim como identidade cultural da cidade	p. 27
1. 4. Tema, objeto e metodologia	p. 30
1. 5. A Adeguinha no universo dos botequins	p. 34

2. CAPÍTULO I ADEGA DA VELHA: CENÁRIOS, ATORES E PLATÉIA

2. 1. O triângulo da Adeguinha	p. 40
2. 2. O espaço da Adeguinha	p. 56
2. 3. Chico, uma figura pública	p. 60

3. CAPÍTULO II O DELICADO EQUILÍBRIO NAS INTERAÇÕES JUNTO AO BALCÃO

3. 1. A formação de um dono de botequim	p. 69
3. 2. O pendura e a etiqueta de crédito na Adeguinha	p. 79
3. 3. Clube do Bolinha	p. 84

4. CONCLUSÃO O SIGNIFICADO DO BOTEQUIM

p. 100

5. BIBLIOGRAFIA

p. 106

6. ANEXOS

p. 109

Aos meus pais,
Mary e Gaudêncio
Aos meus irmãos,
Ayla, Nando e Janine
À Bette e à Mirta

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho não teria sido possível sem a preciosa orientação do professor e amigo Marco Antônio da Silva Mello. A convivência sempre dinâmica e intensa foi sobretudo uma lição de vida. Agradeço especialmente a paciência com relação ao meu deslumbramento, muitas vezes contraproducente, por um mundo novo para mim. À inteligência aguda e ao humor refinado, e muitas vezes tempestuoso, sempre deixando em evidência o carinho e a preocupação acadêmica. É um privilégio e uma honra trabalhar sob sua orientação.

Aos professores do PPGACP, em especial a Simoni Lauhd Guedes, Laura Graziela Figueiredo Fernandes Gomes, Lívia Barbosa, Delma Pessanha Neves e Roberto Kant de Lima pela atenção. À Maria das Graças Reis Gonçalves e à Inez Almeida Vieira, da secretaria do PPGACP, pelo carinho. Aos professores Neiva Vieira da Cunha, Michel Misse, Arno Vogel, Luiz Antonio Machado da Silva, Isaac Joseph e Pedro Rodolfo Bodê de Moraes, pelos conselhos.

Aos colegas da turma de 2001, em especial Débora Breder, Ruth de Souza, Paulo Delgado, Angela Maria Garcia, Fabio Reis Mota, Wanderson “Pequeno” Jardim e Jórvison Milagres. Também ao pessoal de outras gerações: Patrícia Brandão Couto, Felipe Berocan, Kadu Medawar, Edison Vieira, Mario Miranda, Dina Isabel, Joana Martins Saraiva, Valena Ramos e Lenin Pires.

À Soraya Silveira Simões, pelo afeto e por ter dado corajosamente o primeiro passo. Acompanhar de perto sua jornada na vida, na academia e fora dela, é um presente especial e um prazer sutil e refinado que o destino teve a graça de me conceder.

Agradeço a meus colegas jornalistas pelo estímulo, sobretudo Nelson Moreira, Manoel Franco, Marcelo Kishinhevsky, Ana Cristina Duarte, Bianca Deo, Alfredo Herkenhoff, Rogério Daflon, Gustavo Autran, Carlos Vasconcelos, Luís Pimentel, Marceu Vieira, Paulo Roberto Pires, Gustavo Almeida, Leo Feijó, Marcus Barros Pinto, Aydano André Motta, Flavia Oliveira e Chico Aguiar. Agradeço em especial a Ana Cristina Machado, Flavia Barbosa, Nelson Vasconcelos, Claudia Santos e Gilberto Scofield Jr. pelos comentários críticos (muitos feitos à mesa dos botequins). Ao José Octávio Sebadelhe, descendente direto do “alma de gato”, o reconhecimento de sua co-responsabilidade nesta empreitada e ao Custódio Coimbra, pelas imagens especiais. E, por fim, às minhas editoras Rosane Serro (Jornal do Brasil) e Sonia Soares (O Globo), pelo incentivo e sobretudo pela paciência.

Martha Ribas, Julio Silveira, Nina Schipper, Laura Reis Fagundes e Israel Beloch, editores do Rio Botequim, e Marcelo Pimentel Lins, Fábio d'Arrochella, Sérgio Lutz, Tomás Ribas de Faria, Julio Levy, Pedro Serra e Gustavo Gomes, carregadores de piano, como eu. A todos, meu reconhecimento. Também ao Luiz Alberto Bettencourt.

Agradeço especialmente a Denise Lopes, Isabel Mendes, Solange Carvalho e Isabella Thiago de Mello pelos comentários críticos e estímulo para continuar neste caminho.

À Marta Nascimento devo o reconhecimento por sua ampla visão de mundo, cobrando de mim sempre uma postura mais humana e menos teórica.

A Carole Saturno, Pierre Bouvier, Thu Tring e Nathalie Faure pelo carinho desde os cafés de Paris.

Aos amigos de copo: Marcelo Magdaleno, Flavia Bali, Pedro Tibau, Simone Portellada, Luiz Antonio Macedo, Jaciara Guerreiro, Claudio "Coruja" Couto, Alexandre "Xandó" Araújo, Luciana Cabral, Danilo Doneda, Francisco Cupello, Aline Aguiar, Giovanna Deltry, Maria Fernanda Quintela, Nenéu Menezes, Claudia Baroni, Luiz Carlos Quintela, Paulo Guilherme e Adriana, Érica Ornellas, Fábio Martins, Luciana Borghi e Mila Chaseliov.

A Vanesa Indij, Carlos Aberto Costa e Guido Indij, desde as pulperías porteñas.

Ao Manduka e ao Tito Rosenberg devo os *insights* patafísicos.

Um agradecimento especial ao Chico Rufino e à turma do botequim: Rogerinho, Sorriso (*in memoriam*), Júnior, Heleno, Paulo, Josie, Serginho e Dudu (Adeguinha); Paiva, Edilson, Chiquinho, Hélio Delgado (*in memoriam*), Narciso e Manoel (Jobi); Alaíde, Chico, Dirceu e Antônio (Bracarense); Lima (Aurora); Juca, Marcelo, Neto e Mario (Bar do Serafim); seu Tuñas (Cosmopolita); seu Neca e Baixinho (Adega D'Ouro); José Otero (Bar Brasil), Rosane Santos (Bar Luiz), seu Aires (Nova Capela); Vilson Paim (Barbudo); Sergio Camargo (Original); e mais: Nelson Rodrigues Filho, Moacyr Luz, Lan, Jards Macalé, Tavinho Paes, Chico Caruso, Jaguar e Wilson "Baiano" Flores. Ao Alfredo Melo, o Alfredinho do Bip-Bip, o reconhecimento por sua dedicação à alegria.

À Maria Inês Perricone, que me acompanha esses anos todos, por sua enorme paciência e agudeza de espírito.

À memória de Adão Nunes Pereira, que nos deu o Moronguêta.

Ao poeta Thiago de Mello, que, desde os labirintos de sua floresta encantada, me ensinou o gosto pela leitura e pela escrita.

RESUMO

A presente dissertação coloca em evidência o botequim na área urbana do Rio de Janeiro como um espaço especial de sociabilidade e interação de seus frequentes assíduos. Por meio do trabalho de campo etnográfico em um botequim específico e usando os dados de um amplo survey sobre botequins da cidade do Rio de Janeiro pretende-se analisar problemas tais como integração urbana, masculinidade e feminilidade, usos do beber, consumo e especialmente a reciprocidade presente no sistema informal de crédito do botequim, o “pendura”. Para este propósito, foi utilizada como abordagem metodológica a observação participante.

ABSTRACT

The present dissertation puts on evidence the “botequim” (popular Brazilian bar) in the urban area of Rio de Janeiro as a special space of sociability and interaction of its regular costumers. Through ethnographic fieldwork in a specific “botequim” and using data from a wider survey about botequins in the city of Rio de Janeiro it is intended to analise problems such as urban integration, masculinity and feminility, uses of drinking, consumption, and specially the reciprocity of the informal credit system of the “botequim”, the “pendura”. For this purpose, it was used as methodologic approach the participant observation.

1. INTRODUÇÃO

DO BALCÃO À ACADEMIA, A CONSTRUÇÃO DE UM OBJETO DE ESTUDO

*“Onde é que nós estamos que já
não reconhecemos os desconhecidos?”*

Paulo Leminski

*“Em volta dessa mesa velhos e moços lembrando o que já foi
Em volta dessa mesa existem outras falando tão igual
Em volta dessas mesas existe a rua vivendo o seu normal
Em volta dessa rua uma cidade sonhando seus metais
Em volta da cidade...”*

Milton Nascimento e Fernando Brant

*“Seu garçom, me empreste algum dinheiro
Que eu deixei o meu com o bicheiro
Vá dizer ao seu gerente
Que pendure essa despesa no cabide ali em frente”*

Noel Rosa e Vadico

1. 1. Rio Botequim: 50 bares com a alma carioca

Desde 1997 venho pesquisando sistematicamente botequins da cidade do Rio de Janeiro. Inicialmente, o trabalho tinha um caráter de *survey*¹ jornalístico e estava inserido em um projeto de mapeamento da identidade cultural do município, desenvolvido pelo então prefeito Luiz Paulo Conde. A idéia da prefeitura era chamar a atenção para aspectos da cidade que, na visão desses gestores, foram sendo negligenciados sucessivamente por administrações anteriores cujos olhos desde os tempos de Pereira Passos se voltavam exclusivamente para o “futuro” sob os parâmetros da modernidade. Com isso, parte substancial daquilo que a gestão de Conde considerava como “alma carioca” veio se perdendo em meio a um desenvolvimento caótico e sem limite da cidade.

O eixo editorial desse projeto implicava a publicação de uma série de guias relacionados à imagem da cidade que se pretendia enaltecer. Assim, foram lançados os guias de igrejas; dos velhos sebos do Centro; e dos variados estilos arquitetônicos de fachadas e casarios. Também foi encomendado um guia de botequins. Através da Memória Brasil Projetos Culturais e da Casa da Palavra Produção Editorial, empresas responsáveis pela execução deste último guia, fui convidado a participar do projeto como autor dos textos e coordenador da equipe de pesquisa. Nascia, assim, o “Rio Botequim: 50 bares com a alma carioca”², o primeiro guia de botequins da cidade.

A repercussão do Rio Botequim após seu lançamento foi uma surpresa tanto para a prefeitura, quanto para a equipe editorial. Inúmeras reportagens, artigos e entrevistas com os envolvidos no projeto colocaram o tema em evidência nos meios de comunicação³. Houve polêmica quanto aos bares selecionados⁴, assim como ao

¹ O termo *survey* usado aqui e ao longo deste trabalho se refere a uma pesquisa exploratória, para um primeiro mapeamento, realizada por um grupo de jornalistas, que envolvia o preenchimento de formulário, cobrindo elementos como ambiência, arquitetura, principais características, produtos oferecidos, data de fundação, nome do dono, principais garçons etc. Havia ainda um espaço para que o jornalista completasse com observações mais subjetivas as suas impressões do bar. Os botequins, por sua vez, eram pré-selecionados em uma reunião editorial com os jornalistas, o redator dos textos e a equipe editorial.

² Mello, P. T. de. (redator). Rio Botequim: 50 bares com a alma carioca. Rio de Janeiro, RJ. Casa da Palavra Produção Editorial e Memória Brasil Projetos Culturais. 1998.

³ Ver anexo 1. É importante notar o tom que a imprensa deu à iniciativa da prefeitura, assumindo, digamos, o aspecto charmoso dos botequins. A matéria da Veja Rio é exemplar neste sentido.

⁴ Alguns articulistas, por exemplo, criticaram o fato de o guia incluir bares freqüentados exclusivamente por segmentos da classe média, o que mostra que uma das representações associadas ao botequim é a do lugar das camadas populares.

próprio conceito de botequim, o que levantou um primeiro problema em relação ao projeto: todos sabiam o que é um botequim, mas poucos conseguiam definir, com exatidão conclusiva, quais as suas características. Longe do rigor da academia, a equipe editorial estabeleceu que para figurar nas páginas do Rio Botequim, o bar teria que servir comida caseira, farta e barata; oferecer especialidades como petiscos típicos da cozinha desses estabelecimentos; possuir ambiente informal; ter decoração e arquitetura típicas; e, sobretudo, ser um lugar onde fosse possível consumir apenas bebidas alcoólicas.

Na pesquisa para o Rio Botequim encontramos variados bares e botequins com essas características, alguns muito diferentes da imagem típica do velho “pé-sujo”⁵, “bunda-de-fora”⁶, “cospe-grosso”⁷, “birosca”⁸, “tasca”, “boteco” entre outras expressões. Alguns botequins eram bastantes populares, já outros, freqüentados por camadas médias da população. Porém, todos com um certo grau de informalidade em comparação, por exemplo, aos restaurantes e às casas de pasto, e com, pelo menos, um dos critérios acima descritos. Também surgiu a noção de bar de passagem em contraposição ao bar de proximidade, o primeiro com uma clientela flutuante e o segundo com fregueses fixos, muitos dos quais moradores dos arredores do botequim⁹.

Para tentar entender melhor o que seria afinal o botequim, nos voltamos para as suas origens, o que nos levou a realizar uma pesquisa lexicográfica da palavra¹⁰. Isto nos deu outras pistas. Segundo os dicionários, o termo botequim parece derivar do diminutivo de botica, botiquinha, “quando esta palavra ainda significava loja em geral”¹¹, variando de farmácia de manipulação à armazém de secos e molhados. A existência de botequins centenários, sobretudo no Centro da cidade e bairros da zona Norte, que ainda funcionam misturados a uma espécie de armazém, foi para

⁵ A expressão “pé-sujo” teria a ver com o costume, hoje raro, de se jogar serragem no chão do botequim, esta sujaria a sola do sapato dos clientes. Outra possível origem do termo teria a ver com a condição social do cliente de botequim: pobre a ponto de não ter sapatos e andar descalço.

⁷ Refere-se aos botequins que têm bancos fixos em frente ao balcão.

⁶ A expressão tem a ver com a idéia do botequim freqüentado por uma clientela pobre, que não tem boas maneiras e cospe no chão.

⁸ Birosca é o botequim situado dentro das favelas.

⁹ Veremos adiante que a interação entre clientes e proprietários nos dois tipos de bares é bastante diversa.

¹⁰ Ver anexo 2. O quadro apresenta uma pesquisa realizada a partir do Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa, a partir dos termos “botequim” e “bodega”.

¹¹ Novo Dicionário Aurélio. 2ª edição. Rio de Janeiro, RJ. Editora Nova Fronteira. 1986.

nós como um achado arqueológico do termo ao qual o dicionário se referia: a botiquinha, algo entre a venda e o bar.

O bar do seu Antônio, no morro do Pinto (reformado pela última vez em 1922), o Vilarino (de 1954), na avenida Calógeras, e o Paladino (fundado em 1906), na esquina das ruas Visconde de Inhaúma e Uruguaiana, ambos no Centro, são exemplos desse tipo de casa comercial, ainda em funcionamento. O primeiro, é uma verdadeira botica, onde no mesmo espaço é possível beber cerveja num balcão e comprar remédios no balcão oposto. Os outros dois têm ambientes separados, sendo necessário passar pela loja para se chegar ao bar.

O antigo Café Lamas, fundado em 1874 e demolido para a construção do Metrô do Largo do Machado, tinha na entrada uma mercearia, através da qual se chegava ao bar, famoso por sua canja de galinha da madrugada e café da manhã¹². As “vendas” em bairros populares ainda são um tipo de estabelecimento comercial que mistura bar e mercearia numa mesma loja, recebendo grupos distintos de consumidores. Um exemplo dessa dupla ocupação é o armazém São José, descrito numa etnografia sobre o bairro do Catumbi¹³.

Imaginamos que essas botiquinhas poderiam funcionar, no início do século XX, como cafés freqüentados exclusivamente por uma clientela masculina, onde produtos finos, como salaminho e bacalhau, eram comprados e se consumia bebida alcoólica, sobretudo cachaça, vinhos tropicais e cerveja. Na pesquisa do Rio Botequim, vimos que alguns relacionavam ainda a origem do botequim a quiosques, barracas improvisadas e toscas, onde se comercializavam bebidas e tira-gostos.

Seja qual for a origem do botequim, os elementos em comum que encontramos em todos os variados tipos de bares pesquisados foram: a informalidade e o consumo de bebidas alcoólicas.

No *survey*, confirmamos a grande incidência de botequins pertencentes a imigrantes portugueses. Constatamos que a maior parte desse desse tipo de comércio pertence de fato a pessoas dessa nacionalidade, seguidos por espanhóis e alemães. Nas últimas décadas, no entanto, cresce o número de nordestinos, sobretudo cearenses, que estão assumindo, normalmente a preços especiais, os bares de an-

¹² Com a sua demolição, o Lamas mudou-se do Largo do Machado para o Flamengo. No novo endereço, mantém na entrada um balcão, onde são vendidos café, doces e sucos. O corredor que dá acesso ao restaurante, guarda informações históricas sobre a casa, inclusive seu livro de ouro.

¹³ Ver Santos C. N. F. de, Mello M. A. da S. & Vogel, A. (coord.). Quando a rua vira casa: a apropriação de espaços de uso coletivo em um centro de bairro. Rio de Janeiro, RJ. Instituto Brasileiro de Administração Municipal. Centro de Pesquisas Urbanas. 1985.

tigos portugueses e, em muitos casos, o negócio é fechado, depois de terem trabalhado no estabelecimento anos a fio, como garçons ou cozinheiros. À medida que os donos originais do bar vão envelhecendo, eles acabam repassando o negócio para o empregado de confiança, uma vez que as novas gerações de sua família normalmente buscam alternativas consideradas mais nobres e que não impliquem na vida dura de dono de botequim.¹⁴

Elaborar um guia que relacionasse 50 botequins “com a alma carioca” mostrou-se tarefa árdua e, ao mesmo tempo, prazerosa para a equipe editorial, especialmente para os pesquisadores de campo. A seleção de bares, por exemplo, implicou uma boa dose de generalizações e critérios subjetivos¹⁵, o que obrigou a equipe a constantes negociações internas, na defesa e rechaço das indicações. O ímpeto com que os pesquisadores defendiam a escolha dos bares por eles pesquisados foi um dos primeiros indícios para mim da importância do tema¹⁶.

Embora a prefeitura tenha dado relativa liberdade de escolha à equipe editorial, na primeira edição do guia houve pressões para que a seleção fosse representativa de todas as regiões da cidade. A exigência colocou novos problemas para os realizadores do guia, uma vez que a localização dos botequins tradicionais se concentrava, principalmente, no Centro da cidade e nas zonas Sul e Norte. Havia poucas opções na zona Oeste e na Barra da Tijuca, um dos alvos da política de *marketing* da prefeitura¹⁷.

No entanto, a partir da segunda edição, este tipo de exigência não mais ocorreu. O papel da prefeitura passou a ser o de cobrar da equipe editorial uma crítica mais severa dos bares, sobretudo quanto aos aspectos gastronômicos e de higiene

¹⁴ A etnografia da Adeguinha confirmou o que a pesquisa do Rio Botequim já havia indicado: o trabalho no bar é extremamente pesado e cansativo. Exige resistência física para agüentar seguidas horas em pé, atrás do balcão; e, sobretudo, talento especial para lidar com toda sorte de problemas, desde o freguês embriagado, o fiscal mau-humorado, a mercadoria que chegou estragada, ou simplesmente não foi entregue, o cheque de uma alta despesa que voltou e por aí vai. É natural que a segunda geração do dono do botequim busque alternativas profissionais menos pesadas e mais valorizadas socialmente.

¹⁵ Critérios estes que poderiam ser a trajetória do dono do botequim; a presença de um garçom conhecido por sua personalidade singular; a arquitetura, decoração e ambiência do bar; a qualidade do chope, segundo critérios de especialistas, assim como outras especialidades de bebidas, sobretudo as batidas; a qualidade gastronômica; a realização de eventos, como rodas de samba; o anedotário do bar; etc.

¹⁶ As discussões nas reuniões da equipe editorial do Rio Botequim se assemelhavam a disputas entre torcedores de clubes de futebol. Às vezes os ânimos se exaltavam. Todos querendo ver “seus” botequins na lista dos 50 selecionados para fazer parte do guia.

¹⁷ Na primeira edição, foram selecionados dois bares da Barra da Tijuca que, de uma certa forma, destoaram dos demais 48 botequins e foram alvo das críticas mais severas que o guia recebeu.

do estabelecimento. Com o sucesso do guia, a prefeitura acreditava que poderia estimular os botequins a adotarem um padrão de qualidade, tendo como referência as virtudes dos bares selecionados pelo guia.

De um modo geral, as escolhas se baseavam em indicações de diversas fontes, desde matérias de jornais a dicas pessoais de boêmios e “entendedores” de boteco. Tudo era considerado. Assim, na reunião da equipe editorial, eram levadas em conta desde as crônicas de Jaguar, no jornal O Dia, por exemplo, às histórias, um tanto vagas, sobre uma roda de samba em determinado botequim da zona Norte. Os pesquisadores se esforçavam para descobrir “preciosidades”, tais como o botequim onde foi criado o estilo à Oswaldo Aranha, ou ainda que determinado bar está com a receita original do angu do Gomes, passada pelo próprio.¹⁸

Preparava-se, então, uma longa lista de possíveis botequins para o guia e os pesquisadores, divididos por área geográfica, iam à rua, munidos de questionários. À medida que retornavam com as informações necessárias, novas reuniões eram realizadas, em que bares pesquisados eram eliminados ou selecionados para a lista dos 50 botequins. Após a definição das escolhas, os questionários eram então repassados ao redator, que fazia um primeiro esboço. As informações normalmente eram incompletas, o que obrigava a constantes reuniões extraordinárias para eliminação de dúvidas e esclarecimentos. Muitas vezes, o redator era obrigado a ir ao botequim pesquisado para conseguir passar ao texto a atmosfera do lugar. Para cada edição, foram visitados cerca de 150 botequins.

Esta espécie de metodologia de trabalho foi sendo elaborada à medida que a pesquisa evoluía. O Rio Botequim, em termos editoriais, foi um trabalho inédito no país. De um modo geral, a área de guias sempre foi dominada por um formato menor, com muitas ilustrações e dicas. A proposta deste guia de botequins era fazer um livreto, com uma narrativa no estilo de crônica, e ilustrá-lo com fotografias. Assim, além das informações dos questionários e das visitas aos botequins propriamente ditos, havia ainda pesquisas bibliográficas e de jornais, em busca de informações adicionais que situassem o botequim em um contexto mais amplo.

Considerava-se, nesse sentido, desde dados históricos a informações peculiares e pitorescas sobre o bairro ou a área onde os botequins se situavam, ou ainda sobre personagens ligados a estes estabelecimentos. Na primeira edição, inclusive, foram colhidos depoimentos de notáveis boêmios sobre seus bares preferidos. No

¹⁸ Um dos pesquisadores, por exemplo, encontrou o filho do pintor Nilton Bravo, famoso por seus painéis bucólicos nos botequins da cidade. O filho ainda pinta murais em botequins. Outro, ainda, descobriu a origem do filé à francesa e do frango marítimo, o estilo carioca de se comer sardinha.

entanto, esta idéia foi abandonada, a pedido da prefeitura, a partir da segunda edição.

Acredito que o espalhafatoso sucesso que o Rio Botequim obteve nos meios de comunicação, se desdobrando igualmente em um êxito de vendas, se deveu ao seu caráter polêmico, sobretudo a partir da segunda edição. O guia recebeu muitas críticas, a maioria delas com respeito à ausência de determinados bares no livro, ou ainda relacionadas a escolhas consideradas ruins. Vale lembrar que os juízes dessas críticas não se resumiam a especialistas gastronômicos ou a boêmios notáveis, mas abrangia pessoas comuns, que se sentiam desprestigiadas ao não encontrar o seu botequim preferido no guia, ou ainda que seu bairro, repleto de botequins, foi pouco considerado.

A partir do segundo ano, a equipe editorial e a prefeitura passaram a realizar uma eleição direta para a escolha dos melhores botequim, garçom, chope, petisco e comida¹⁹. Para isso, era divulgado nos principais jornais da cidade um roteiro de urnas itinerantes, para que os interessados pudessem escolher o melhor local, dia e horário. As urnas eram levadas por kombis da prefeitura, e, além do motorista, tinha dois funcionários responsáveis pelas orientações e recebimento dos votos e pelo menos uma pessoa da equipe editorial. O roteiro das urnas englobava os pontos de maior movimento, como a orla da zona Sul, nos fins de semana, ou as entradas do Metrô e estações de trem, durante a semana, nos horários de *rush*. Praças, parques e esquinas movimentadas também fizeram parte do itinerário das kombis da prefeitura.

Esperava-se, com esta iniciativa, dar maior legitimidade ao guia. A eleição, no entanto, não interferia na seleção dos 50 botequins, que continuava sendo definida pela equipe editorial. O resultado da votação era divulgado em um capítulo à parte, no início do livro. O objetivo era ter uma dupla seleção: uma do “carioca” e outra, dos “especialistas”, isto é, nós da equipe editorial. Não é preciso dizer que a eleição do Rio Botequim alimentou polêmicas e a presença do projeto na mídia.

Ademais, a eleição mobilizou donos de botequins e freqüentadores, digamos, ideologicamente envolvidos com seus bares preferidos. Houve, por exemplo, denúncias de que uma cadeia de choperias havia contratado pessoas para fazer boca-de-urna e votar repetidas vezes no estabelecimento. Houve dono de botequim que levou a família e, assim, até mesmo a sobrinha de sete anos de idade estava votando em itens como o melhor chope. Evidentemente, nos casos em que tais estratégias

¹⁹ Ver edições 1999, 2000 e 2001 do Rio Botequim.

foram descobertas, os votos foram anulados. No entanto, devido à informalidade do sistema eleitoral, era impossível descobrir e evitar todos os esquemas como esses. Mesmo assim, a eleição permitiu que muitos se expressassem e, sobretudo, reforçou o *marketing* do projeto.

Minha participação em todo o processo de produção do Rio Botequim me permitiu ver o botequim sob vários ângulos. Percebi, assim como todas as pessoas que participaram do projeto, que tínhamos nos envolvido com um aspecto da vida cultural do Rio de Janeiro muito importante e que, no entanto, era praticamente invisível para a maioria das pessoas, devido justamente à naturalidade com que esse tipo de estabelecimento comercial, extramente corriqueiro e habitual, é encarado pelos moradores da cidade. Trazê-lo à luz foi um dos resultados da publicação do Rio Botequim.

Talvez, esta tenha sido a razão principal para o grande sucesso editorial do guia. Na procura por informações que me ajudasse a entender melhor o que era o botequim, passei por crônicas de João do Rio, Lima Barreto e Machado de Assis, entre outros, e, por mera casualidade, cheguei ao artigo de Luiz Antonio Machado da Silva²⁰, o primeiro texto que descrevia e analisava sociologicamente as relações que eu percebia quando estava no bar.

1. 2. Representações sociais acerca do botequim

Ao pensar nas classificações acerca dos bares apresentadas no Rio Botequim, nas contradições que elas suscitaram e as reações a elas, quando o guia foi lançado, tornaram-se evidente várias representações que o imaginário da cidade constrói com respeito a essas casas comerciais. A primeira delas, e talvez a mais arraigada, era a do botequim como um espaço negativo. O lugar da perdição e do vício; do alcoólatra, da “piranha” e do malandro. Um desvio a roubar o homem virtuoso do seu trajeto entre o lar e o trabalho. A literatura, a música popular e os discursos oficiais do Estado, da igreja e de outras instituições, como a medicina²¹ chega-

²⁰ Silva, Luiz Antonio Machado da. “O significado do botequim”. In *Cidades, usos e abusos*. São Paulo, SP. Editora Brasiliense. 1978. pp. 79-113. Este é, talvez, o único ensaio sociológico sobre botequim existente hoje.

²¹ Ver: Chalhoub, Sidney. *Trabalho, lar e botequim – O cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da Belle Époque*. 2ª edição. Campinas, SP. Editora Unicamp. 1986; e Mattos, Maria Izilda Santos de. *Meu lar é o botequim: alcoolismo e masculinidade*, São Paulo, SP. Editora Cia. Nacional. 2000. Ver ainda o anexo 3, onde estão relacionadas letras e música que falam sobre botequim, boemia, alcoolismo e malandragem.

vam mesmo a apontar o botequim como uma ameaça à sociedade e à família.

As campanhas no país contra o alcoolismo e o ócio, sobretudo entre os anos 1890 e 1940, foram especialmente intensas, uma vez que o alcoólico era visto como imprestável para o trabalho e desagregador da família. Vadiar nos bares era crime passível de pena de até cinco anos de prisão. Os panfletos da cruzada nacional contra o alcoolismo alertavam: “O álcool leva à cadeia, ao hospício, ao cemitério”; ou ainda: “a bebida prepara o terreno para a doença, o crime e a morte”²¹.

Tal cruzada previa a obrigatoriedade de licenças especiais para o comércio de bebidas alcoólicas, de modo a limitar o número de estabelecimentos que vendiam tais produtos; a determinação de áreas onde o consumo e a venda desses itens seriam proibidos, como a 500 metros de escolas e hospitais; o encarecimento dos preços do produto; a proibição da venda de bebida alcoólica em balcão a mulheres e a menores de idade; a criação de campanhas educativas; e a construção de hospícios para tratamento de alcoólicos²².

O alcoolismo era associado ao jogo, à prostituição, ao crime, à vagabundagem, ao fumo, à mendicância e à boemia. Todas essas características eram vistas como ameaça ao novo ideal de cidade moderna e civilizada, que nascia no fim do século XIX, com a República, o fim da escravidão, a intensificação do processo de urbanização do país e a consolidação de um modelo capitalista de produção, calcado na formação de uma massa trabalhadora, cuja mão-de-obra seria o motor do desenvolvimento da nação emergente.

Com esse processo, surgia igualmente uma ideologia que valorizava o homem-trabalhador²³ e tentava transformar em trabalhadores assalariados as massas de migrantes do interior do país, imigrantes europeus e escravos recém-libertos. O lazer e o ócio, assim, eram uma afronta a essa ideologia e portanto vistos como algo ameaçador. O botequim, por sua vez, era o lugar do álcool e do homem com o tempo livre e estava, portanto, contaminado por essas associações depreciativas. Como aponta Mattos, o discurso moralizante envolvia vários segmentos poderosos da sociedade que nascia:

O discurso das campanhas era incisivo, identificando o alcoolismo com “flagelo”, “praga

²¹ Mattos, 2000, pp. 30 e 36.

²² Idem, pp. 32 e 33.

²³ Isto é, associava ao ideal de masculinidade a disposição para o trabalho.

social”, “mal social”, “demônio da humanidade”, “veneno”, “grangrena social”, “satânico vício”. Era também apresentado como causa de escoamento e dispêndio público, gasto com a polícia, manicomios e penitenciárias.²⁴

Na concepção ideológica emergente, e ainda hoje bastante arraigada, o ócio era, portanto, algo negativo, sendo associado à malandragem e à vadiagem. Vadiar, ou seja, perambular a esmo pela cidade, era exatamente o inverso do ideal do trabalho assalariado, merecedor do respeito e da honra. O trabalhador ganha a vida honestamente, o malandro, vadia. A mulher de “vida fácil” é uma vadia, isto é, está na rua, igualmente perambulando, em vez de estar em casa, o lugar das mulheres. O malandro²⁵, por sua vez, está no bar, em vez de estar “pegando no batente”. Sua figura se tornou um arquétipo importante da identidade boêmia carioca, sempre perambulando pelos bares “das infernadas”, como apontam os versos da canção de Manduca sobre o lendário Calipso, que costumava “se calibrar” no botequim de Manoel Galvina²⁶.

As letras do cancionero popular brasileiro estão repletas de alusões a estes personagens quase mitológicos do drama social brasileiro, colocando em escalas antagônicas de valores trabalho e ócio, associando boemia a promiscuidade, luxúria, perdularismo, e situando tais valores fisicamente no espaço do botequim. O botequim, desse modo, se torna o espaço onde se reúnem pessoas vistas pelas instituições, pelas autoridades e pela família como portadoras de conduta desviante.

Chalhoub, por sua vez, chama atenção para o fato de que as campanhas antialcoolismo, voltadas sobretudo para os trabalhadores, encontravam resistência nos meios operários. Muitos deles se refugiavam no botequim, que era visto como um lugar autônomo, ou pelo menos onde o rigor das normas sociais parecia diluir-se. Dessa resistência, então, emergem outras representações do botequim, também visto

²⁴ Idem, p. 29.

²⁵ De acordo com o Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa, o malandro é: “1 que ou aquele que não trabalha, que emprega recursos engenhosos para sobreviver; vadio 2 que ou aquele que leva a vida em diversões, prazeres 3 que ou aquele que tem preguiça; mandrião, indolente 4 que ou aquele que furta, que vive fora da lei, ladrão, gatuno, marginal 5 que ou aquele que é sagaz, arguto 5.1 que ou aquele que se vale de astúcia enganosa; finório, espertalhão 6 que ou aquele que simboliza certo personagem-tipo carioca das classes sociais menos favorecidas, no séc. XIX, ligado à capoeiragem e à valentice, e, no séc. XX, dado geralmente como um boêmio sensual, de reconhecida lábia e maneira peculiar de se vestir.”

²⁶ Ver anexo 3.

como um espaço de liberdade, onde as redes de relações sociais são mais espontâneas, sem a necessidade do formalismo e hierarquização das relações no ambiente de trabalho (embora, como veremos, exista na rotina do bar toda uma etiqueta de conduta e formas de hierarquização).

Uma enquete sobre os cafés de Annecy, na região metropolitana de Paris²⁷, mostra comportamento semelhante: os entrevistados, a maioria operários e empregados de indústrias e empresas da região, buscam prioritariamente nos bares exercer uma sociabilidade diferente dos papéis que desempenham no trabalho, diante das autoridades e no lar. Para esses autores, o bar tem, assim, uma função integradora, onde diversas redes de relações sociais se estabelecem e se entrecruzam.

Dumazedier & Suffert, ao mesmo tempo, criticam os estudos sobre bares e cafés, segundo eles impregnados por um viés moralista, onde o discurso médico (como também aponta Mattos) atua na construção de uma visão negativa desses estabelecimentos. Eles sugerem que o problema do bar, como espaço consagrado ao ato de beber, seja analisado do ponto de vista sociológico. E colocam a questão: qual seria a função social e cultural desses estabelecimentos na vida das comunidades onde se situam? Não teriam uma função integradora?

Os dois autores sugerem que o bar seria uma resposta ao isolamento crescente imposto pela vida urbana. Eles relacionam o bar à luta pelo lazer da classe trabalhadora. Desde o início, com as greves pela redução das jornadas de trabalho, até os dias de hoje, a ocupação do tempo livre é uma questão importante. Os dois autores destacam que o lazer foi se especializando à medida que o processo de urbanização cresceu, com o surgimento sobretudo do rádio, do cinema e da televisão. A vida na cidade foi também se transformando, tornando-se cada vez mais individualista e solitária.

Para os autores, o café (assim como o bar ou o botequim), se tornou um dos espaços de encontro e sociabilidade. No caso do Rio de Janeiro, como veremos neste trabalho, os botequins, de um modo geral, se integram à vida da rua, das calçadas, das praças etc, formando um conjunto mais amplo e complexo de lazer. Seja como for, esses tipos de estabelecimentos sempre foram o espaço onde as regras que se estabelecem estão fora do controle formal, como ocorre nos locais de trabalho, nas instituições públicas e no próprio lar. O botequim, conforme destacam

²⁷ Dumazedier, J. & Suffert, A. "Fonctions sociales et culturelles des cafés – Enquête dans une agglomération urbaine: Annecy et ses environs". In Paris. L'Année Sociologique. PUF. 1962, pp. 197-249. Joffre Dumazedier desenvolve pesquisa sociológica sobre a questão do lazer e do ócio. No Brasil, publicou Planejamento do lazer no Brasil: a teoria sociológica da decisão. Sesc, SP. 1980.

as campanhas contra o alcoolismo, se situa entre a fábrica e a casa, como um atalho perigoso e sem volta. Mas ao mesmo tempo, como aponta Chalhoub, é o espaço onde o trabalhador elabora uma visão de si próprio, de seus valores e ideais.

Assim, mais do que o consumo de bebida alcoólica por si só, a frequência ao bar estaria vinculada à instituição do lazer, onde o beber se insere dentro de uma rede de trocas sociais e culturais que constitui, ou pode constituir, um dos elementos mediadores das relações que se estabelecem nesses locais. Spradley & Mann, em sua etnografia de um *american bar*, afirmam: “Os bares são espaços onde lazer e trabalho se sobrepõem, e onde muitas pessoas encontram um lar fora do lar.”²⁸.

Ao mesmo tempo, a maioria dos entrevistados na pesquisa de Dumazedier & Suffert afirma ir ao cafés mais para “fazer contato” do que para beber. Os dois autores destacam que o bar compensa as relações cotidianas impostas pelo trabalho e pelas obrigações sociais em relação à família. Dumazedier & Suffert afirmam: “o lazer se diferencia do trabalho, das obrigações familiares, cívicas ou espirituais. Ele corresponde às ocupações agradáveis livremente escolhidas.”²⁹

Daí uma visão tão negativa do bar, quando visto com os olhos da elite da sociedade emergente, especialmente dos detentores do capital, para quem o lazer das camadas populares era visto como resistência e entrave ao desenvolvimento. Essa idéia é ampliada pelos meios de comunicação de massa. Chalhoub cita, por exemplo, a abertura de uma notícia sobre um crime, publicada nas páginas da seção policial do Correio da Manhã, de 17 de julho de 1906, em plena era Pereira Passos: “Em um botequim [...] na estação do Engenho de Dentro, verdadeira tasca onde se reúnem, à noite, desordeiros e vagabundos, que perambulam pelos subúrbios, promovendo desordens que sempre acabam em terríveis descatos, deu-se ontem uma cena de sangue.”³⁰.

Os preconceitos moralizantes contidos na notícia revelam muito do aspecto negativo ainda hoje presente nas representações em torno do botequim e como a imprensa via (e, em certo sentido, ainda vê) estes lugares. O bar, como espaço de lazer desses homens pobres, desempregados, biscateiros etc. era visto, segundo Chalhoub, como lugar da desordem e da vadiagem, revelando assim o quanto a

²⁸ Spradley, J. P. & Mann, B. J. *The cocktail waitress – Women’s work in a man’s world*. New York, NY. McGraw-Hill. 1975. p. 2. “Bars are places where work and play overlap, and where many people find a home away from home.” Obs.: todas as traduções desta dissertação são livres.

²⁹ Op. cit. p. 216. “Le loisir se différencie du travail, des obligations familiales, civiques et spirituelles. Il correspond à des occupations agréables librement choisies.”

³⁰ Op. cit. p. 256.

freqüência ao botequim era antagônica ao projeto da República emergente que pretendia transformar estes homens em assalariados e ainda hoje está impregnada de um estigma³¹, que relaciona o freqüentador de botequim à imagem do desordeiro, vagabundo e alcoólico.

Com respeito ao alcoolismo, Delma Pessanha Neves vincula a origem da repressão ao consumo de bebida ao movimento de temperança³² do século XIX, sobretudo na sociedade norte-americana. O surgimento de saberes especializados, como o discurso médico, ajudaram a enfatizar os aspectos negativos do beber e isso teria inclusive influenciado os estudos sociais acerca do alcoolismo, onde a ênfase recaiu mais sobre a embriaguez do que o hábito de beber propriamente dito (a abordagem moralista criticada por Dumazedier & Suffert).

Enfocavam-se aspectos de morbidez psicológica e degeneração física, dificultando a compreensão do consumo de bebida alcoólica como um ato social, isto é, constituído de regras, onde o estado de embriaguez é, de um modo geral, como veremos a frente, um abuso dessas regras, que existem e se impõem justamente ante a possibilidade da embriaguez. “Estas regras geralmente englobam quem pode e quem não pode beber, o que se pode beber, em que contextos e em companhia de quem etc.”³³. Veremos inclusive que o manejo do ato de beber e o controle da embriaguez são elementos fundamentais da construção da identidade masculina no espaço do botequim.

E essas regras variam conforme o lugar onde ocorrem. A tolerância em relação a uma pessoa alcoolizada em um bar do Leblon, na zona Sul do Rio de Janeiro, provavelmente será diferente daquela que aconteceria em uma “birosca”, numa favela de subúrbio. Cada sociedade e, dentro dela, cada segmento social estabelece suas formas e usos da bebida alcoólica. Neves cita, por exemplo, o uso em rituais religiosos; como acompanhamento das refeições; como marca de hospitalidade; como mediação em contextos de festividade; como recurso para transpor certos limites da

³¹ O termo “estigma” aqui é usado no sentido empregado por Erving Goffman, como um rótulo social negativo, que identifica pessoas como desviantes, mesmo que seu comportamento não viole normas, ou seja, uma marca que ignora todas as virtualidades, positivas ou negativas, do sujeito.

³² No início do século XIX, o consumo excessivo de bebida alcoólica já era considerado um grave problema social, o que acabou levando à fundação de sociedades de temperança na Europa e nos Estados Unidos, tendo sido a primeira delas fundada em Saratoga, no estado de Nova Iorque, em 1808. Este movimento está na base da Lei Seca, a proibição do transporte, comércio e consumo de bebidas alcoólicas nos Estados Unidos, que durou quase 14 anos, de 29 de janeiro de 1920 a 5 de dezembro de 1933.

³³ Neves, Delma Pessanha. “Alcoolismo: acusação ou diagnóstico?” In IV Reunião de Antropologia do Mercosul. Curitiba, PR. Universidade Federal do Paraná. 1999. p. 2.

realidade (social e individual) etc. O beber para relaxar, para ficar mais desinibido, para “afogar as mágoas”, para socializar, como parte importante da construção da identidade masculina (neste último exemplo, a formação da resistência aos efeitos do álcool é certamente um dos critérios de competência do bebedor) etc. Trata-se de um “catálogo” de usos do beber, como se refere a autora.

O contexto onde se consome a bebida também varia, mas o botequim é o “templo consagrado à alcoolização controlada”³⁴. Essa relação do beber com o bar é fundamental, uma vez que o consumo de bebida alcoólica é sem dúvida uma atividade presente em todos os bares e, portanto, definidora de parte importante do comportamento de seus atores: clientes, fregueses, garçons, donos de botequim etc. Neves é categórica:

A prática de ingestão de bebida cria a mediação para a construção do mundo ideal ou para a reordenação social de segmentos que adotam estilo de vida consonante. Redefine, por exemplo, a vinculação entre certos tipos de trabalhadores, repõe princípios de inclusão e exclusão em determinadas redes sociais, instaurando as formas de pertencimento. Ao definir os *insiders* e os *outsiders* reafirma a diferenciação entre os que aderem e os que recusam os constrangimentos inerentes. Deixa de fora os que não sabem beber, os que adotam a abstinência, mas também os que são identificados como transgressores por incorporarem o uso considerado abusivo ou inadequado. Em conseqüência, o ato social da ingestão da bebida não pode ser estudado sem que sejam levados em consideração os sistemas de crenças no controle do comportamento e da socialização.³⁵

O sistema de crenças que atua no controle do comportamento no bar aparece mediado por regras e etiquetas que testam incessantemente os papéis e a identidade de seus usuários. Este processo de sociabilidade exige determinadas competên-

³⁴ Idem. p. 4

³⁵ idem. p. 5

cias, que variam de lugar para lugar, mas que essencialmente definem o grupo, isto é, o usuário e seus pares. Essas competências são postas à prova e exibidas constantemente, através de bravatas, jocosidades e desafios, podendo inclusive ser fontes de conflito mais ou menos graves. Afinal, elas definem identidades e alianças.

Dessa forma, desdobram-se representações do bar, seja como espaço consagrado à “alcoholização controlada”, como propõe Neves, ou ao lazer e o ócio, como afirmam Dumazedier & Suffert, ou ainda como um “segundo lar” ou um “clube”, como mostram Machado da Silva, Spradley & Mann, entre outros autores consultados a propósito da peculiar dinâmica de interação dessa espécie de *peer group* de freqüentação cotidiana.

No Rio de Janeiro, como de resto parece ser o caso em outras localidades, o botequim é sobretudo o lugar de estar dos homens no espaço público, onde o ideal masculino se afirma e vários aspectos dessa identidade são construídos, negociados, exibidos e constantemente testados, através de um amplo repertório de atitudes. Entre os tantos requisitos que deve reunir, a competência na ingestão de bebida alcoólica é uma exigência das regras de conduta no botequim, sendo, assim, um signo importante de masculinidade. Expressões como: “ela bebe como um homem”, para referir-se à mulher que bebe em demasia ou que simplesmente consome bebida no espaço do bar, é um exemplo do vínculo entre os valores “ser homem” e “saber beber”.

O consumo de bebida alcoólica tem, desse modo, um papel crucial na dinâmica de interação do botequim, sobretudo o de proximidade, cuja integração com a rua e os arredores reflete o esforço coletivo de construção de um mundo ideal a partir da convivência cotidiana, com as mulheres em casa e os homens na rua. Veremos, por exemplo, que mesmo na Adeguinha, onde a presença feminina é comum, esta se dá através dos vínculos com os homens (através de relações de parentesco ou maritais, por exemplo) ou quando as mulheres estão em grupo.

Dumazedier & Suffert, por sua parte, lembram que a maneira de beber varia segundo inúmeros fatores, sendo um deles o comportamento do dono do estabelecimento como mediador das relações sociais que por lá se estabelecem:

(...) no interior de determinados tipos de café (...) existem grandes diferenças na maneira de beber. Essas práticas variam de acordo com a clientela, a ambiência do estabelecimento e so-

bretudo com a *postura do dono do café e de seus funcionários*.³⁶

O dono do botequim é, portanto, a figura central no processo de interação que ocorre ali. Situado no topo da pirâmide hierárquica do bar, compete a ele selecionar quem pode e quem não pode consumir em seu estabelecimento, quem tem direito e em que medida ao crédito etc. Como veremos, nos casos dos botequins de proximidade, esse poder se amplia, extrapolando o espaço do bar. O dono do botequim é uma figura pública que controla não apenas o seu estabelecimento, mas igualmente o espaço adjacente da calçada e da rua. Chico, o dono da Adeguinha, é um exemplo disso.

Nos botequins cariocas, é comum o proprietário selecionar sua freguesia, encarecendo o preço de determinadas bebidas, como a cachaça. Chico recorre com frequência a este expediente. Dispondo de tais recursos, os proprietários influenciam, assim, na formação da clientela tendo como coadjuvante nesta tarefa o garçom, este incontornável mediador entre o dono do bar e sua clientela. Mediação esta de-veras importante, uma vez que a relação entre donos de botequins e seus clientes nem sempre é amistosa, sendo atravessada por inúmeros conflitos entre esses personagens.

Vemos, então, que as representações acerca do botequim estão situadas nos pequenos dramas da vida cotidiana em espaços urbanos como o Rio de Janeiro e têm forte relação com questões de gênero, desvio (através das idéias de vadiagem, malandragem e alcoolismo), dispêndio (muitas vezes exacerbado), ou ainda com a delicada adequação entre crédito e consumo. Constituem, pois, o conteúdo que dá tonalidade emocional ao complexo jogo de regras e etiquetas que definem situações de interação social, desempenhadas nestes lugares públicos que têm dono.

1. 3. O botequim como identidade cultural da cidade

No prefácio do Rio Botequim, o então prefeito Luiz Paulo Conde evidencia uma outra representação acerca desses estabelecimentos, indo no sentido inverso ao dos discursos das autoridades citadas nos trabalhos de Chalhoub e Mattos. Diz

³⁶ Op. cit., p. 214, grifo no original. “À l’intérieur d’une catégorie de cafés (...) il existe de grandes différences dans (...) la consommation des boissons. Ces pratiques varient avec le composition de la clientèle, l’ambiance de l’établissement et surtout *l’attitude du chef d’établissement et de son personel.*”

Conde no prefácio da primeira edição do guia:

Quem nasceu na cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, ou aqueles que nela vivem, com ânimo definitivo, apresentam características comuns: gostam de futebol, samba, carnaval, de jogar conversa fora, de preferência com um copo na mão. Mas é aí, na escolha de seus botequins, que os cariocas realmente se encontram e, ao mesmo tempo, se distinguem.³⁷

O ex-prefeito, ainda no mesmo prefácio, compara o botequim a outros estabelecimentos, emprestando ao primeiro um caráter de identidade onde predomina a intimidade, que faz com que sobreviva à modernização, vista aqui como algo desagregador e diluidor da identidade cultural da cidade:

Todo povo tem em tascas, tabernas, bares, bistrôs, cafés, pubs ou cervejarias um ponto de encontro. Os cariocas curtem o botequim, que transformaram em verdadeira instituição, em qualquer ponto da cidade em que estejam. (...) Os cariocas revelam preferências especiais por determinados pés-sujos, que ainda sobrevivem à proliferação de lanchonetes, cafeterias, comida a quilo e sanduicherias de gosto importado. Os botequins do Rio de Janeiro resistem – alguns parecem imortais – porque têm alma.³⁸

O discurso favorável de Conde vai ao encontro de uma idéia glamourizada do botequim. O projeto da prefeitura pretendia, assim, destacar o botequim como espaço cultural, onde a boêmia da cidade, poetas, compositores e intelectuais se encontravam. Eventos literários e musicais³⁹ aliados à história, arquitetura e gastronomia dessas casas serviram à prefeitura como argumento para destacar este aspecto de identidade carioca. Nessa visão, não há lugar para o botequim como espaço desviante.

³⁷ Op. cit. p. 3

³⁸ Idem. p. 3.

³⁹ A parceria entre Vinícius de Moraes e Tom Jobim, tão marcante para a Bossa Nova, começou em meio às mesas do Vilarino. Ao mesmo tempo, alguns botequins, como o Bip-Bip (Copacabana) e o Bar da Maria (Muda), são conhecidos por suas rodas de samba tradicionais.

Apesar disso, houve uma certa discrepância entre o discurso oficial da prefeitura e a atuação usual de seus agentes, que continuaram enquadrando esses estabelecimentos por uso inapropriado das calçadas, ruído, higiene, entre outras irregularidades. Em outras palavras, a ação dos fiscais permaneceu a mesma e os donos de botequins logo perceberam que o Rio Botequim não representava um, digamos, afrouxamento da ação normativa da prefeitura em relação a eles.

Mesmo assim, a iniciativa de Conde realçou a imagem do bar como um lugar positivo. A própria realização do Rio Botequim nos deu prova desse processo no momento em que emergia. No primeiro ano, antes, portanto, das repercussões na mídia, a equipe de pesquisa – responsável por visitar uma lista pré-selecionada de estabelecimentos e entrevistar o dono, garçons e clientes e fotografar o bar – encontrou muita resistência entre os proprietários dos botequins. Não entendiam que a prefeitura estava querendo fazer um guia de estabelecimentos como aqueles. Achavam que teriam que pagar alguma coisa para figurar no guia, ou então confundiam os pesquisadores com fiscais do município, com quem normalmente têm uma relação conflituosa. Outros se sentiam ofendidos quando os pesquisadores explicavam que se tratava de um guia de botequins: “Mas, meu bar não é um botequim!”, disse certa vez um deles, negando-se a entrar no guia.

Nas edições posteriores, ou seja, após a repercussão do lançamento da primeira edição, praticamente não houve mais resistência. Pelo contrário, os pesquisadores notaram um esforço muito grande por parte dos proprietários dos botequins em mostrar que seus bares eram “de bom nível” e mereciam figurar no guia. As variadas formas de controle que exerciam sobre a clientela eram uma das provas que exibiam, além, é claro, dos atributos gastronômicos e alcoólicos de seus estabelecimentos.

Esses exemplos mostram que essas representações e muitas outras, como veremos adiante nesta dissertação, continuam, de forma naturalizada, associadas ao universo do botequim, muitas vezes inclusive de forma contraditória. O botequim, assim, se tornou parte fundamental da “alma” carioca em contraposição ao lugar do desvio. É interessante observar, que estas visões antagônicas a cerca do botequim continuam presentes e emergem como representações coletivas de uma forma ou de outra, dependendo da circunstância.

Ao todo, nos quatro anos em que o Rio Botequim foi lançado (o projeto foi descontinuado após a mudança de gestão na prefeitura), foram visitados cerca de 400 bares. Além dos “50 bares e botequins com a alma carioca”, em cada edição

foram acrescentados apêndices que variavam por edição. Nesses capítulos extras estavam os botequins dos bairros portuários do Rio: Santo Cristo, Gamboa e Saúde; os bares da Lapa; biroschas de favelas etc.

Além de visitar boa parte desses estabelecimentos, fui responsável pela redação dos textos do guia. Durante esse processo, comecei a perceber que esses lugares tinham uma importância não apenas como identidade cultural da cidade, como o ex-prefeito buscou ressaltar, mas sobretudo como ponto de encontro onde as pessoas atualizavam importantes redes de sociabilidade e construía um tipo muito mais íntimo de identidade, com valores como ser homem, trabalhador e questões como honra, respeito etc, sobretudo nos botequins freqüentados pelas chamadas classes populares.

Os exemplos disso eram numerosos na pesquisa para o Rio Botequim. Ela, porém, consistia em um levantamento exploratório sem rigor científico, com generalizações baseadas no talento e sensibilidade dos pesquisadores. Mesmo assim, permitiu que eu transitasse por esse rico universo e despertou em mim o desejo de levar adiante o desafio de tentar desvendar, para usar um termo emprestado do Rio Botequim, um pedaço da “alma” desses estabelecimentos singulares.

1. 4. Tema, objeto e metodologia

Com os dados do *survey* do Rio Botequim, me impus o desafio de aprofundar o tema dentro da academia, entrando para o Programa de Pós-Graduação em Antropologia e Ciência Política (PPGACP), da Universidade Federal Fluminense (UFF). Delimitei como objeto de pesquisa um botequim de proximidade e as relações de reciprocidade existentes entre o grupo que o freqüenta no processo cotidiano de interação social. No trabalho de pesquisa, procurei captar a dinâmica da construção da realidade na Adeguinha, freqüentando com assiduidade, tomando parte nas conversas, me integrando ao convívio diário do grupo de fregueses assíduos, enfim, realizando o que, na teoria sociológica, chama-se observação participante.

O processo de observar, descrever e interpretar que marca as rotinas do trabalho de campo trouxe para mim problemas importantes, pois estava acostumado, desde a realização do Rio Botequim, a me contentar com um tipo de informação e de dados, que hoje considero superficiais, e que, no entanto, pareciam satisfazer plenamente os objetivos então pretendidos. Subestimei as implicações que esta espécie de “deformação” profissional iria ter daí em diante no meu trabalho. Foi difícil suplan-

tar a ilusão das evidências primeiras.

Pode-se dizer que no *survey* estava buscando valorizar e destacar a idéia do botequim como um espaço de boemia, que, além disso, serviria como expressão de um aspecto da identidade da cidade. Assim, os 50 botequins do guia, independente de sua ampla diversidade, compunham uma massa homogênea do que seria a “alma” carioca. Em outros termos, tratava-se de um trabalho que envolvia o uso da licença poética e a celebração de anedotários relacionados a esses tipos de estabelecimentos.

Ao mesmo tempo, o fato de ter uma formação como jornalista influiu no meu desempenho. Se por um lado facilitou, com o uso de técnicas como a do *lead*⁴⁰, a desenvoltura no campo e a redação dos dados observados, por outro, experimentei dificuldades na construção de um arcabouço teórico que me permitisse trabalhar de forma eficiente o material etnográfico. Percebi que havia recolhido muitos dados e sistematizá-los se tornou um desafio. Pressionado pela exigüidade do prazo, precisei com urgência reeducar o meu olhar e aprender um novo ofício, processo que vem acontecendo paulatinamente, ao ritmo de meu amadurecimento pessoal.

Esta dissertação é, portanto, uma tentativa de apresentar e interpretar os dados recolhidos através da observação participante num botequim da zona Sul do Rio de Janeiro. A leitura de outras etnografias muito me enriqueceu. Entretanto, foi sobretudo o artigo de Luiz Antonio Machado da Silva, onde ele analisa dois botequins freqüentados por uma clientela das chamadas classes populares, que funcionou como um contraponto importante para a minha etnografia, pois diferentemente do seu material, a Adeguinha é um bar de freqüência mista, num bairro de classe média.

Além das dificuldades que marcaram minha iniciação no ofício, percebi que o trabalho etnográfico, diferentemente da atividade jornalística, visa a captar a realidade construída por determinado grupo social – seja uma sociedade aborígine da Austrália ou os freqüentadores de um botequim da zona Sul carioca – e interpretá-la segundo seus próprios parâmetros. Realidade, entretanto, complexa pois envolve várias e distintas dimensões e pontos de vista que emergem do grupo estudado, ou seja, do dono do bar, dos seus empregados, dos clientes eventuais, dos fregueses assíduos, dos moradores da vizinhança, das autoridades municipais, agentes do

⁴⁰ A técnica do *lead* consiste em seis perguntas – o quê, quem, como, quando, onde e por quê – que o repórter deve fazer para apurar uma notícia. As respostas a estas perguntas devem estar no primeiro parágrafo, isto é, na abertura da matéria, num texto sem adjetivos. Trata-se de uma técnica do jornalismo norte-americano, que, a partir dos anos 50, passou a influenciar o jornalismo brasileiro. Hoje em dia é contestada por personalidades, como o escritor Gabriel García Marquez, que vêem no texto substantivo um entrave ao pleito do ofício jornalístico como uma especialidade literária.

poder público etc.

Cada segmento com sua visão própria de mundo e, por que não, do botequim que frequenta, em particular. Visão esta que é negociada na construção da realidade cotidiana. É uma negociação que acontece muitas vezes de forma inconsciente ou apreendida como algo corriqueiro e natural. Outras vezes é resultado de conflitos e disputas, em que estão em jogo, mais do que valores em si, uma espécie de consenso através da definição do que seja essa realidade que, como vimos, é composta de várias interpretações superpostas. As regras e etiquetas que organizam as práticas sociais são constantemente postas à prova aí, numa incessante negociação da ordem social que busca, como aponta Goffman, definir a situação de interação entre os indivíduos⁴¹.

Goffman utiliza a metáfora do teatro como instrumento para interpretar a interação dos grupos sociais. Nesta dissertação usei estes conceitos para descrever e interpretar os dados obtidos empiricamente. Na abordagem dramaturgica, as interações sociais são como uma produção teatral ou como peças sendo apresentadas, consistindo de performances individuais e de grupos em um complexo jogo de cena, onde os atores assumem papéis.

No caso do botequim aqui examinado, este tipo de recurso se encaixa perfeitamente. A Adeguinha, por exemplo, é o cenário, isto é, o ambiente onde transcorre a interação entre os diversos atores e a platéia. Ao mesmo tempo, Chico, como dono do estabelecimento, atua sob um consenso operacional, o que significa dizer que a legitimidade é garantida pelo grupo a um indivíduo para definir determinadas situações. Este consenso sobrevive a algumas situações de conflitos e impasses e é exercido legitimamente pelo proprietário da Adeguinha, como uma das personagens centrais dessa dramaturgia cotidiana dos frequentadores de um botequim.

A escolha da Adeguinha como campo empírico de minha pesquisa etnográfica atendeu prioritariamente a critérios de conveniência. Localizada próximo à minha residência, pude frequentá-la com assiduidade. Além disso, já estabelecera contato com seu proprietário, em decorrência da enquete e pude estabelecer certo tipo de ligação, desenvolvida durante as pesquisas para o Rio Botequim.

Ao realizar o trabalho de campo, procurei me integrar com os fregueses assíduos e estabelecer uma sólida relação com eles e com Chico. Pouco a pouco, fui

⁴¹ Goffman, Erving. A representação do eu na vida cotidiana. 8ª edição. Petrópolis, RJ. Editora Vozes. 1975. A propósito desta mesma questão ver ainda Berger, Peter & Luckmann, Thomas. A construção social da realidade. 21ª edição. Petrópolis, RJ. Editora Vozes. 1985.

consolidando uma relação de proximidade crescente com eles e com o próprio Chico. Sabiam que eu era jornalista e, em princípio, pensaram que minha obsessão por tudo anotar numa caderneta de campo era simplesmente material para alguma reportagem.

À medida que o tempo desses nossos encontros foi se desenvolvendo num crescendo, as perguntas sobre meus estranhos afazeres iam se tornando cada vez mais diretas e explícitas. Finalmente, declarei em alto e bom tom minhas reais intenções. A revelação de propósitos tão somente acadêmicos acabaram por me integrar generosamente ao grupo, pois alguém que “está fazendo um trabalho para a universidade” precisaria de complacente compreensão.

Realizei pouquíssimas entrevistas formais com meus amigos de bar, praticamente todas as informações foram obtidas durante nossas conversas. A atmosfera e uma certa resistência de meus companheiros interditaram-me o uso de gravador. Não que alguém me tivesse proibido de fazê-lo, mas certamente não seria uma opção mais adequada. Nas conversas desarmadas, mesmo quando estava clara a minha condição de pesquisador, obtive muitas e esclarecedoras informações.

O fato de ter dispensado a parafernália de gravadores e câmeras fotográficas, ou mesmo de ter passado a fazer minhas anotações de modo mais discreto, reservando para isso uma ocasião mais propícia, fez com que meus interlocutores se sentissem mais à vontade, sem a rigidez das situações formais. Não saberia avaliar com a precisão dos métodos e técnicas de pesquisa minha escolha. Devo admitir, no entanto, que as limitações dessa opção, pelo menos no meu caso, são basicamente fisiológicas: a memória. Mas, felizmente, pude voltar quase sempre aos assuntos e temas em diversas ocasiões, permitindo confirmar e perceber inconsistências e contradições.

Cabe ressaltar ainda, com relação aos meus companheiros desta jornada de balcão, que, à exceção de Chico e Júnior, os demais nomes dos atores que aparecem nesta etnografia foram substituídos para preservar a privacidade dos fregueses da Adeguinha.

As técnicas jornalísticas de entrevista me foram de grande auxílio não apenas na elaboração e condução das perguntas, mas igualmente no registro das respostas. Também utilizei fotografias como material relevante, não apenas em relação à Adeguinha, mas também com respeito a outros bares. Mesmo assim, o grosso do material etnográfico veio da observação direta e sobretudo da convivência, onde o maior desafio foi o de estranhamento e desnaturalização dessa experiência corri-

queira das coisas do mundo da vida.

Se, por um lado, a escolha da Adeguinha se mostrou conveniente, devido às limitações de tempo, por outro, apresentou-se como uma opção acertada, rica em material etnográfico pertinente aos objetivos da pesquisa. Comecei a me dar conta disso ao selecionar uma bibliografia sobre botequim, tarefa que se mostrou surpreendentemente árdua. Do material pesquisado, o único trabalho que tomava o botequim efetivamente como objeto de estudo fora o artigo de Machado da Silva.

E, nesse aspecto, a escolha da Adeguinha também teve o mérito de possibilitar um diálogo complementar com este texto, publicado em 1978. já que os dois bares estudados por ele eram freqüentados basicamente por gente das camadas populares. A Adeguinha, por outro lado, é um comércio de proximidade, em um bairro de classe média do Rio de Janeiro, atraindo um público variado, mas com predomínio dos moradores dos arredores. Este fato tornou possível estabelecer um proveitoso diálogo com a etnografia e as referências e sugestões avançadas por Machado da Silva.

Embora o foco principal desta etnografia seja a Adeguinha, convém lembrar ao leitor que a experiência do Rio Botequim além de permitir uma apreensão mais em filigrana dos processos sociais sob descrição, proporcionou calibrar mais adequadamente o uso de ferramentas analíticas que procurei empregar com o objetivo de responder as questões, ao longo da pesquisa, que foram se impondo de modo incontornável ao etnógrafo.

1.5. A Adeguinha no universo dos botequins

Ao levantar o material bibliográfico para a realização desta dissertação constatei que a maioria dos trabalhos sociológicos e de antropologia urbana que abordavam o botequim, o faziam a partir de interesses mais amplos, como para estudar questões de gênero, alcoolismo, ocupação urbana, prostituição, violência urbana etc. Um dos poucos trabalhos, talvez o único, a escolher o botequim como objeto em si, isto é: a partir do que ele representa para as pessoas que o freqüentam, foi o já clássico artigo “O significado do botequim”. É como se o botequim, por si só, não fosse um tema importante para as ciências sociais. O próprio Machado da Silva inicia seu artigo justificando-se:

Esse é um tema que pode ser considera-

do, até certo ponto com razão, como irrelevante. De fato, com a variedade de desafios que se apresenta ao sociólogo, estudar o botequim por si só, não apenas carece inteiramente de sentido, como chega mesmo a ser risível. Porém [...] acredito que ficará demonstrado que o botequim desempenha importante papel na vida de ponderável parcela do que se costuma chamar “a massa”. É justamente esse papel que procuro explicar⁴².

Um desses papéis a que o sociólogo se refere é certamente o de sociabilidade, como veremos no caso da Adeguinha. Em sua etnografia sobre um gueto de Chicago, Elijah Anderson mostra que os bares situados nas áreas mais pobres dos grandes centros urbanos americanos equivalem aos clubes sociais das classes mais abastadas. São importantes espaços de reunião e encontro para essas populações. Do mesmo modo, Guedes⁴³ aponta o papel do botequim como extensão do campo de futebol, onde os rituais de identidade masculina acontecem. Duneier, que estudou as relações de raça e respeito na interação dentro de uma cafeteria também em Chicago⁴⁴, reforça ainda este aspecto de sociabilidade em relação ao componente de segregação racial norte-americano. Anderson diz que um bar, num bairro pobre ou num gueto, pertence à sua vizinhança:

As pessoas pobres, da classe trabalhadora urbana, tendem a experimentar seus bares locais como algo muito mais do que meros estabelecimentos comerciais. Eles estabelecem os parâmetros para uma sociabilidade e lugares onde os moradores das rendondezas podem reforçar sua auto-estima.⁴⁵

⁴² Op. cit., 1978, p. 79.

⁴³ Guedes, Simoni Lahud. “O espaço do jogo” In Guedes, S. L. Jogo de corpo. Niterói, RJ. Eduff, 1997. p. 131-155.

⁴⁴ Duneier, M. Slim’s table – Race, respectability, and masculinity. Chicago. The University of Chicago Press. 1992.

⁴⁵ Anderson, Elijah. A place in the corner. Chicago. 8th ed. The University of Chicago Press. 1976. p. 79. “The urban poor and working classe people are likely to experience their local taverns as much more than commercial businesses. They provide settings for sociability and places where neighborhood residents can gain a sense of self-worth.”

Segundo Anderson, são os freqüentadores assíduos com os proprietários e empregados que estabelecem as regras de conduta, convivência e sociabilidade, e quando sentem que estes valores estão sendo ameaçados os defendem com firmeza. Por outro lado, Machado da Silva, ao estabelecer uma distinção entre o botequim e as demais casas de bebidas, aponta algumas características, sendo a principal delas, para ele, a classe social dos freqüentadores. Veremos, no entanto, que, com algumas diferenças, estas características de sociabilidade também estão presentes em botequins freqüentados pela classe média, como a Adeguinha.

É possível e até relativamente comum encontrar no Rio de Janeiro, e o *survey* do Rio Botequim mostrou isso, bares que são freqüentados por pessoas de classe média, com o mesmo sentido de espaço de sociabilidade e conagração. O próprio autor do “Singificado do botequim” afirma que a especialização do botequim pode atuar como elemento de atração das camadas médias para o seu círculo de freqüentadores. Os bares populares que têm rodas da samba são exemplo desse tipo de especialização a que se refere Machado da Silva. Mas a freqüência assídua das camadas médias aos botequins também se explica pela proximidade destes em relação ao bairro onde está situado, servindo de espaço de importante sociabilidade.

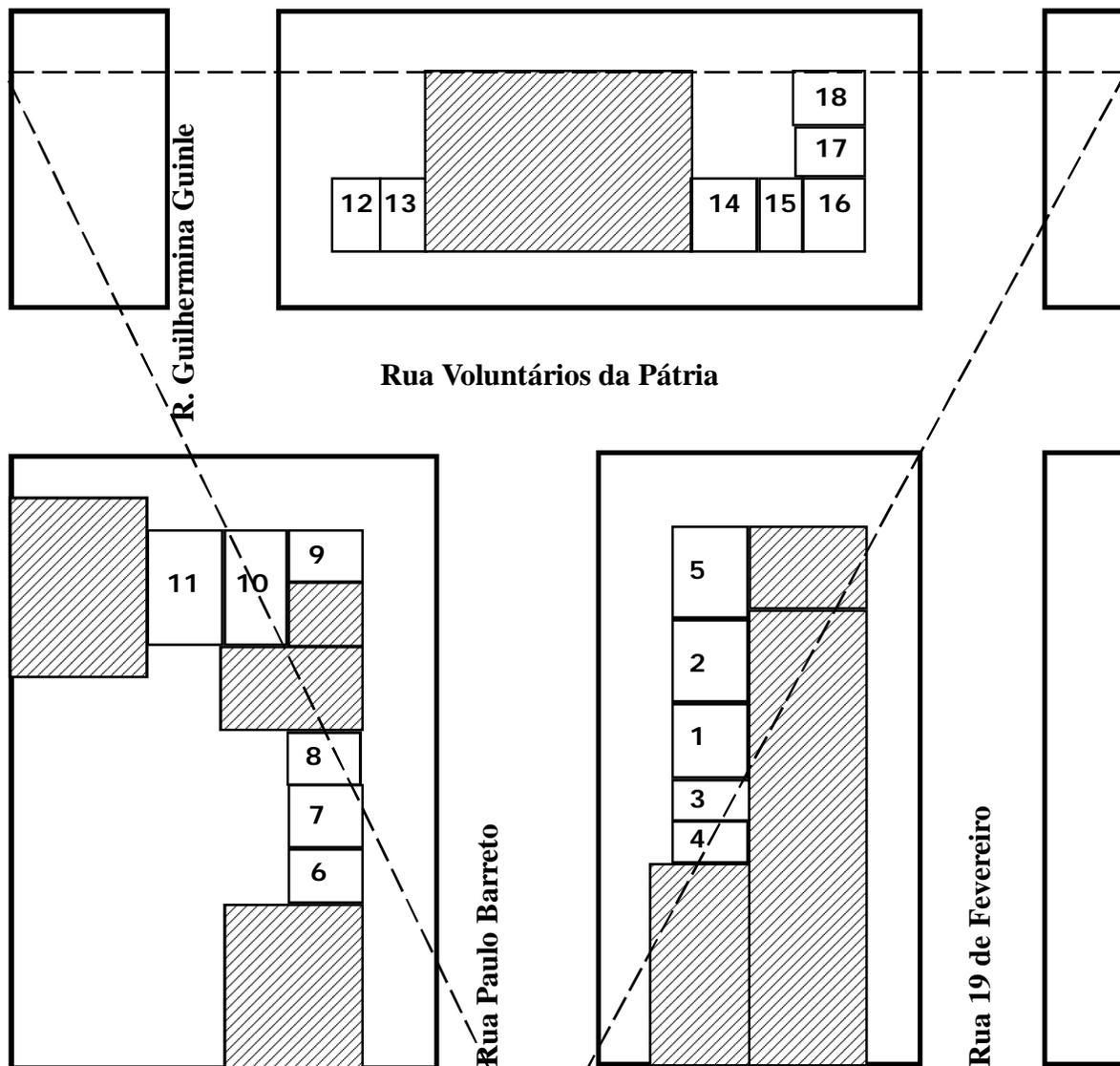
Bares de proximidade, localizados em bairros residenciais, também atraem os moradores dos arredores com esse sentido de clube local, como apontado por Anderson, Santos, Mello & Vogel e Guedes. No caso de cidades como o Rio de Janeiro e Niterói, onde os bairros mais ricos também abrigam populações carentes e as ruas apresentam uma relativa interação de camadas sociais distintas, não é incomum que os botequins apresentem uma freqüência relativamente misturada, embora haja sempre a predominância de um ou outro grupo social, dependendo do bar e de sua localização.

É mais comum, na verdade, que membros da classe média freqüentem botequins populares do que o oposto, já que vários mecanismos são postos em prática, sobretudo pelo dono do estabelecimento, para inibir a presença dos segmentos mais pobres em bares de classe média. Na Adeguinha, Chico, por exemplo, controla a freqüência de seu bar especialmente através dos preços que cobre pelos produtos. Esta é a arma mais eficaz para garantir uma freguesia “seleta”. Sua dose de cachaça, por exemplo, custa muito mais cara do que a dos botequins concorrentes da mesma rua. “Quando um pé-de-chinelo entra na Adega e pede um dose de cachaça, digo logo o preço”, afirma Chico. “E quando o sujeito reclama, aviso que no botequim em frente custa a metade.” Depois de refletir um pouco, Chico se justifica: “Não

quero esse tipo de cliente, que cospe no chão e não tem educação.”

Para o dono da Adeguinha, o controle da frequência está diretamente ligado à sobrevivência de seu negócio. A imagem da Adeguinha como um bar “família”, diferente dos outros pés-sujos das redondezas, e que atrai “gente de bem” é fundamental para o papel que ele projetou para si no bairro. Papel em relação ao qual, Chico tem pouca consciência. Graças principalmente ao seu desempenho, a Adeguinha funciona como um clube, com suas regras e etiquetas de conduta naturalizadas por todos os seus fregueses assíduos. .

O TRIÂNGULO DA ADEGUINHA (Fig. 2)



1. Adeguiha, parte principal (onde fica o balcão, a cozinha, o caixa, a chapa e a chopeira)
2. Adeguiha, salão (com ar-condicionado e televisão e banheiro feminino)
3. Adeguiha, depósito (onde Chico guarda as mesas de plásticos e barris usados de chope)
4. Cabelereiro unisex
5. Farmácia
6. Botequim concorrente
7. Cabelereiro unisex
8. Boutique
9. Sorriso de Botafogo, lanchonete de Chico
10. Botequim
11. Loja de ferramentas importadas
12. Pizzaria
13. Pizzaria
14. Loja de ferragens
15. Loja de material elétrico
16. Lanchonete (casa de sucos)
17. Sapataria (consertos)
18. Botequim

 Prédios residenciais ou comerciais

2. CAPÍTULO I

ADEGA DA VELHA: CENÁRIOS, ATORES E PLATÉIA

*Cliente educado não diz palavrão,
não pede fiado, não cospe no chão
(Cartaz típico de botequim)*

2. 1. O triângulo da Adeguinha

Robert Ezra Park afirma que a cidade não é apenas um aglomerado de moradias ocupando um espaço geográfico determinado. Para ele, além de geográfica, a cidade é também a sua integração ecológica e econômica. “A cidade não é meramente um mecanismo físico e uma construção artificial. Está envolvida nos processos vitais das pessoas que a compõem; é um produto da natureza, e particularmente da natureza humana”⁴⁶.

Sob este ponto de vista, a cidade é o entrecruzamento de seu aspecto físico com o plano moral de seus habitantes. “A cidade está enraizada nos hábitos e costumes das pessoas que a habitam. A consequência é que a cidade possui uma organização moral bem como uma organização física, e estas duas interagem mutuamente de modos característicos para se moldarem e modificarem uma a outra”⁴⁷.

É possível, pois, afirmar que a cidade é a imagem e semelhança dos indivíduos que a constituem, e estes são moldados pelas características ecológicas, econômicas e geográficas da metrópole. Em outras palavras, a cidade possui uma identidade, sendo esta identidade o reflexo da interação contínua entre os planos físico e moral que a compõem.

Uma metrópole como o Rio de Janeiro, com sua história peculiar, apresenta uma grande complexidade, com divisões morais, econômicas e geográficas. Seus bairros possuem características que expressam essa complexidade. Assim, é possível, por exemplo, falar de um conservadorismo tijucano, ou que na Barra da Tijuca, que não possui esquinas, seus habitantes vivem mais isolados e dispersos. Os bairros, por sua vez, podem ser divididos em unidades ainda menores, que Park chama de vizinhança: a menor unidade local na organização social e política da cidade.

Segundo ele, “proximidade e contato entre vizinhos são as bases para a mais simples e elementar forma de associação com que lidamos na vida cidadina”⁴⁸. Assim, se por um lado é possível falar em identidade como expressão coletiva da cidade ou de parte dela, é igualmente importante perceber que, no plano de relações de proximidade, os indivíduos representam múltiplos papéis e interação de forma bas-

⁴⁶ Park, Robert Erza. “A cidade: sugestões para uma investigação do comportamento humano no meio urbano”. In Velho, O. G. (org.) O fenômeno urbano. Rio de Janeiro, RJ. Zahar Editores. 1967, p. 29

⁴⁷ Idem, p. 32

⁴⁸ Idem, p. 34

tante diferenciada.

O contato entre moradores que repartem a mesma região acontece segundo uma série de regras de convivência e conveniência, muitas de tal forma naturalizadas que pouco se tem consciência delas. São as etiquetas, boas maneiras e rituais de posturas no espaço público compartilhado. Os indivíduos desempenham na cidade inúmeros papéis, que são alternados de forma automática e muitas vezes inconsciente, segundo as circunstâncias em que se encontram.

Assim, na dinâmica imposta pelo dia-a-dia da cidade, o indivíduo se fragmenta assumindo inúmeras posições que são negociadas na interação com o outro (seja esse outro indivíduo ou grupo), num constante entrecruzar de planos e fronteiras. Essa interação visa a estabelecer as regras, ainda que momentâneas e fluidas, de cada encontro específico entre pessoas e grupos.

Ao mesmo tempo, diante da fragmentação imposta pela vida na cidade, o indivíduo se protege, quer adotando uma atitude blasé, como observou Simmel⁴⁹, quer projetando impressões sobre suas competências, como mostra Goffman⁵⁰. Para Michel de Certeau, essas regras são o resultado de uma dupla articulação: o comportamento dentro das atitudes de conveniência e a expectativa de prêmio por essa atuação.

Tal recompensa é o que De Certeau chama de “benefícios simbólicos” que são partilhados por todos aqueles que dividem um espaço de proximidade. Nesse contexto, o bairro seria o lugar onde acontece um “engajamento social ou, noutros termos, uma arte de conviver com parceiros (vizinhos, comerciantes) que estão ligados [...] pelo fato concreto, mas essencial, da proximidade e da repetição”.⁵¹ A conveniência para De Certeau é o compromisso que o indivíduo assume de renunciar às suas pulsões individuais e anárquicas em prol da vida coletiva.

Esta renúncia, marcada pela expectativa de uma compensação futura, se estabelece como um contrato social, ao qual o indivíduo se submete para que a vida coletiva seja possível. Daí o peso coercitivo que tais etiquetas e comportamentos têm. O prêmio, enfim, é o reconhecimento que o indivíduo obtém de seus pares. Ser considerado é, assim, um dos principais elementos definidores do status de um indivíduo em seu meio social.

⁴⁹ Simmel, Georg. “A metrópole e a vida mental”. In Velho, O. G. O fenômeno urbano. Rio de Janeiro, RJ. Zahar Editores. 1967, p. 13-28.

⁵⁰ Op. cit.

⁵¹ Certeau, Michel de., Giard, Luce & Mayol, Pierre. A invenção do cotidiano. 2. Morar, cozinhar. Petrópolis, RJ. Editora Vozes. 1997, p. 39.

Para Michel de Certeau, esse status tem a ver com a identidade do grupo e do indivíduo, que é estabelecida pelo que ele denomina “prática social”, isto é:

A combinação mais ou menos coerente, mais ou menos fluida, de elementos cotidianos concretos (menus gastronômicos) ou ideológicos (religiosos, políticos), ao mesmo tempo passados por uma tradição (de uma família, de um grupo social) e realizados dia a dia através de comportamentos que traduzem em uma visibilidade social fragmentos desse dispositivo cultural, da mesma maneira que a enunciação traduz na palavra fragmentos de discurso. Prático vem a ser aquilo que é decisivo para a identidade de um usuário ou de um grupo, na medida em que essa identidade lhe permite assumir o seu lugar na rede das relações sociais inscritas no ambiente.⁵²

É a identidade resultante da prática social que estabelece os direitos e deveres que regem o indivíduo nas suas interações e determinam seu status. Segundo Goffman, status, posições e papéis são usados alternadamente para situar o lugar do indivíduo em determinado processo de interação. No plano da proximidade e da repetição se definem a prática social e identidade que vão caracterizar o lugar, lembrando sempre que esse processo é dinâmico e portanto mutável. A etnografia de Sabine Chalvon-Demersay⁵³ sobre o bairro XIV^{eme}, em Paris, nos dá um exemplo interessante da fluidez e dinâmica da prática social que determina a identidade do bairro. O XIV^{eme} é um bairro contíguo a Montparnasse que, por suas características de vida tradicional mantinha, no período em que a pesquisa de Chalvon-Demersay foi realizada, um contraste com os bairros vizinhos. Suas habitações e, sobretudo, o modo de vida de seus moradores, artesões e operários, atraíram jovens de classe média em busca de uma vida mais tradicional. A idéia era que o pequeno bairro resistia às transformações urbanas que afetavam o resto da cidade. No entanto, a expectativa de integração dos novos moradores logo se frustrou, esbarrando na profunda diferença de valores e modos de conveniência.

⁵² Idem, p. 39-40.

⁵³ Chalvon-Demersey, Sabine. Le triangle du XIV^{eme} – Des nouveaux habitants dans vieux quartier de Paris. 2^e édition. Paris.. Édition de la Maison des sciences de l’homme. 1984.

A jovem estudante que anda nua em casa, ferindo a pudicícia dos moradores tradicionais; os horários de visitação dos novos habitantes, à noite e de madrugada, quando os antigos moradores já estavam recolhidos em suas moradias; enfim, centenas de pequenos desencontros cotidianos fizeram com que a tal imaginada integração não acontecesse. Os jovens moradores começam a se sentir invasores de um espaço que idealizavam. Descobrem, por exemplo, que o café oferecido no bistrô da esquina não se tratava de cortesia e boas-vindas, mas sim de uma corriqueira estratégia de venda adotada com estranhos.

Logo, os novos moradores começam se sentir isolados e convencem os amigos a se mudarem para o bairro. Ao mesmo tempo, os moradores tradicionais, sentindo-se invadidos vão aos poucos mudando-se para outras localidades. A pesquisa de Chalvon-Demersey mostra que começa a haver uma equivalência numérica entre velhos e novos moradores e o perfil do bairro muda completamente, perdendo as características que o diferenciava dos bairros vizinhos.

Isto nos remete à idéia de Michel de Certeau, segundo a qual a cidade e seus bairros são um emaranhado de códigos que o usuário não domina completamente, mas que tem que dominar para poder sobreviver, especialmente diante das mudanças aceleradas do urbanismo e suas conseqüências. Assim, “o bairro é uma noção dinâmica, que necessita de uma progressiva aprendizagem, que vai progredindo mediante a repetição do engajamento do corpo do usuário no espaço público até exercer aí uma apropriação”⁵⁴.

Tal processo acontece de forma naturalizada e portanto é quase sempre invisível, porém sua força é concreta. Pode-se dizer que o bairro é o resultado da privatização que seus moradores fazem dele. Essa privatização do espaço público, como vimos, é progressiva e dinâmica e, portanto, está sempre, de algum modo, em transformação.

Ao levar em conta essas considerações, podemos dizer que Botafogo é um bairro singular em vários aspectos. Sua história remonta a 1590, quando João Pereira de Souza Botafogo comprou as terras que haviam sido doadas a Antônio Francisco Velho por Estácio de Sá, como recompensa por sua atuação na luta para expulsar os franceses do Rio de Janeiro. Até o século XVII, a região foi apenas uma área rural, ocupada por chácaras e servindo de passagem entre o Catete e a Praia Vermelha, de um lado, e a Lagoa Rodrigo de Freitas (na época, Lagoa de Sacopenapã), de

⁵⁴ Op. cit. p. 42.

outro.

À medida que a cidade se expandia do Centro para a Zona Norte, o futuro bairro continuou pouco ocupado até o início do século XIX. A partir daí, um lento porém firme processo de ocupação desde o Centro, Glória e Catete foi urbanizando Botafogo, dando ao bairro ruas e mansões. A chegada da família real, em 1808, acelerou o processo. A esposa do rei Dom João VI, Carlota Joaquina, construiu uma mansão em Botafogo, atraindo a aristocracia local para o bairro. De área rural, Botafogo ganhou o status de uma região nobre e glamourosa. Em seu livro “Vida urbana”, Lima Barreto dá bem a dimensão aristocrática do bairro: “O Rio é Botafogo, o resto é a cidade indígena, a cidade negra”.

A chegada dos bondes que ligavam o Catete à Lagoa Rodrigo de Freitas, facilitando a circulação no bairro, a construção do cemitério São João Batista, em 1852, entre outros eventos, foram acelerando o processo de ocupação de Botafogo, assim como transformando o seu perfil. A partir do século XIX, em torno de suas duas principais artérias, as ruas São Clemente e Voluntários da Pátria, o bairro criou um intenso movimento de circulação, sendo chamado por muitos um bairro de passagem.

No entanto, em suas ruas mais periféricas, o caráter de bairro residencial de classe média começa a se forjar através da ocupação por famílias de trabalhadores assalariados, funcionários públicos, militares, profissionais liberais entre outros. Ao mesmo tempo, os morros do bairro começam a receber moradores pobres, oriundos sobretudo do Nordeste.

A partir da década de 1940, Botafogo começa a experimentar uma ocupação mais intensa e desordenada, com a demolição dos velhos sobrados e mansões para dar lugar a edifícios. O auge desse processo ocorre nas décadas de 1970 e 1980. Até hoje, no entanto, os moradores do bairro, através de suas entidades representativas, lutam contra a indústria imobiliária, que continua derrubando velhos casarios do bairro, destruindo memória e modificando o estilo de vida de seus moradores. Esses conflitos são retratados com regularidade nos principais jornais da cidade.

Algumas áreas de Botafogo, no entanto, ainda preservam um estilo de vida de bairro integrado e próximo, especialmente nas vias em torno da rua Arnaldo Quintela, onde boa parte dos velhos sobrados e vilas ainda está em pé e a vida nas calçadas é marcada pela proximidade entre seus moradores, comerciantes e demais atores. A rua Paulo Barreto, onde está localizada a Adeguinha, liga a movimentada rua Voluntários da Pátria a este pedaço mais remoto de Botafogo, mantendo, assim, resquíci-

os de uma dinâmica vida em comum de seus moradores. É nesse contexto que se situa o botequim de Chico.

Ao relacionar a característica do bar segundo a frequência do freguês, pode-se afirmar que existem, em diferentes graus, os botequins de passagem e os de proximidade. Este último tipo apresenta uma freguesia constante e conhecida do dono do estabelecimento, normalmente compondo parte do ambiente residencial. São bares onde os moradores dos arredores e o dono do estabelecimento se conhecem e estabelecem uma ligação através do comércio.

E essa interação normalmente ultrapassa os limites de uma relação meramente comercial. Marcadas por ritos e etiquetas, ela serve como forma de controle das vidas em comum e das moralidades públicas; de construção das várias identidades sociais; do estabelecimento de formas de lealdade, camaradagem e confiança; etc. Ao mesmo tempo, esses estabelecimentos se relacionam com outros, formando uma complexa rede de comércio de rua (formal e informal) que, por sua vez, faz parte da vida ao bairro.

Com a expansão de Botafogo, o velho casario da rua Paulo Barreto foi dando lugar a edifícios gradeados, equipados com porteiro eletrônico e outros dispositivos tecnológicos que ajudam a separar de forma mais absoluta os espaços entre o lar e a rua. O isolamento dos moradores em relação ao uso das calçadas é um dos processos sociais que se observa na Paulo Barreto, fruto de uma lógica assustada de ocupação urbana, diante dos altos índices de violência da cidade.

Com o isolamento da rua, como aponta Jane Jacobs, esta se torna mais insegura, criando um círculo vicioso, cujo ápice são os imensos condomínios residenciais em bairros planejados, onde praticamente não existe vida nas calçadas⁵⁵. Do condomínio para o shoppingcenter, onde estão os restaurantes, cinemas, boates, cabelereiros, academias etc; destes últimos para o hipermercado; de lá, para o trabalho ou a escola; e, no fim do dia, de volta ao condomínio.

Em Botafogo, como em outros bairros da cidade, esse processo de ocupação ainda não conseguiu eliminar completamente a vida nas calçadas e, nesse aspecto, botequins como a Adeguinha têm um papel fundamental. Na Paulo Barreto, os moradores dos edifícios ao redor da Adeguinha saem à rua para os rituais de interação social que o bar permite que ocorram.

O trecho que descrevo como “Triângulo da Adeguinha” (ver fig. 2) engloba uma variedade de estabelecimentos comerciais, formais e informais, que ajudam a

⁵⁵ Ver Jacobs, Jane. Morte e vida de grandes cidades. São Paulo SP. Martins Fontes, 2001.

estabelecer os usos das calçadas e do espaço público. Durante o dia, a vida da rua apresenta uma dinâmica aparentemente nervosa, com uma intensa circulação de moradores do local, transeuntes de passagem, trabalhadores de empresas da área etc.

É difícil ao observador ocasional ou apressado perceber as interações cotidianas que ocorrem no trecho e que fazem parte da vida da rua. Chico, por exemplo, se relaciona com os demais comerciantes, onde a troca de simples favores, como guardar coisas em sua loja ou tomar conta da barraca da vendedora ambulante de roupas, enquanto ela vai ao banheiro, são exemplos. Nem todas as relações são cordiais. Há muita rivalidade, por exemplo, entre Chico e o dono do botequim em frente à Adeguinha. Mas suas críticas ao concorrente são feitas em conversas mais ou menos reservadas, para uma platéia seleta. Os favores de Chico podem se estender a estranhos, como permitir o uso dos banheiros a entregadores de barris de chope.⁵⁶

Durante o dia, os garçons da Adeguinha, especialmente Rogerinho, e as empregadas do salão de beleza contíguo ao bar de Chico conversam. Normalmente são comentários sobre notícias ou novelas de televisão, mas sempre num tom jocoso e com muitas bravatas. As brincadeiras são extremamente maliciosas e repletas de insinuações sexuais, num jogo mútuo de sedução. Mas cada grupo permanece em seu território. Nenhuma das meninas do salão vai ao bar e vice-versa. Já as duas vendedoras ambulantes de roupas sentam-se em cadeiras da Adeguinha cedidas por Chico em frente a suas barracas.

É bastante comum que o dono da Adega da Velha seja cumprimentado por moradores que passam em frente ao botequim. O bar também recebe crianças, que vão comprar refrigerantes ou sorvetes, e muitas vezes penduram à pedido dos pais. Na hora do almoço, o botequim é ocupado por empregados de firmas das redondezas. Alguns deles almoçam com assiduidade na Adeguinha. À tarde, depois do movimento do almoço, um ou outro aposentado, morador da área, senta-se à uma das mesinhas para um chope e conversa fiada.

Depois que escurece, o movimento da rua muda completamente. O vaivém de pessoas diminui acentuadamente, várias lojas fecham e o comércio local fica restrito aos botequins e pizzarias. É nesse momento que os assíduos da Adeguinha começam a aparecer. Com a farmácia e o salão de beleza fechados, Chico ocupa o restan-

⁵⁶ No entanto, já o vi recusar trocar uma nota de R\$ 50 para um motorista de táxi, que estava sem troco para o passageiro. "Onde já se viu um motorista de táxi sem troco", justificou-se, depois que o sujeito saiu do bar.

te da calçada com suas mesinhas amarelas, dependendo do movimento.

Como figura pública no “Triângulo da Adeguinha”, Chico conhece e é conhecido por muitos moradores da área. Outro dia ouvi Júnior, o filho de Chico, conversando com ele sobre um ex-freguês da Adeguinha, que deixou de freqüentar o bar, depois de sofrer um derrame:

“Seu Orlando esteve aqui hoje à tarde, quando você estava no banco”, disse Júnior.

“Sozinho?”, perguntou Chico, espantado.

“É, sozinho”, confirmou o filho de Chico.

“Ué, mas ele não está podendo andar sozinho, depois que teve aquele derrame.”

“Então ele deve estar melhor, porque veio aqui sozinho e deixou um abraço para você.”

Mais tarde, Chico estava contando a outros fregueses a boa notícia sobre a recuperação de seu Orlando. Esta circulação de notícias é um dos exemplos do papel de Chico como figura pública do “Triângulo da Adeguinha”. Este papel é importante na definição da estrutura social da rua.

A estrutura social da vida nas calçadas depende em parte do que pode ser chamado de uma figura pública automeada. A figura pública é aquela que tem contato freqüente com um amplo círculo de pessoas e interesse em tornar-se uma figura pública. [...] Sua principal qualificação é ser pública, conversar com várias pessoas diferentes. É assim que se transmitem as notícias que são do interesse das ruas. [...] A maioria das personagens de rua está estabelecida em locais públicos. São pessoas que cuidam de lojas ou de bares ou de coisa parecida. Essas são as figuras públicas fundamentais. Todas as outras figuras públicas das ruas dependem delas.⁵⁷

Em sua etnografia sobre os vendedores ambulantes de livros usados, que desempenham seu ofício nas calçadas do bairro nova-iorquino de Greenwich Village,

⁵⁷ Jacobs, 2000, p. 73

Mitchell Duneier⁵⁸ encontra em Hakim Hasam não apenas o seu informante privilegiado, que lhe abre as portas para aquele complexo mundo, mas igualmente uma figura pública, que se relaciona com autoridades, transeuntes, comerciantes convencionais e outros vendedores ambulantes.

A proposta de Duneier é voltar ao Village 30 anos depois que Jacobs estudou o bairro e, através de uma pesquisa etnográfica, ver o que mudou nesse período. O momento era dramático, uma vez que os trabalhadores de rua enfrentavam, na então gestão do prefeito Rudolph Guiliani, uma municipalidade hostil à vida informal. Foi na gestão de Guiliani que o conceito “tolerância zero” foi cunhado pela primeira vez.

O trabalho de Duneier mostra que a aparente desorganização desses ambulantes é de fato apenas aparente. A venda de livros usados e outras atividades, como a distribuição de panfletos, lavagem de pára-brisas etc estão inseridos em uma organizada rede social, com papéis bem definidos e uma hierarquia eficaz. O papel de Hasam como figura pública, afirma Duneier, ajuda a tornar as esquinas do Village, na altura da sexta avenida, um lugar mais seguro. Pode-se afirmar o mesmo em relação a Chico e a outros comerciantes do “Triângulo da Adeguinha”.

Para Duneier, o trabalho dos ambulantes de Greenwich Village, muitos deles ex-detentos, representa um esforço dessas pessoas para se integrarem a uma vida regular e, ao mesmo tempo, a presença desses vendedores torna a rua mais segura. Esse esforço, no entanto, esbarra no rigor da política de “tolerância zero” da prefeitura, que proíbe ou restringe este tipo de atividade.

Apesar dos conflitos comuns entre comerciantes formais e ambulantes, no “Triângulo da Adeguinha” há uma aceitação dos vendedores de rua, mas por razões estratégicas. As barracas de roupa, situadas entre a farmácia e a Adeguinha, marcam um território que é reconhecido pelos moradores e comerciantes formais, como Chico. Há uma clara relação de solidariedade entre estes últimos e as vendedoras. Mas há igualmente um controle, pois enquanto as vendedoras estiverem ali, vendendo roupas, o espaço estará sendo ocupado e evitando que outros ambulantes se instalem ali. (ver fig. 4, na página 58)

Ao mesmo tempo, a relação de Chico e dos demais comerciantes com a prefeitura é potencialmente conflitante, devido às inúmeras regras e limitações que a legislação do comércio de rua impõe. Além da proibição e multas pela colocação de

⁵⁸ Duneier, M. Sidewalk. 2 ed. New York. Farrar, Straus and Giroux, 1999.

mesas acima da cota permitida, Chico está vulnerável simplesmente pelo rigor dessas leis que favorecem a cobrança de propina por parte dos fiscais. Chico não gosta de falar sobre isso, mas não esconde que a fiscalização da prefeitura está sempre lhe dando “dor-de-cabeça”.

De acordo com um ex-dono de bar, muitas das exigências são fisicamente impossíveis de ser cumpridas, o que deixa os bares sempre vulneráveis às multas. No *survey* do Rio Botequim, esse antagonismo também apareceu em inúmeros bares e muitos donos de botequim aproveitaram o lançamento do guia da prefeitura para solicitar o fim de inúmeras pendências com a fiscalização municipal. Alfredo Mello, dono do bar Bip-Bip, aproveitou a festa de lançamento do guia para fazer ao embarçado prefeito Luiz Paulo Conde, suas reivindicações (relacionadas a conflitos com a vizinhança devido ao ruído), diante das câmeras da imprensa, durante a entrega do prêmio de melhor garçom.

Na pesquisa sobre a apropriação dos espaços de uso comum por moradores de um centro de bairro no Catumbi, realizada por Santos, Mello & Vogel, os autores apontam a importância de estabelecimentos comerciais como bares, armazéns, padarias, oficinas etc na vida social das ruas. Para esses autores, o uso dos espaços públicos está relacionado às formas como as variadas “funções primárias da vida urbana se interligam”⁵⁹. Do armazém São José, por exemplo, pode-se simultaneamente ver e controlar o movimento da rua, assim como ser visto em público. São os olhos informais a que se refere Jacobs, controlando as moralidades da rua.

O armazém do Catumbi é dividido moralmente. Nele há um bar, onde se reúnem os homens. Na parte onde são vendidos secos e molhados estão as mulheres. Há ainda uma terceira parte, marcada por um balcão menor, onde estão as balas, doces e biscoitos. Este é o lugar das crianças. Evidentemente a divisão do armazém, cuja fronteira é delimitada por uma série de vassouras penduradas, é dinâmica e varia conforme inúmeros fatores, como horário etc. Nada impede que haja uma circulação de mulheres no bar e vice-e-versa. No entanto, pode-se afirmar que o bar é o lugar de estar dos homens, assim como o armazém é o espaço das mulheres, dentro do armazém São José.

O espaço do armazém é produto das relações de seu arranjo “material” com seus usuários e por isso mesmo apresenta uma vitalidade que

⁵⁹ Op. cit. p. 128

varia de acordo com um padrão rítmico. De momento a momento sua freqüência varia não só quanto ao número, mas também quanto a sexo, idade e ocupação. Os fluxos e refluxos produzem verdadeiros ciclos, conferindo ao ambiente uma enorme variedade de aspectos – um intenso e cambiante movimento. Isto, afinal, é o que o constitui como lugar.⁶⁰

Os autores também apresentam uma comparação entre dois botequins que se contrapõem segundo o critério de bar de passagem (bar do Amaral) e bar de proximidade (bar do Garrinhca), sendo um dos elementos definidores o comprar fiado. Os autores se referem ao Bar do Garrinhca como:

[...] uma espécie de clube, o que é atestado de várias formas. Desde o décor do ambiente, cheio de bandeiras dos diferentes times cariocas, até seu fechamento para o almoço. [...] Todos os dias o bar “fecha” e só entram os “fregueses da casa”. São, na sua maioria, pequenos proprietários de oficinas, choferes de táxi, um ou outro banqueiro mais modesto do “bicho”. O movimento do bar é todo feito pelo grupo mais assíduo de freqüentadores. São eles que, juntamente com o dono do estabelecimento, servem os fregueses. As pessoas de fora são atendidas no balcão, que abre para a calçada. As de casa têm acesso ao fundo do bar onde as mesas de sinuca se transformam em mesas de almoço para os “notáveis” da rua.⁶¹

O bar do Garrincha é o típico botequim de proximidade, localizado em um bairro popular, onde o dono do negócio estabelece fortes laços com os moradores das cercanias. Trata-se de fato de uma espécie informal de clube social, neste caso, restrito à freqüência masculina, onde “o sistema de atitudes é marcadamente jocoso e agressivo. Vivem testando uns aos outros. Mas, isso amplia sensivelmente o co-

⁶⁰ Idem, p. 44

⁶¹ Idem, p. 35-36

nhecimento mútuo e fortalece os laços de confiança que um parceiro deposita no outro”.⁶² São fregueses fixos com direito ao “pendura”, isto é, com direito ao fiado, ao crédito, consumir sem a obrigatoriedade de pagar na hora. E a possibilidade de pendurar uma conta é igualmente uma forma de honra, marcada pela confiança, que distingue o freguês assíduo do cliente eventual. “A importância atribuída aos clientes fixos (...) é a possibilidade de vender fiado sem correr risco.”⁶³

Outro ponto importante, além da proximidade, é a assiduidade. A frequência é certamente um dos critérios que Chico leva em consideração ao conceder crédito a um freguês. Não é o único critério, mas é um dos mais importantes. A turma da Adeguinha comparece quase que diariamente no bar. No mínimo, três vezes por semana eles estão ali, como dizem: “batendo ponto”. Há nisso uma certa similaridade com as turmas das esquinas de Cornerville, que ocupavam diariamente seus territórios no bairro. A presença assídua na esquina era componente da identidade que o jovem de Cornerville tinha com sua turma.

Da mesma forma, a frequência dos fregueses da Adeguinha é levada em conta e sua ausência é cobrada tanto por Chico, como pelos demais convivas. Bastou desaparecer por uma semana e logo começam a dizer: “Fulando está sumido” e às vezes chegam a ponto de telefonar para saber se há algum problema. Sempre que pergunto a Chico pelos demais, ele quase sempre é capaz de me responder onde estão todos. “O Pedro hoje está no sítio. Sábado é dia dele ir pro sítio”.

Como os rapazes de Cornerville, que “em qualquer noite, em quase toda esquina, é possível encontrar os os *corner boys*, que vieram de outras partes da cidade ou dos subúrbios para se reunirem com seus velhos amigos” (Footy-Whyte, 1943, p. 255), mesmo os fregueses da Adeguinha que se mudaram para outros bairros, continuam “batendo ponto” no bar de Chico.

Uma vez no bar, o comer e beber juntos fazem parte dos ritos de interação do botequim, sobretudo o beber. Neste sentido, o botequim de proximidade é o lugar por excelência do simpósio platônico⁶⁴, o lugar do beber e comer juntos, conversando e colocando em cena disputas, histórias, alianças, jocosidades etc. A jocosidade, aliás,

⁶² Idem, p. 36.

⁶³ Idem, p. 36.

⁶⁴ O título original do clássico de Platão não se refere exatamente a banquete, mas sim ao *symposium*, que significa beber juntos, uma vez que os jogos de retórica entre os homens gregos ocorria após o jantar propriamente dito, quando eles se reuniam para beber vinho, em quantidades moderadas, para estimular o debate. “Nos banquetes gregos e romanos, beber, em si (...) era algo considerado inteiramente à parte de comer. Ocorria no *symposium* (...), após o jantar, quando os convidados

é uma das marcas comuns das interações que acontecem nos bares de proximidade. Às vezes, ela está expressa em cartazes e avisos do tipo: “fiado, só amanhã”, ou “se for para morrer de batida, que seja de limão” etc. São dizeres que explicitam regras de conduta, sobretudo quanto ao uso da bebida alcoólica e ao sistema de crédito, e as etiquetas que devem ser observadas por todos.

Mas como vimos, as regras são dinâmicas e variam segundo o público a que se destinam. Assim, vende-se fiado a determinados grupos de fregueses, ou permite-se que ocorram cantorias e batucadas em mesas onde estão os assíduos. É interessante observar o humor dos cartazes, feito da mesma lógica jocosa que envolve os diálogos entre os presentes. Uma certa “malandrangem”, onde não só as identidades masculinas são exibidas e testadas, mas apresentam igualmente uma forma de ver o mundo que os cercam. Mas as regras dessas jocosidades são rigorosas e a fronteira entre a brincadeira e a ofensa, tênue. Muitas vezes, uma piada colocada na hora errada, ou com a ênfase equivocada, pode provocar conflitos e até mesmo brigas e rompimentos.

Em contraposição ao bar do Garrincha há o bar do Amaral. Trata-se de um bar de passagem. Amaral não vende fiado e sua relação com o bairro é completamente diferente daquela estabelecida pelo dono do bar do Garrincha:

O bar do Amaral, que está na rua do Catumbi, não fornece fiado. O movimento nessa rua propõe dificuldade aos proprietários na aplicação do diferencial da concessão do crédito. No caso dos desconhecidos, ou daqueles com os quais não há um relação pessoal, fica difícil discriminar quem é ou não confiável. Por isso não se lhes vende fiado.⁶⁵

A pesquisa sobre o Catumbi aponta ainda o grau de envolvimento de Amaral

colocavam girlandas, passavam óleos perfumados de novo no corpo e acendiam o incenso. As travessas eram tiradas e vinham os copos, a cratera (para misturar água e vinho), os vasos com água, jarras, resfriadores cheios de neve para deixar flutuar no vinho misturado (...). Um *symposiarch*, ou líder do grupo que bebia, era escolhido por sorteio entre os presentes; ele avaliava as quantidades, conferia papéis e mantinha o que era considerado um verdadeiro triunfo helênico, o equilíbrio, próprio do simpósio, entre o estruturado e o solto, o organizado e o impetuoso.” Visser, Margaret. O ritual do jantar – As origens, evolução, excentricidades e significado das boas maneiras à mesa. Rio de Janeiro, RJ. Editora Campus. 1991. p. 247.

⁶⁵ Idem, p. 36.

com o bairro. Ele espera uma oportunidade para deixar o lugar. “Amaral é mais comercial. Não se refere ao bairro de forma afetiva. Quando fala da situação, é sempre para mostrar como o movimento está ruim no Catumbi. Só não vai embora porque investiu, há pouco tempo, numa grande reforma do bar.”⁶⁶.

Esse contraste entre o bar de proximidade, que funciona como um clube social, como o lugar do simpósio, e o bar de passagem, onde o vínculo com o lugar onde está situado é mais frágil em termos de estabelecimento de laços levanta questões importantes sobre o uso do botequim por seus fregueses. O funcionamento do bar como um “clube social”, onde jocosa e agressivamente se constroem, exibem e testam identidades masculinas e, por contraste, todas as outras identidades que não se encaixam nesta primeira, inclusive a feminina, é revelador de um papel que o *survey* do Rio Botequim apenas esbarrou superficialmente e que, neste trabalho, pretendo aprofundar.

Em sua etnografia sobre os moradores de um bairro popular de São Gonçalo, Simoni Guedes mostra o uso do espaço público pelos moradores locais na construção de sua identidade de homens trabalhadores, num processo dinâmico e constantemente desafiado e negociado⁶⁷. O ponto de partida da antropóloga é o clube de futebol, mas ao analisar o comportamento e as integrações que ocorrem no processo do jogo, a autora vai perceber que o clube extrapola o espaço físico do campo de futebol e abrange os arredores, inclusive os botequins próximos ao clube. Diz ela:

Organizado por homens e para homens, [o clube de futebol local] insere-se, juntamente com bares e botequins, no território mais legitimamente reservado às interações masculinas que, comumente, só pode ser observado de longe pelas mulheres. Embora, por razões diversas, nem todos os homens do local utilizem igualmente estes espaços, eles estão disponíveis para eles quando se propõem a colocar em jogo, bens, identidades e fatos.⁶⁸

⁶⁶ Idem, p. 36.

⁶⁷ Op. cit, 1997.

⁶⁸ Idem, p. 131.

Bens, identidades e fatos são a chave para a compreensão do que está por trás das regras sociais mencionadas por Pessanha e por Santos, Mello & Vogel. Existe uma etiqueta de conduta que constantemente coloca à prova o comportamento desses freqüentadores de botequins em termos de construção de uma identidade, repleta de valores como masculinidade, honra, respeito, ser trabalhador etc.

Em seu artigo, Machado da Silva registra a incessante exibição de documentos que os fregueses dos botequins estudados por ele fazem. Esses documentos, que provam o status de trabalhador do freguês apresentam inclusive uma hierarquia, onde a carteira de trabalho é o bem mais valorizado. Abaixo dela, protocolos, cartas de recomendação e outros documentos mais informais também são válidos na definição do papel social do freqüentador daqueles botequins⁶⁹.

Na Adeguinha, tais elementos estão presentes, ainda que de uma forma diferente daquela vista aqui em outras etnografias sobre bares das chamadas camadas populares. Situada em um bairro de classe média do Rio de Janeiro, ali ocorrem outras representações, mas basicamente se pode perceber as mesmas negociações de valores, com variações mais de graus do que de essência.

Na rede social da Adeguinha, os papéis dos vários grupos de atores e suas relações com as diversas platéias estão bem determinados. Os fregueses assíduos encontram na Adeguinha “um segundo lar”, como muitos afirmam. Esses fregueses têm, de fato, regalias e privilégios em comparação com os clientes eventuais. Não apenas têm acesso ao pendura, como recebem reverências especiais quando chegam ao bar, indicando aos demais o status de que gozam no recinto.

Quando Chico, por exemplo, toca o sino de vaca para saudar a chegada de um freguês querido, há uma dupla mensagem: aquela que se destina ao amigo, como saudação, e a que marca, em relação aos demais, a posição desse freguês na hierarquia da Adeguinha. O garçom Sorriso (já falecido) tinha a incumbência de literalmente carregar um cliente antigo de Chico até sua casa, do outro lado da rua, que todos os sábados bebia até quase a inconsciência. Embora não gostasse de sua tarefa, Sorriso abraçava o amigo de Chico e religiosamente o entregava ao porteiro. A turma da Adeguinha aproveitava para brincar com Sorriso: “Tá na hora da entrega à domicílio”, diziam. Trata-se evidentemente de um caso extremo, mas é comum que os garçons acompanhem fregueses que beberam demais, especialmente as damas, até o táxi, na esquina.

⁶⁹ Op. cit.

Entre os garçons da Adeguinha, Rogerinho desempenha um papel de líder, especialmente após a morte de Sorriso. Baixinho é uma espécie de aprendiz que segue a liderança de Rogério. Eles desempenham um papel importante como mediadores entre os fregueses e Chico ou Júnior. Não se trata apenas de um desempenho profissional, mas sim de uma relação que complementa a noção de pertencimento e intimidade da Adeguinha.

Certa vez, Rogerinho me repreendeu sutilmente por ter prestado atenção à pregação de um mendigo, que contava um longa e triste história para conseguir uns trocados. Uma das funções dos garçons da Adeguinha é enxotar os pedintes. Quando os fregueses penduram, os garçons normalmente são os intermediários do pedido de pendura. “Vou assinar essa”, costuma-se dizer a Rogerinho ou Baixinho. É uma forma de evitar o constrangimento diante de Chico, que não gosta quando penduram.

As relações que marcam o dia-a-dia da Adeguinha no triângulo onde está situada se inserem na dinâmica de interação do bairro e colocam o bar numa posição para além de um mero estabelecimento comercial. Há uma integração bastante ativa com a região, há uma vinculação ideológica com a rua e seus moradores e, nesse sentido, a Adeguinha não pode ser estudada isoladamente como um botequim solto na cidade. Justamente por ser um bar de proximidade, ela faz parte do meio onde está inserida física e moralmente. Nesse sentido, estudar a Adeguinha é estudar a rua e o bairro.

2. 2. O espaço da Adeguinha

Como já foi mencionado, a Adeguinha é um botequim de proximidade, isto é: está situado em um contexto de interação entre as pessoas que moram, trabalham ou passam cotidianamente por sua rua, localizada em Botafogo, bairro de classe média da zona Sul do Rio de Janeiro. O perfil dessas pessoas interfere e ajuda a compor a ambiência do bar e os tipos de relações que acontecem em seu interior e ao seu redor.

A figura 2 (p. 38) apresenta uma idéia da localização da Adeguinha e seus arredores, formando um triângulo, que engloba edifícios residenciais e comerciais e variados tipos de comércio de rua, tais como três botequins concorrentes; loja de conserto de sapatos; loja de ferragens, loja de material elétrico; loja de roupas; duas pizzarias; e duas lanchonetes do tipo casa de sucos, uma delas pertencendo ao

próprio Chico. Fora do triângulo, mas próximo à Adeguinha, há ainda uma igreja protestante; um estúdio musical de gravação e ensaio; uma clínica médica; uma padaria; três bancas de jornais; e vários restaurantes a quilo.

Aos sábados, uma feira livre ocorre na rua da Adeguinha, embora um quarteirão distante. Nesse dia, alguns vendedores ambulantes aproveitam para oferecer aos transeuntes produtos variados, desde pimentas e temperos a pentes e colheres de pau, na mesma calçada da Adeguinha, ao lado de suas mesinhas. Durante a semana, também há barracas de roupas próxima à Adeguinha (ver fig. 4, p. 58).

A Adeguinha, por sua vez, é composta por três ambientes distintos. Segundo relato de Chico, a loja original, que já se chamava Adega da Velha e pertencia a uma senhora portuguesa, estava decadente, diante da concorrência com um grande restaurante que ocupava a esquina em frente. Em 1979, Chico adquiriu o estabelecimento e transformou-o em uma casa especializada em comida nordestina, passando a oferecer assados variados (sobretudo pernil, peru e cabrito) e produtos como carne-de-sol (carne salgada e seca sob o sol)⁷⁰, carne seca, queijo coalho, baião-de-dois (feijão com arroz cozidos juntos com pedaços de carne seca, coentro e outros temperos), macaxeira (aipim frito) etc.

Neste primeiro ambiente estão o balcão, o caixa, a chapa (onde os assados são esquentados para compor os famosos sanduíches da Adeguinha), a chopeira, elementos fundamentais para o funcionamento do botequim, como veremos adiante. A proximidade entre a chapa e a chopeira é um problema para Chico, uma vez que o calor e a gordura influenciam no sabor do chope. “É na chapa onde ganho dinheiro”, disse uma vez Chico, quando me explicava a razão do chope da Adeguinha não ser tão bom.

Ainda nesta parte da Adeguinha, estão o banheiro masculino, a cozinha e um pequeno depósito. Chico decorou o teto com folhas secas, garrafas e o mencionado sino, que é acionado em três ocasiões distintas: todas as vezes que um freguês assíduo entra na loja, quando o Botafogo de Chico marca um gol, e para chamar os garçons, quando estes desaparecem da vista de Chico na calçada. Compõem também a decoração vários cartazes, especificando os produtos servidos no bar, ou então com dizeres do tipo: “Chico, o rei dos assados”, “Bar do Chico” ou “o rei da carne-de-sol”. Há um *freezer* com sorvetes, bastante acionado pelas crianças da

⁷⁰ A carne-de-sol é um dos orgulhos culinários de Chico. Segundo ele, os restaurantes nordestinos geralmente lavam a carne com leite. Isto, para ele, é um erro porque dá à carne um gosto amargo. Na visão de Chico, o correto é lavar a carne-de-sol com água fria filtrada.

rua, uma televisão em frente ao balcão e quatro mesinhas de madeira com quatro cadeiras. Trata-se de um espaço exíguo, mas muito procurado pelos fregueses mais íntimos da casa, que bebem em pé, no balcão. As mesinhas são menos usadas. Isto ocorre normalmente quando está chovendo e se torna impossível ocupar as mesas da calçada (estas de plástico).

À medida que o negócio foi prosperando, Chico alugou a loja ao lado da parte original e criou um salão com um poderoso “e caro” aparelho de ar-condicionado. Ali, fez o banheiro feminino e colocou uma segunda televisão. Comprou de uma fábrica em São Paulo um conjunto de mesas e cadeiras de madeira e fórmica com *design* moderno e decorou o ambiente com quadros variados, desde recortes de jornais com matérias sobre o bar a cartazes de seu Botafogo.

Fig. 4. Foto de Paulo Thiago de Mello



A Adeguinha e a vida na calçada. Ao fundo, vendedoras ambulantes de roupa.

Devido ao ar-condicionado, o salão, como é chamado por Chico, muitas vezes enche na hora do almoço, especialmente nos dias de verão. É também o lugar procurado por grupos de amigos que querem festejar alguma data ou por casais de namorados, que preferem um espaço mais reservado. Mesmo assim, o salão está longe de ser o sucesso esperado pelo dono da Adeguinha.

O investimento de Chico no salão foi grande. Ali depositou as esperanças de ver seu bar recebendo o status de um restaurante de comida nordestina de qualidade, deixando de ser apenas um botequim. A forma como ele falava de seus projetos para o salão, comparando com outros restaurantes, e a decepção que se seguiu diante da pouca atratividade que esta parte da Adeguinha exerce sobre os clientes,

levaram Chico a mudar de estratégia, e investir na casa de sucos.

Ao lado da loja original, do lado oposto do salão, funcionava uma lavanderia. Chico tinha com o dono um acordo, que permitia que ele guardasse os barris de chopes vazios (que são recolhidos e substituídos apenas semanalmente pela Brahma)⁷¹. Há dois anos, a lavanderia fechou e Chico alugou a loja, que hoje funciona como depósito não apenas dos barris, mas igualmente das mesinhas de plásticos que ficam na calçada.

O acordo entre Chico e o ex-dono da lavanderia é um exemplo importante do tipo de solidariedade que se constrói na rua, onde a relação de proximidade é forte entre os diversos segmentos que habitam o lugar. Todos os comerciantes se conhecem e se ajudam numa rede de trocas favores como esse. Chico, por sua vez, guarda produtos das vendedoras ambulantes e funciona como “os olhos e ouvidos informais da rua”, para usar um conceito de Jane Jacobs⁷².

Por fim, completa a Adeguinha a calçada. Chico tem autorização da prefeitura para colocar até oito mesas, com quatro cadeiras cada, na calçada em frente à loja original e ao salão. O movimento, sobretudo no verão, muitas vezes obriga a colocação de mesas e cadeiras extras à noite, quando as lojas vizinhas, uma farmácia e um cabelereiro, estão fechadas. Isto deixa o dono da Adeguinha vulnerável à ação de fiscais da prefeitura. Segundo ele, as multas por cada mesa colocada a mais é de R\$ 400. “Mas o que posso fazer?”, me disse certa vez ele, “O pessoal só gosta de ficar na calçada e eu não posso perder o cliente. Então mando colocar e mesa e arrisco. Já levei três multas, mas não posso perder o cliente. Pus ar-condicionado no salão, botei tudo limpinho e bonito, mas a turma prefere a rua, o que posso fazer?”. Ele explica que, por azar, mora na rua uma fiscal da prefeitura, que sequer passa pela loja para conversar e ouvir suas explicações. Simplesmente multa o bar de forma anônima. “Uma fiscal vizinha. É muito azar!”, queixa-se Chico.

Apesar do risco de multas, vale a pena a ocupação do espaço da calçada. Às

⁷¹ O chope é a cerveja fresca, isto é, não pasteurizada. Por isso, tem uma vida útil muito mais curta, aproximadamente dez dias, em comparação aos cerca de 180 dias da cerveja. A pasteurização, que transforma o chope em cerveja, consiste em aquecer o chope entre 50 e 60 graus centígrados e, em seguida, resfriá-lo rapidamente. A Brahma (apesar da fusão entre Brahma e Antarctica que formou a Ambev, as duas companhias continuaram com suas marcas tradicionais) estabelece com os botequins uma rotina semanal de substituição dos barris usados por novos. Às vezes este processo atrasa e é relativamente comum que os donos de botequins, como o Chico, reclamem muito da empresa que é praticamente hegemônica no mercado carioca. Os barris que estão em uso são colocados em câmaras frias e ligados à chopeira por uma serpentina com boa parte dela mergulhada em uma caixa com gelo. Esse sistema, quando bem organizado, permite que a bebida saia da chopeira um pouco acima do zero grau e chegue às mesas em torno dos 5 graus.

⁷² Ver op. cit, p. 73; também Duneier, Mitchell, op. cit. 1999, p. 6.

vezes, no auge do movimento, Chico coloca quase o dobro do número de mesas autorizadas. Ao passo que o salão, onde ele depositou tanta esperança, raramente fica lotado. O problema da calçada é que deixa Chico vulnerável, não apenas à fiscalização, mas igualmente à irritação dos vizinhos em relação ao barulho. Veremos adiante que alguns conflitos quanto a isso ocorrem no dia-a-dia da Adeguinha. Todos esses problemas não aconteceriam se o salão tivesse tido a aceitação esperada por Chico.

Como não foi possível construir um restaurante respeitável e de sucesso, com o investimento feito no salão anexo à Adeguinha original, Chico mudou de estratégia e aproveitou o fechamento do restaurante pizzaria da esquina, o mesmo que provocara a falência da antiga dona da Adega da Velha, para alugar a loja e transformá-la em uma casa de sucos, chamada “Sorriso de Botafogo”, onde, segundo ele, “se ganha dinheiro de verdade”.

Chico explica que as despesas para manter a Adeguinha são bastante altas, os produtos para os pratos da cozinha são cada vez mais caros e demandam uma cansativa e constante negociação e fiscalização quanto à qualidade dos mesmos. “Uma lanchonete não. São basicamente verduras, frutas para os sucos e produtos para sanduíches simples. Tenho uma senhora que faz os doces pra mim e é tudo fácil de controlar. Dá para ganhar dinheiro sem muita dor-de-cabeça”, diz Chico.

Como vimos, o cenário dessa pesquisa não se restringe ao espaço físico da Adeguinha, estendendo-se pela calçada, lojas adjacentes e residências próximas. Ao mesmo tempo, as estratégias adotadas por Chico para que seu negócio seja um sucesso não restringe ao propósito comercial e financeiro, mas há igualmente uma projeção de imagem de sucesso e reconhecimento, que seriam a coroação de seu esforço e valores morais, calcados na valorização do trabalho pesado. É especialmente importante perceber a dinâmica cotidiana de um botequim como a Adeguinha, em bairro de classe média, e ver como as representações e valores coletivos vão se transformando diante de impactos diversos, como o aumento da violência, a chegada e saída de grupos sociais, a ocupação das ruas e calçadas pelos moradores etc.

2. 3. Chico, uma figura pública.

O dia ainda não nasceu, quando o menino Francisco Rufino, de 9 anos, é acordado pelo pai. Apesar do frescor da madrugada, o clima seco prenuncia a canícula do dia à frente. Chico, como é chamado por todos, toma seu café rapidamente,

enquanto o pai prepara a carga, colocando o leite em tonéis e os pacotes de rapadura no lombo da mula, que o menino vai levar para vender em Cariré, cidade a alguns quilômetros da fazenda onde Chico mora com os pais e três irmãos, sendo um deles de criação.

“Era uma escuridão. Não enxergava nada”, lembra Chico, quase meio século depois.

Aquela seria sua rotina até os 13 anos, quando decide arriscar a sorte na cidade grande, diante da falta de opções para ganhar a vida naquele sertão cearense.

“Meus irmãos estavam acomodados naquela vida. Mas eu não via futuro ali. As coisas iam mal. Precisa arriscar na cidade grande”, explica.

Todo o dinheiro economizado com o trabalho, “uns nove contos”, daria para agüentar os primeiros dias no Rio de Janeiro. Chico apostava que conseguiria trabalho, pois disposição não lhe faltava. No dia da partida, sua mãe matou um frango e assou para o menino levar, com isso não precisaria gastar dinheiro com comida no trajeto de vários dias no pau-de-arara até chegar em Duque de Caxias, Baixada Fluminense. Nos primeiros dias, Chico dormiu em bancos de praças e, durante o dia, percorria, incançável, bares, padarias e outros comércios à procura de trabalho. A determinação do menino acabou por chamar a atenção de um português, dono de uma padaria, que lhe ofereceu trabalho como lavador de pratos.

Este foi o primeiro emprego de Chico e o início de sua trajetória no Rio de Janeiro, onde trabalhou como cozinheiro, garçom, gerente, *maitre* e, finalmente, proprietário de seu próprio botequim. Na verdade, foram vários estabelecimentos em vários pontos da cidade, até que em 1979 comprou a Adega da Velha, uma antiga e decadente adega na rua Paulo Barreto, em Botafogo, e a transformou em um bar especializado na culinária nordestina. Chamada pelos freqüentadores assíduos de Adeguinha.

Desde cedo, o trabalho pesado marcou a trajetória de Chico, que valoriza o esforço laboral como uma virtude necessária para se obter sucesso na vida. É o que mostra sua história. Desde os 9 anos, ele trabalha pesado e essa rotina continua hoje, aos 56 anos, no dia-a-dia do botequim. Chico levanta às 5 horas para fazer, no distante Ceasa, as compras de legumes, vegetais e demais produtos necessários para os pratos da Adeguinha.

“Embora seja longe, o preço do Ceasa compensa”, diz. “É preciso chegar cedo para escolher os melhores produtos.”

Em seguida, Chico vai para o bar, onde chega por volta das 6 horas. Nesse

momento, enquanto os primeiros funcionários vão lavando o chão e limpando a casa, os assados começam a ser preparados. Pernil, frango, cabrito e outros assados são servidos em sanduíches ou como parte dos pratos, e fazem sucesso entre os clientes habitués. Às 7 horas, a Adeguinha está pronta para abrir as portas e atender os primeiros fregueses, normalmente em busca da média com sanduíches. Recentemente, como foi mencionado, Chico adquiriu e transformou em lanchenete a loja da esquina. Ele sempre apostou que uma casa simples, vendendo apenas sanduíche e sucos, não teria grande custos e seria altamente lucrativo. O problema é que ele passou a ter mais um estabelecimento para gerir, contando apenas com a ajuda do filho, Júnior, que é estudante de Direito.

Fig. 5. Foto de Soraya Silveira Simões



Francisco Rufino, o Chico. Cearense de Cariré e dono da Adeguinha

“Não quero prender o menino aqui. Trabalho de bar é muito pesado. Sempre digo a ele que se ele conseguir algo que pague o mesmo e não exija tanto, que ele pode ir. Eu seguro o tranco sozinho. Sempre segurei.”, afirma Chico, prevendo possíveis conflitos, com a formatura do filho. “Mas enquanto não pinta nada ele tem que ajudar. Afinal, é o trabalho no bar que garante os seus estudos.” O dono da Adeguinha se mostra orgulhoso do seu papel como provedor. Os filhos (Júnior tem uma irmã mais nova), segundo ele, estudaram em bons colégios. Chico resume: “Eu me viro. Eu e minha mulher temos tudo o que precisamos. Minha preocupação é com eles (os filhos). Depois que eles estiverem encaminhados, posso tocar minha vida.”

Com relação aos empregados, Chico tem uma postura de patriarca. São to-

dos cearenses e muitos guardam vínculos de parentesco: são primos da esposa, cunhados de alguém etc. Enfim, a relação de trabalho extrapola as regras formais de um emprego convencional, sendo mais caracterizada por uma relação familiar, com suas contradições e conflitos. Ele, por exemplo, reclama muito dos empregados quando vão beber depois que a Adeguinha fecha. Lembrado de que muitas vezes ele faz o mesmo, ele se justifica: “Mas eu sei beber. Eles viram a noite tomando cachaça e, no dia seguinte, estão mortinhos para trabalhar.”

A morte de um dos garçons, o Sorriso, em um acidente de motocicleta na Ponte Rio-Niterói é usado como exemplo pelo dono da Adeguinha para alertar os demais. Havia uma obra de recapeamento na ponte e, segundo relato de Chico, que por sua vez teria ouvido a versão dos bombeiros, o rapaz foi de encontro, sem sequer frear, a um trator que estava parado na pista interditada. “Ele deve ter dormido”, disse Chico, para acrescentar que Sorriso vinha bebendo muito depois do trabalho e, “às vezes, até mesmo durante o trabalho”.

Meses antes, o nível de conflito chegara ao máximo, e o dono da Adeguinha acabou demitindo o rapaz, que era casado com uma prima da mulher de Chico. Sorriso trabalhou em outro bar, próximo à Adega, mas depois de uma conversa reconciliatória, voltou. “Eles não me ajudam”, me disse uma vez Chico, referindo-se aos empregados, depois que perguntara por Rogerinho, outro garçom da casa. “Aqui, preciso fazer tudo. Não tenho confiança neles. Dei férias para o Rogerinho e mandei ele para o Ceará. Estava ficando com a cabeça quente, respondendo a cliente, que não tem nada com isso.”

Por outro lado, os funcionários da Adeguinha deixam transparecer, especialmente através de piadas e atitudes jocosas, que o trabalho exigido deles é pesado demais. Quando indago direramente, eles evitam criticar o sistema de trabalho da Adeguinha. Aparentemente me identificam como amigo de Chico e temem ser repreendidos. Mas, em alguns momentos desabafam, reclamando do excesso de trabalho.

Um dos conflitos mais explícitos apareceu na relação entre Chico e Freitas, o segurança da rua. Depois que a casa foi assaltada, sem que Freitas percebesse, Chico ficou muito chateado com ele: “Ele só fica na esquina, assim não vai ver nada que aconteça aqui. Já tinha falado para ele ficar mais perto”. Os dois tiveram discussões e a relação ficou estremecida. Acontece que Freitas, quando está no plantão de vigilância, costuma ficar na esquina conversando ou então se senta isolado, em uma das cadeiras de Chico, lendo jornal. Às vezes também ele se integra à mesa dos

fregueses *habitués*. Presenciei algumas vezes, ele reclamar explicitamente de Chico na mesa e isso constrangia os demais, que preferiam não se envolver nos conflitos entre empregados e Chico. Nesses momentos, ficavam em silêncio enquanto Freitas falava e depois mudavam de assunto, ou então faziam piada. De qualquer modo, deixavam claro de forma indireta que não queriam interferir naquele conflito.

Um dia Freitas sentou-se à minha mesa e, pedindo desculpas, me disse estar consternado com a atitude de Chico ao cobrar minha conta como a dos demais, já que a Adega da Velha tinha saído no Rio Botequim e em algumas resenhas feitas por mim no Jornal do Brasil. “Isso ajudou muito o negócio dele. Ele te deve e não deveria te cobrar.” Eu retrucava que ele deveria cobrar sim, pois era um freguês como outro qualquer e que não havia escrito sobre a Adega para comer e beber de graça. Mas Freitas insistia, sempre pedindo desculpas por estar levantando aquele assunto comigo:

“Ele é muito egoísta. Por exemplo, chega o Natal, ele é incapaz de dar uma cesta para os funcionários. Você me desculpe, mas como você é um sujeito direito, não cobra isso dele, mas eu acho que ele te deve e não deveria nunca te cobrar nada.”

Depois desse primeiro dia, em todos os momentos em que Freitas estava nitidamente chateado com Chico, ele se aproximava da minha mesa e conversava comigo sem sentar-se, o que não agradava em nada o dono da Adeguinha. Várias vezes, Júnior aparecia para conversar comigo, ficando ao lado de Freitas que, diante da presença do rapaz, mudava de assunto. Eram momentos de constrangimento. Por sua vez, Chico criticava o desempenho de Freitas como segurança, tendo sido assaltado sem que ele percebesse. A despeito de suas diferenças, os dois convivem numa relação cotidiana. Nos últimos tempos, as coisas parecem ter se acalmado e não ouço mais reclamações mútuas, mas percebo o potencial de conflito que fica latente pela relação de trabalho que existe ali.

Apesar das críticas a Chico, a maioria delas expressas jocosamente, também é notório o prestígio do dono da Adeguinha, especialmente entre os fregueses. É comum aparecerem na Adeguinha fregueses de outros bairros onde Chico teve ou gerenciou outros bares. São seus fregueses cativos que o acompanham onde quer que esteja, diz ele. Eles aparecem normalmente em situações de celebrações especiais, como no aniversário de um deles. Já vi Chico preparar buchada de bode e galinha ao molho pardo sob encomenda desses grupos de amigos que querem festejar alguma data.

Esse prestígio se sobrepõe normalmente a eventuais queixas de usura, feitas através de piadas e brincadeiras. Elas deixam claro que a questão existe, que os preços da Adeguinha estão muito altos e que Chico está exagerando na cobrança de determinados pestiscos, por exemplo. Pedro é um dos assíduos que faz esses tipos de comentários. As brincadeiras normalmente ocorrem na hora de se pagar a conta. Normalmente, Chico não reage a elas, mas às vezes reclama, dizendo que ele é quem sabe o quanto os produtos estão caros e que ele só compra o que há de melhor etc. Nesses momentos, Pedro responde: “Eu sei, Chico. Tô brincando com você”.

Chico, por sua vez, como vimos na introdução, deixa transparecer seu desejo de ser dono de um bom restaurante e constantemente compara sua atuação a de casas consagradas, afirmando, que “se tivesse condições faria melhor”. O investimento colocado por ele no salão, reflete esse desejo. A estratégia de Chico ali era transformar a Adega da Velha em um pequeno restaurante de comida nordestina, famoso por seus pratos, e se distanciar da imagem de botequim. A idéia do pé-sujo incomoda Chico, que faz questão de se diferenciar dos três botequins concorrentes, situados próximos à Adeguinha. O preço da cachaça é, como vimos, um bom exemplo. Ele oferece boas cachaças do Nordeste, mas cobra preços bastante acima da concorrência. Com isso, ele atende a um duplo objetivo: afastar o “pé-de-chinelo”, como ele se refere ao consumidor pobre, e atrair o cliente refinado de classe média, que sabe reconhecer a qualidade de uma boa cachaça nordestina.

O desejo de possuir um restaurante mais luxuoso encontra eco no perfil de Chico como *self-made-man*, que escapou do destino de indigente graças ao trabalho. Nessa trajetória, Chico coloca o trabalho como a base do seu sucesso e o relaciona como um dos elementos essenciais na sua noção de respeito e na própria construção de sua identidade como homem. Sua ascensão, sobretudo em um país desigual e com pouca mobilidade social, é um dos aspectos de sua personalidade que exhibe com orgulho. Ele costuma dizer, nos momentos em que fala de si, “eu vim de baixo”.

Para Chico, portanto, o trabalho é libertador e isto é curiosamente interessante, considerando-se que ele trabalha, e muito, no “lugar do ócio”. Constantemente ele destaca que está “dando duro”. O fato de não beber nunca, enquanto está no controle da Adeguinha, é um exemplo da rigorosa separação que faz entre seu papel, como dono do bar, e o dos fregueses. Depois que fecha a loja, se torna um companheiro de copo e transforma os fregueses em seus pares em outro bar. Essa

mudança de papel reforça ainda mais a imagem projetada de alguém que mantém o controle e sabe administrar o ofício de dono de botequim. Com sua postura rigorosa, exercendo com afinco o seu papel de dono da Adeguinha, Chico obtém o respeito de empregados e clientes, base fundamental para o controle do bar.

No capítulo a seguir, veremos como este controle é uma preocupação importante não só para Chico, como também para seu filho, Júnior, dividido entre assumir o lugar do pai e seguir uma nova carreira.

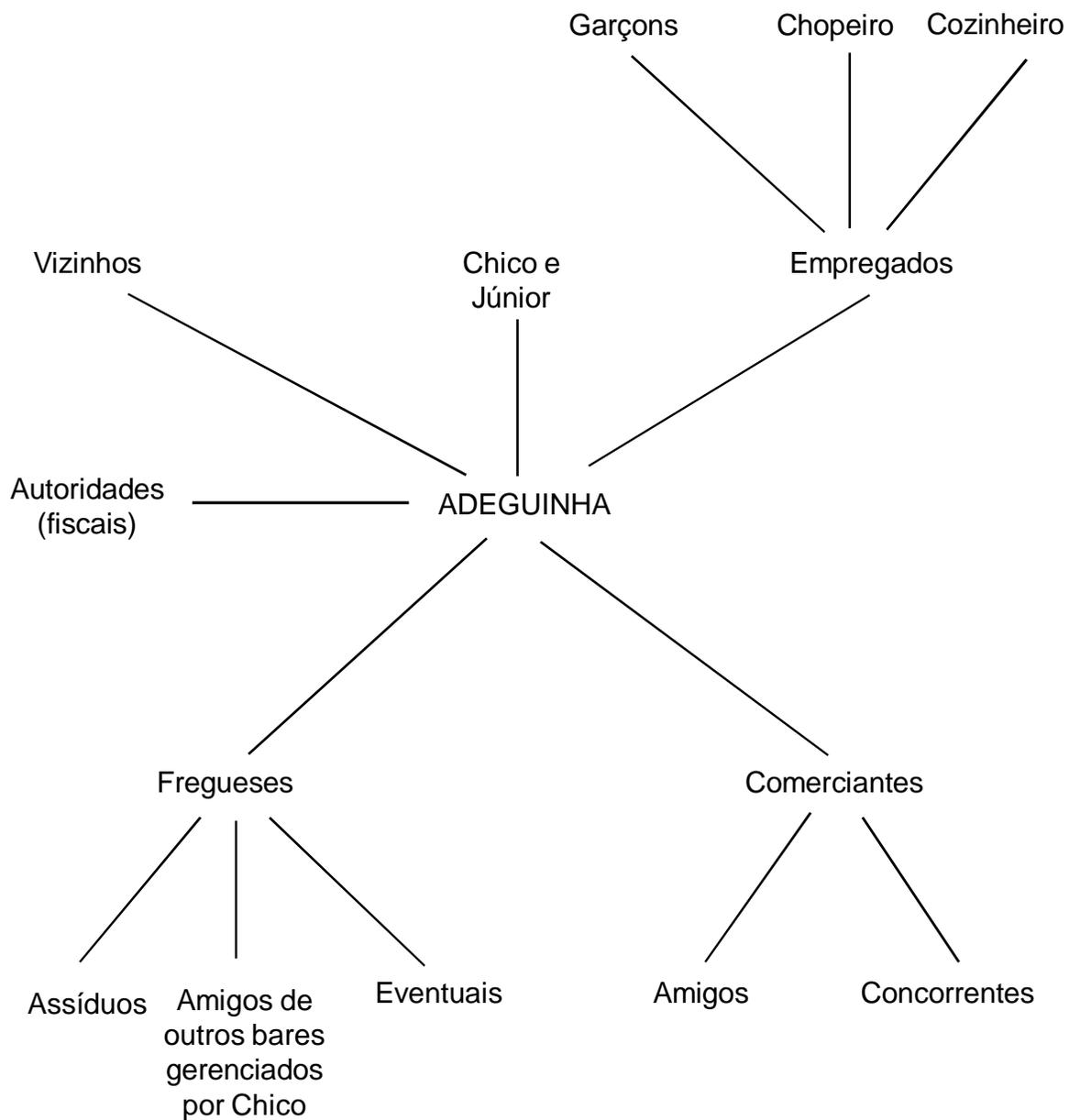
3. CAPÍTULO II

O DELICADO EQUILÍBRIO NAS INTERAÇÕES NO BALCÃO

*“Seu santo tem que cruzar com
o do garçom. É como um casa-
mento, conheço boêmios que
passam mais tempo com o
garçom do que com a mulher”*

Jaguar, em Confesso que bebi

REDE SOCIAL EM TORNO DA ADEGUINHA (Fig. 3)



3. 1. A formação de um dono de botequim

O sábado era de verão e o calor típico do Rio de Janeiro ditava o ritmo do dia. Nas ruas periféricas, sombreadas por amendoeiras e outras espécies de árvores tropicais, os moradores de Botafogo, bairro residencial de classe média da zona Sul da cidade, circulavam em seus afazeres habituais. Jovens à caminho da praia; donas-de-casa rumo à feira e, nos botequins, os fregueses de sempre discutiam os temas do dia-a-dia. A rua Paulo Barreto é uma entre muitas onde essa rotina se repete incessantemente. Próximo à esquina da rua Voluntários da Pátria, uma das principais artérias do bairro, a Adega da Velha se destaca dos demais botequins da área por suas mesinhas coloridas espalhadas pela calçada. O bar, como não poderia deixar de ser, é um ponto de encontro de moradores das redondezas, que aos sábados à tardinha, sobretudo se não chover, aproveitam o dia de folga para “jogar conversa fora”, “conversar fiado”, confraternizar e observar o movimento da rua.

Há pouco mais de três anos freqüentando a Adeguinha (os últimos dois como pesquisador deste projeto de dissertação), como é chamada pelos *habitués*, era primeira vez que chegava ali e não encontrava Francisco Rufino, o Chico, o dono do estabelecimento, no comando do caixa. Em seu lugar estava Júnior, o filho de 22 anos, que me cumprimentou como seu pai o faria: estendendo a mão para um aperto firme, reclamando da minha ausência e ordenando ao chopeiro, antes mesmo que pedisse qualquer coisa:

“Cadê o chope do Paulinho?”

“Cadê o seu pai?”, perguntei.

“Em Rio das Ostras. Hoje a casa está comigo”, respondeu sem esconder o orgulho.

Já conversara algumas vezes com Júnior sobre sua herança. Aluno do curso de Direito, o jovem ajuda Chico no bar depois dos afazeres da universidade. Como o pai, Júnior tem uma rotina pesada, que começa cedo, pela manhã, e termina no início da madrugada. “Afim, é isso aqui que paga o curso dele”, costuma dizer Chico para justificar a dupla jornada do filho.

Sempre quando perguntava a Júnior se ele pretendia assumir o bar depois que o pai se aposentasse, a resposta era sempre inconclusiva. O sorriso um tanto constrangido do jovem revelava o desejo envergonhado de uma atividade “mais nobre”, mas ao mesmo tempo Júnior sempre valorizara o espírito empreendedor e a capacidade inesgotável para o trabalho do pai.

Não era uma pergunta fácil. No entanto, naquele sábado, vendo-o ali, orgulhoso de estar no comando do bar durante um fim de semana inteiro, enquanto o pai levava a mulher e a filha mais jovem a um balneário fluminense, percebia-se nitidamente o valor que Júnior dava àquela atividade. Na verdade, o rapaz vinha assumindo cada vez mais o lugar do pai, como se fosse uma preparação, um treinamento. Nesse processo, Chico dava total apoio às decisões do filho, mesmo quando não concordava com elas. “É para não tirar a moral do menino diante dos empregados”, uma vez Chico me explicou. Se em algum momento corrigia o filho, o fazia em segredo, longe do olhar e ouvidos atentos de fregueses e empregados.

De qualquer modo, Júnior demonstrava ter capacidade de gerir os afazeres comuns do dia-a-dia sem grandes dificuldades, com o talento de quem sempre estivera no ambiente do bar e conhecia sua rotina e seus fregueses. Mesmo assim, era uma mudança de papel importante, de filho do dono a co-proprietário, não só assumindo a gerência e tomando decisões, mas sobretudo conquistando o respeito dos empregados e clientes, à medida que mostrava competência para aquele papel.

Mas aquele sábado era a primeira vez que via o rapaz abrir e fechar a Adeguinha. Depois de alguns comentários sobre o futebol da semana e a nova musa da televisão, peguei meu chope e me sentei à mesinha na calçada com o caderno de campo e os olhos atentos ao movimento de entra-e-sai da casa. Pouco depois, chegava Toninho, um dos *habitués* da Adeguinha e amigo pessoal de Chico.

Engenheiro, Toninho certa vez ajudou o dono da Adeguinha a fazer uma pequena reforma no banheiro e cozinha do bar, mandando inclusive uma dupla de pedreiro e ajudante para a execução da obra. No fim da operação, o *habitué* pediu apenas uma quantia simbólica para pagar os trabalhadores da obra. Era um nítido sinal de confiança e amizade mútuos. Depois disso, outras obras aconteceram, inclusive na casa de Chico. Como Toninho, outros fregueses também se relacionam com o dono da Adeguinha com intimidade, considerando-se reciprocamente amigos.

Nesses laços, é comum que aconteçam favores por parte dos amigos de Chico. Em contrapartida, esses fregueses têm crédito para o “pendura” (comprar fiado). Mas a reciprocidade dessas trocas de gentilezas não é explícita, gerando de vez em quando uma certa confusão e alguns conflitos. Por outro lado, a troca de favores é sempre um dos critérios utilizados por Chico, quando define um amigo. “Os amigos se ajudam”, costuma dizer. Ou então: “Fulando é meu amigo. Certa vez me ajudou a resolver um problema na prefeitura”.

Ao ver Toninho naquele sábado, convidei-o para se sentar à minha mesa. Um

convite cheio de expectativas, pois meu elo com a “turma” de assíduos do bar ainda estava se formando e Pedro, meu informante privilegiado, não estava ali. Era a primeira vez que arriscava convidar um deles a beber comigo, sem a presença de meu informante privilegiado como mediador.

Toninho, no entanto, agradeceu e preferiu beber em pé, no balcão, em frente ao caixa, conversando com Júnior. Depois de um tempo, me juntei a eles para a “saideira” e fui embora. Quando voltei ao bar, alguns dias depois, soube que naquele sábado, depois que saí, houve um desentendimento entre Júnior e Toninho a respeito da conta e ambos se insultaram. Foi um episódio bastante dramático e significativo. O assunto foi tratado com um certo constrangimento pelos fregueses que, com Toninho, formam o grupo de *habitués* do bar de Chico.

Um dia, logo depois desse episódio, cheguei à Adeguinha e, ao me sentar com a turma, reparei que Toninho estava no botequim concorrente de Chico, do outro lado da rua. No início, não achei que havia nada de anormal, porque alguns dos fregueses de Chico também freqüentavam o bar, o que não agradava nada ao dono da Adega da Velha, que via nessa atitude uma espécie de traição. Mas mesmo os que iam ao outro botequim invariavelmente terminavam a noite na Adeguinha. Naquele dia, porém, Toninho não veio para a Adeguinha, permanecendo todo o tempo no boteco do outro lado da rua. No dia seguinte a situação se repetiu e então perguntei ao Pedro o que estava acontecendo e ele me disse:

“Houve um desentendimento entre Toninho e Júnior, mas já estamos resolvendo isso.”

“Mas, o que aconteceu?”, perguntei.

Pedro então me contou que naquele mesmo sábado que eu estivera na Adega, os dois discutiram a respeito da conta. Segundo Pedro, Toninho pediu a conta no início da noite, depois de passar a tarde inteira bebendo no balcão. Quando viu a nota, questionou o número de chopos cobrados e Júnior argumentou que o valor estava certo. A discussão seguiu por alguns minutos até que, irritado, Júnior tomou a nota das mãos de Toninho e a rasgou:

“Não precisa pagar nada não”, disse.

Ofendido, Toninho deixou o bar, após uma troca de insultos. Ao me contar a história, Pedro se mostrava constrangido e me assegurava que os amigos em comum estavam conversando com Toninho, Júnior e Chico para resolver o assunto. Uma verdadeira comissão diplomática. Outro dia, quando conversei com Chico sobre isso, ele me disse que achava que o filho tinha exagerado ao rasgar a nota e

entendia o fato de Toninho ter se sentido ofendido. No entanto, defendia o filho: “Mas o Toninho xingou o menino. E depois, não posso tirar a moral do Júnior diante dos empregados, senão ninguém mais vai respeitar o menino”, disse Chico, acrescentando: “Mas estou conversando com o Toninho e pedi ao Júnior para pedir desculpas e fazer as pazes. Mas o menino tem a sua razão.”

A relação entre os envolvidos ficou estremecida por cerca de dois meses. Mas o grupo e o próprio Chico atuaram como mediadores até que as pazes foram feitas. Muitos meses depois disso, ao lembrar Pedro do caso, ele me disse:

“Puxa vida. Já nem lembrava mais disso.”

Este conflito é um bom exemplo da intensidade que marca o cotidiano de um bar de proximidade, onde moradores vizinhos e das cercanias se encontram cotidianamente no mesmo lugar. O grupo da adeguinha é bastante heterogêneo, composto basicamente por pessoas de classe média baixa, variando de motorista de táxi a pequenos comerciantes, que moram ou moraram nas cercanias da Adeguinha. A rede de relações sociais é aparentemente informal, porém relativamente sólida.

É possível constatar isso tanto na troca de favores que define as relações de amizade, como também na forma como o grupo atuou em um momento de conflito para reestabelecer a ordem e restaurar as relações entre os donos do estabelecimento e um de seus principais clientes e amigo. A convivência entre os fregueses assíduos da Adeguinha, que moram nos arredores, é marcada por muita brincadeira e o grupo, composto por homens e mulheres (estas, de alguma forma ligadas aos homens, como esposas ou namoradas) na faixa etária entre 40 e 50 anos, se divide em subgrupos, que ora se juntam em uma grande mesa, ora ficam separados.

Essas separações normalmente se devem aos variados graus de intimidade que as pessoas do grupo possuem entre si, o que mostra que uma mesa grande, com muitos participantes, ganha um caráter de grupo, enquanto as mesas menores, certas individualidades sobressaem e ficam evidentes os diferentes graus de intimidade. De qualquer modo, todos se cumprimentam e conversam entre si, mesmo quando sentados em mesas separadas e, mais importante, consideram-se como pertencendo ao grupo de amigos de Chico e de frequentadores da Adeguinha.

A briga entre Toninho e Júnior foi um momento de risco para a estabilidade da Adeguinha. O grupo não tomou posição em favor de um ou de outro. Pelo contrário, atuou para superar o conflito. Todos tinham “sua razão”. Toninho foi insultado pela atitude agressiva de Júnior que, por sua vez, foi confrontado em uma de suas primeiras experiências como responsável pelo bar e exatamente naquilo que é crucial para

a reputação de um dono de botequim: a exatidão da conta. O fato de Toninho ser amigo do pai de Júnior, a quem ajudou em diversas ocasiões e prestou vários favores, deu ao evento um caráter ainda mais dramático. Criou-se um clima de tensão à espera da posição que o patriarca do estabelecimento tomaria, quando ficasse inteirado do que se passara na sua ausência. Chico encontrou-se então em uma posição difícil, tendo que mediar o conflito, sem desmoralizar o filho perante a platéia da Adeguinha e simultaneamente emendar a ferida moral de Toninho.

Este conflito nos ensina muito sobre determinados valores morais que permeiam as relações entre os fregueses da Adeguinha, assim como a dinâmica de interação e convívio no bar. O conflito em si, como aponta Simmel, estimula o esforço do grupo para renovar sua unidade, mesmo que ele signifique a eliminação de uma das partes conflitantes. Embora este não tenha sido o caso na briga entre Júnior e Toninho, houve um ensaio momentâneo de um rompimento mais definitivo, obrigando a mediação do grupo e de Chico para trazer de volta a unidade do grupo⁷³.

Por outro lado, no auge do impasse, quando Toninho e Júnior insultavam-se mutuamente, houve uma ruptura da situação até ali fragilmente definida e que envolvia um novo papel para Júnior, como substituto do pai à frente dos negócios. O consenso operacional foi quebrado quando Toninho questionou a conta. Daí a reação violenta de Júnior, rasgando a nota, e o constrangimento e embaraço dos demais atores e platéia. Como previu Goffman, diante do impasse, as posições assumidas pelos dois atores tornaram-se insustentáveis e os participantes ficaram sem uma linha de ação definida. Deu-se, portanto, a ruptura, que só pôde ser remediada com o retorno às posições de status anteriores, isto é, com Chico reassumindo o comando da Adeguinha e atuando como mediador para restaurar a integridade da equipe de atores. Mais do que um possível erro na conta, o que estava em jogo neste impasse era o questionamento do papel de Júnior como substituto do pai.⁷⁴

A briga fez emergir dois mediadores com atuações distintas e complementares. De um lado, o grupo de fregueses assíduos, como um todo, atuando como apaziguadores dos ânimos exaltados e da moral ferida. No período em que Toninho freqüentou o botequim concorrente, reparei que à medida que os demais companheiros de bar iam chegando, atravessavam a rua, abraçavam o amigo e voltavam para o bar de Chico, apenas um ou outro permanecia com Toninho. Parecia combinado,

⁷³ Wolf, Kurt H. "The conflict". In *The sociology of Georg Simmel*. Glencoe IL. The Free Press. 1950, pp. 13-17.

⁷⁴ Op. cit., p. 222.

mas era espontâneo. Todos invariavelmente iam cumprimentar o amigo e voltavam à Adeguinha. Acabei fazendo o mesmo e, na primeira vez que fiz isso, ao voltar à Adeguinha, Pedro e sua mulher, Jâmila, eram pura consternação, vendo a figura solitária de Toninho do outro lado da rua. “Isso tudo é uma besteira”, me disse Pedro. “Já conversei com Chico e ele está resolvendo tudo.”

Ficou evidente para mim que a responsabilidade maior de restaurar a situação cabia a Chico, dono da Adega, pai de Júnior e amigo de Toninho. Ele era o mediador “natural”, e com autoridade e legitimidade para resolver o conflito. Mais do que isso: era o que se esperava dele, pois a briga estava afetando o convívio entre os assíduos do bar e, de forma indireta, colocando em dúvida a capacidade de Chico de controlar a dinâmica de convivência em seu botequim. Estava claro que a confiança que fora depositada nele cobrava agora o seu preço, através da exigência – ainda que silenciosa e nas entrelinhas, manifestada sobretudo como uma expectativa confiante – de que atuasse para resolver o impasse.

Chico, por sua vez, assumiu seu papel com naturalidade e o desempenhou com maestria. Embora muito chateado com o episódio, o dono da Adeguinha aproveitou a ocasião para reforçar a autoridade do filho como seu substituto natural no delicado ofício de administrar um bar como aquele. Assim, ao mesmo tempo em que atuava de forma decisiva para atenuar os efeitos do impasse gerado pela briga entre os dois, pedindo desculpas a Toninho em conversas reservadas⁷⁵, reforçava a atuação do filho diante dos empregados e demais fregueses.

Justificou a atitude do filho atribuindo seu destemperamento ao extremo zelo com que assumiu a tarefa de substituí-lo naquele fim de semana. Insinuou que o rapaz ainda não tem a experiência e o “jogo de cintura” necessários para enfrentar uma situação como aquela, sendo ainda muito “cru” e “duro” no comando da casa; mas criticou igualmente Toninho, amigo e freguês antigo, por ter “confrontado o menino na sua primeira vez no comando da casa. Por ser amigo, ele deveria apoiar o menino. Se tinha algo errado, depois falava comigo e a gente resolvia”. Uma das principais preocupações de Chico era a perda de autoridade do filho, já que o controle do negócio depende basicamente do respeito que se obtém de empregados e clientes. “Desrespeitar o menino na frente dos empregados iria tirar a sua moral. Por isso ele fez bem em reagir. Cá entre nós, o Toninho errou”, defendeu o pai.

⁷⁵ O caráter reservado dessas conversas é bastante relativo. Seu teor era comenado por Chico com determinadas pessoas, acrescido de juízos de valor. Toninho, por seu lado, nunca quis falar sobre o assunto.

Esse episódio mostra muito mais do que algumas estratégias adotadas por Chico no domínio de seu ofício para controlar as diversas situações que ocorrem cotidianamente. Apresenta, da mesma forma, sua visão de mundo e valores que defende. Valores estes como respeito e honra que são fundamentais na administração de um bar como a Adeguinha, pois são os elementos que compõem a autoridade do dono do estabelecimento.

A maneira de alcançar esta autoridade é através do trabalho duro, da qualidade dos serviços que oferece, e do “jogo de cintura” que se deve ter diante de conflitos e problemas que surgem no dia-a-dia. Esta autoridade é também construída através do vínculo de parentesco (além do filho, vários empregados da Adeguinha são parentes distantes de Chico) e de alianças que formam grupos e subgrupos que estão presentes no cotidiano da Adeguinha. Chico trabalha muito e exige de seus empregados o mesmo desempenho e reclama que eles não acompanham seu ritmo. O esquema na Adeguinha é rígido, com os funcionários tendo direito a apenas um dia de folga na semana. Ao mesmo tempo em que critica seus empregados, ora pela morosidade e preguiça, ora pela confiança que não consegue depositar neles, Chico admite que o trabalho é pesado, sobretudo quando se refere à opção que o filho vem construindo ao fazer o curso de Direito.

A briga entre Júnior e Toninho também evidencia a atitude retaliatória adotada pelo freguês ofendido. Toninho não apenas deixou de ir à Adeguinha, como passou a freqüentar o botequim concorrente, tornando visível a Chico, Júnior e demais atores sua mágoa. Apesar de chateado e reconhecendo que a atitude do amigo o feria, Chico apostava que a postura de Toninho era passageira e só duraria enquanto estivesse zangado. Toninho, por sua vez, nunca quis falar sobre o episódio, aparentando estar embaraçado.

Isso tudo reforça a idéia de que um aspecto sempre presente no dia-a-dia do botequim são as relações de antagonismo que se impõem entre o dono do estabelecimento e seus empregados, fregueses e autoridades. Como dissemos, Chico adota posturas morais para obter o reconhecimento e respeito desses outros atores, entre elas a dedicação extrema ao trabalho. Chico, o filho e os empregados, por exemplo, jamais bebem durante o serviço. É quase um tabu. Muitas vezes, depois que a Adeguinha fecha, forma-se um grupo com os últimos fregueses e, com Chico e Júnior, seguem para outros bares para a “saideira”. É só neste momento que Chico vai começar a beber e, aí, adere às regras do uso do álcool, como os demais. Durante todo o período desta etnografia, essas “esticadas” aconteceram com regularidade,

mas nunca o vi alcoolizado ou bebendo na Adeguinha. Chico, ao mesmo tempo, costuma criticar aqueles que, ao seu ver, não sabem beber, ou bebem demais, inclusive pessoas de sua rede de fregueses assíduos.

Mas a autoridade de Chico se explica também por outros fatores. Em seu artigo sobre o botequim, Machado da Silva, apresenta inúmeros exemplos de conflitos envolvendo o dono de botequim e seus fregueses. Machado aponta para o caráter hierárquico que existe na composição social do botequim, onde o dono, que tem o poder de conceder o crédito, se situa no topo da pirâmide. No entanto, ele é obrigado a negociar com seus fregueses, caso contrário, simplesmente os perde.

Muitos dos conflitos envolvendo esses atores têm origens em questões relacionadas à conta (como a briga entre Toninho e Júnior) ou às dívidas do clientes, embora envolva muito mais do que valores materiais. Às vezes, o comportamento dos clientes no bar também provoca conflitos entre donos ou gerentes e os fregueses.

Certa vez, vi Chico apresentar a conta a uma mesa de jovens, que falava muito alto. Várias vezes, o dono da Adeguinha mandou Rogerinho, um dos garçons, pedir para que o grupo diminuísse os gritos e as cantorias, pois os vizinhos costumam reclamar. Como o silêncio não ocorreu, a conta foi apresentada. No entanto, houve uma vez que um velho freguês de Chico, também assíduo, embora não faça parte do grupo principal, abriu a porta de sua picape e ligou o som alto, com música de estilo sertanejo, e, embora estivesse incomodando vários clientes, Chico não interveio. Perguntei a ele a razão disso e ele respondeu simplesmente: “Eu pedi e ele disse que ia abaixar, mas continua alto. O que é que posso fazer?”. Depois, com muito tato, o dono da Adeguinha conseguiu convencer seu “amigo” a baixar o volume do som.

O barulho também cria conflitos na relação entre Chico e os vizinhos, sobretudo do prédio sob o qual se situa a Adeguinha. Uma senhora costuma jogar água sobre os fregueses, quando o burburinho é muito alto. “Coitada, ela é maluca”, Chico costuma justificar aos clientes ensopados. Os conflitos dessa natureza são muito comuns em vários bares⁷⁶, daí a preocupação dos proprietários desses estabeleci-

⁷⁶ Há mais de dez anos, o bar Bip-Bip, em Copacabana, enfrenta ações na Justiça, movidas por moradores vizinhos ao bar, devido ao barulho provocado pela tradicional roda de samba que ocorre aos domingos à noite. Os instrumentos são acústicos e a música termina invariavelmente às 22 horas. Mas o burburinho das conversações mantém o volume alto. O proprietário, Alfredo Mello, o Alfredinho, impôs regras como a substituição dos aplausos por estalos de dedo, ou ainda a proibição de gritaria. O barulho, no entanto, não parece ser excessivo se comparado aos ruídos do bairro, mesmo assim, o conflito ocorre e, talvez, mais do que o barulho, o problema seja a roda de samba em si.

mentos em manter a ordem. O temor principal de Chico são as autoridades municipais, fiscais que têm autoridade, por exemplo, para suspender a licença de pôr as mesinhas na calçada. No caso da Adeguinha, esse temor se justifica, pois a grande maioria de seus fregueses prefere sentar-se às mesas que ocupam a calçada.

As queixas contra o barulho são normalmente abordadas pelo viés técnico, referindo-se aos níveis de decibéis que extrapolam o limite daquilo que pode ser considerado como poluição sonora. Edison Pinheiro propõe que o problema seja analisado pelo viés sociológico, uma vez que a maioria dessas queixas referem-se mais ao conteúdo do barulho do que ao ruído em si:

Entre os que registram suas queixas no disque-barulho da Prefeitura do Rio, por exemplo, não encontramos reclamações por parte daqueles, que declaradamente compartilham de um mesmo referencial cultural. Os agentes perturbadores, moradores de um mundo “estranho” e “exótico”, são sempre adjetivados em relatos dotados de forte carga emocional. É sempre um “*funk horroroso*”, um “*culto insuportável*”, “*uma festa interminável*”, a “*macumba assustadora*”, o “*samba dos cachaceiros*” que vêm “*acabar com o sossego da gente*”. Isto nos leva a considerar que muitas vezes a falta de cumplicidade estética pode ser mais relevante para disparar o conflito do que o volume do som perturbador.⁶⁴

O problema do ruído no botequim se enquadra na representação generalizada do bar como espaço de arruaceiros e vagabundos. A pesquisa do Rio Botequim e o lançamento do guia, que como vimos pretendia valorizar a imagem do bar como espaço da identidade cultural da cidade, sendo inclusive berço de parceria musicais emblemáticas da música popular brasileira, não evitou as contradições que o choque dessas duas representações apresentava.

O bar Sobrenatural, em Santa Teresa, teve sua roda de samba proibida devido às queixas dos moradores vizinhos quanto ao “barulho”. Um jornalista em sua crítica à medida da prefeitura, considerada pelos freqüentadores do bar como arbi-

⁶⁴ Pinheiro, Edison Vieira. “Por uma antropologia do barulho: do direito individual à generosidade estética”, artigo publicado no jornal O Globo.

trária, iniciou sua reportagem destacando os louvores que o guia fazia ao botequim, em especial à sua roda de samba. E depois seguia: “a mesma prefeitura que edita este guia, manda acabar com o tradicional samba do Sobrenatural”. Chico lida com o problema do barulho como a maioria dos donos de botequim: proibindo batucada nas mesas, cantorias e gritos. Mas, como vimos, essa proibição, como na maioria dos botequins, guardam um tanto de flexibilidade, dependendo de quem viola as regras.

Os conflitos, portanto, têm várias fontes e as relações no botequim transitam pelo respeito ou não às sutis, variáveis e poderosas regras de sociabilidade. Na dinâmica de interação na Adeguinha, constroem-se e exibem-se identidades e valores, através de vários rituais que servem para determinar as competências dos freqüentadores.



Roda de samba no Bip-Bip, em Copacabana: foco de conflito com moradores (fig 6, foto de Gleice Mere)

Os usos que fazem da bebida alcoólica é um dos exemplos desse processo. Como vimos, o ritual da bebida estabelece os status dos bebedores, discriminando aqueles que sabem beber dos que não sabem. Isola os que não bebem e os que bebem exageradamente (a ponto de se comportarem fora das regras de etiqueta do lugar), como pessoas não inteiramente confiáveis, por não dominarem a competência do uso da bebida. A bebida é assim um elemento discriminatório de posições na dinâmica de interação da Adeguinha. Quando entro no bar e Chico ordena, em voz alta, ao chopeiro, antes de trocarmos qualquer palavra, que me sirva um chope, ele está ao mesmo tempo mostrando sua estima e anunciando aos demais fregueses presentes que faço parte do grupo.

Ajocosidade é outro exemplo de como os usuários da Adeguinha, e de outros botequins, delimitam territórios e definem posições e parcerias. As brincadeiras servem para mediar conflitos potenciais que, quando não podem ser evitados, ocorrem levado a novas interações e definições de situação. A idéia de simpósio, como vemos no banquete de Platão, está aqui reproduzida no botequim. O lugar de estar dos

homens, onde as interações acontecem intermediadas pela bebida, comida, conversa fiada, jocosidade, conflitos etc. Tudo a serviço da exibição de competência e afirmação de status de cada um dos participantes do simpósio.

3. 2. O pendura e a etiqueta do crédito na Adeguinha

Consumir fiado, isto é, ter crédito para pagar posteriormente, é uma relação que extrapola o seu aspecto meramente econômico. É um ato social marcado por regras e etiquetas que são estabelecidas e negociadas entre credor e devedor e que são reguladas por uma troca que envolve muito mais do que a mercadoria propriamente dita. É uma relação que se inscreve na esfera da ética, da honra e do respeito, construída através da troca de favores, da confiança e do crédito, no sentido de acreditar no outro, onde o aspecto econômico funciona como medida dos limites dessa relação.

Fiar (*fidere* em latim) deriva de “fiar-se, confiar”, segundo o dicionário Houaiss da língua portuguesa, que aponta ainda as seguintes acepções com relação ao termo fiado: como adjetivo, “1) que se fiou; que confiou; confiado 2) comprado ou vendido a crédito 3) que é enganoso, que objetiva lubridiar, enganar outrem”. Como advérbio: “4) fiadamente; a crédito”. Por sua vez, o termo *crédito* tem no mesmo dicionário 11 acepções registradas, mas a que nos interessa aqui é seu estreito vínculo etmológico, a partir do latim *creditum*, com os termos crença e confiança. Aqui, a questão da reciprocidade é fundamental, uma vez que a confiança e o acreditar no outro dependem dos tipos de trocas que se estabelecem entre um e outro, como veremos nesta seção.

No caso da Adeguinha, esta operação de crédito está vinculada a relações relativamente complexas de reciprocidade cujas regras não são explicitadas formalmente, mas sim no decorrer de cada relação e, por isso, apresentam diferenças significativas entre si. Em outras palavras, não apenas o “pendura” é um direito restrito a alguns fregueses, como não é concedido da mesma forma para todos.

Neste processo, Chico cria uma hierarquia que é definida não só pelo privilégio de poder recorrer ao consumo a crédito, mas igualmente pelo volume de crédito concedido e pelo tempo que um freguês pode seguir devendo. Existe, por exemplo, toda uma encenação de Chico com respeito ao fiado, em relação ao qual ele se coloca ideologicamente contra. Esta postura é encenada publicamente, entre as mesas de sua Adeguinha, carregando mensagens específicas para determinados grupos de

clientes, seja negando o direito ao crédito, seja estipulando quem, entre os que estão ali, tem direito a ele e de que forma. Nesse aspecto, convém relatar um episódio de minha etnografia, no qual fui um dos atores, mas antes é preciso explicar como funciona o sistema do pendura na Adeguinha e como cheguei a ele.

Meu acesso ao crédito na Adeguinha me foi concedido antes mesmo de iniciar esta etnografia, e se baseia muito mais numa relação de interesse do que de confiança. Desconfio que o direito ao pendura me foi concedido pelo fato de ser o autor dos textos do Rio Botequim e de trabalhar em jornais que podem eventualmente fazer resenhas gastronômicas sobre o bar.

De fato, Chico nunca pediu ou sugeriu uma matéria a favor da Adeguinha, exceto agora, muito recentemente, em tom de brincadeira. As que foram publicadas, ocorreram antes de eu estreitar minha relação com ele. Mesmo assim, à época em que obtive o acesso ao pendura não freqüentava o bar com a mesma intensidade com que outros que têm esse direito o faziam.

Não era um cliente, digamos, ideologicamente comprometido com a Adeguinha. Freqüentava a casa com assiduidade, mas não diariamente, ou mesmo semanalmente. A maioria dos clientes que têm direito ao pendura na Adeguinha obtiveram a confiança de Chico sobretudo pelo grau de freqüência e consumo. Este é o primeiro passo a partir do qual as demais ações de reciprocidade se estabelecem e que podem ser um favor especial a Chico, como no caso da obra do banheiro, em que Toninho fez o projeto e emprestou a mão-de-obra, por exemplo.

Meu acesso e de alguns outros tem a ver mais com a imagem de poder que representamos para o dono da Adeguinha. Somos uma espécie de VIPs. Há, por exemplo, João, que é advogado da TV Globo (uma de suas histórias dá conta de que cabe a ele fazer a declaração de imposto de renda da família Marinho) e de vez em quando aparece na Adeguinha.

Vemos assim pelo menos dois caminhos distintos rumo ao crédito na Adeguinha, todos envolvendo diferentes aspectos de reciprocidade, seja uma contrapartida real ou potencial. A possibilidade de figurar no Rio Botequim ou de ter resenhas nos jornais a respeito do bar é credencial suficiente para receber o crédito. No entanto, com à exceção desta vez específica, em que brincou que seu bar estava “merecendo uma reportagem”, Chico nunca explicitou os termos da troca que envolveria a concessão do crédito a mim. Às vezes comentava criticamente um ou outro bar citado no Rio Botequim ou em alguma reportagem e aproveitava para elogiar as virtudes da Adeguinha.

“Não entendo porque falam tanto do chope do Amendoeira”, me disse uma vez, “fui lá com um amigo e achei o chope ruim, pior que o meu”.

“O que é isso, Chico. O chope do Amendoeira é um dos melhores que já bebi”, respondi. “Você deve ter dado azar e pegou uma troca de barril”.

“Não era troca de barril, não. O chope é fraco mesmo. O pessoal não sabe tirar chope. O meu problema é que tenho a chopeira muito perto da chapa, o que esquenta um pouco o chope. Mas não posso me desfazer da chapa, que é onde ganho dinheiro. Senão, teria o melhor chope do Rio.”

Ao criticar o “mito” criado na mídia em relação à excelência do chope do concorrente, implicitamente Chico dizia que seu bar é que merecia ser resenhado e ter suas virtudes ressaltadas pelo guia ou pela imprensa. Embora, com o decorrer do tempo, uma relação de confiança e amizade foi se tornando cada vez mais presente na minha convivência com Chico e os demais atores da Adeguinha, especialmente depois que iniciei esta etnografia, minha vida profissional é determinante do meu status como freguês da Adeguinha e as expectativas de reciprocidade na relação com Chico se baseiam neste status.

A primeira vez que pendurei na Adeguinha foi por sugestão do próprio Chico, o que mostra que seu discurso contrário ao pendura é uma encenação que é executada em momentos específicos. Na ocasião, pedi a conta depois de tomar dois choques. Ao ser indagado por que estava indo embora tão cedo, respondi sinceramente que estava sem dinheiro. Ao que Chico respondeu: “Ora, pendura. Não vai deixar de beber só porque está sem dinheiro.” Assim, pendurei. E adotei esta prática até ouvir o discurso de Chico sobre o pendura na sua encenação destinada a uma platéia específica, o que só fui perceber muito tempo depois.

Estava exatamente assinando a nota de uma despesa, quando Chico deixou o balcão e veio me cumprimentar em minha mesa, na calçada. Ao meu redor, havia outras mesas. Chico então disparou:

“Não gosto que pendurem. Não acho justo.”

Pego de surpresa, perguntei:

“Você está falando da minha conta?”

“Não. Claro que não. Você é meu amigo. É diferente. Estou falando dessas pessoas que chegam aí, pedem e pedem, e depois querem pendurar a conta”.

“E tem muita gente querendo pendurar?”

“O tempo todo. Hoje mesmo.”

“Mas é gente conhecida, freguês da Adega?”

“É conhecido assim, assim. Vem aqui uma de vez em quando, consome, pendura e depois some. Não dou mais crédito. Não acho justo. Eu tenho que pagar minhas despesas na hora. O chope que eles pedem, eu já paguei. Não acho justo que eles venham pagar só depois”.

“É, Chico, mas eles consomem e você acaba vendendo a mercadoria que, se eles não tivessem crédito, não teriam consumido.”

“Mas outro, com dinheiro para pagar na hora, consumiria. Não preciso desse tipo de cliente.”

Este episódio me deixou constrangido e não voltei mais a pendurar uma conta na Adeguinha. Com respeito aos demais fregueses com direito ao crédito, reparei que o processo de assinar a nota é também uma encenação simbolicamente importante. Há no gesto um misto contraditório de orgulho, por ter direito ao pendura, e vergonha, por estar recorrendo ao crédito e, com isso, deixando claro a situação financeira delicada a ponto de não poder pagar a conta.

Certa vez, por exemplo, Reinaldo, um dos fregueses da turma da Adeguinha, chamou Rogerinho e disse: “Vou assinar porque estou com pouco trocado no bolso e não quero ir no caixa eletrônico agora à noite. É perigoso e eu estou com preguiça”. A explicação era menos para Rogerinho do que para as pessoas da mesa. A maioria dos que assinam, o fazem através da intermediação do garçom, evitando com isso interagir diretamente com Chico.

Pedro é uma exceção. Sempre se levanta, vai ao balcão, faz algum gracejo com o dono da Adeguinha e avisa: “Me dá essa conta aí que vou pendurar.” Do mesmo modo, quando vai pagar a dívida, o faz de maneira espalhafatosa e jocosa: “Vê aí o prejuízo que vou fazer um cheque”. Quando vem o total sempre brinca dizendo que há exagero na conta e que Chico vai acabar comprando um restaurante com o dinheiro que rouba dele. A reação de Chico é sempre um sorriso silencioso. A mulher de Pedro jamais interfere ou participa diretamente desse processo.

A relação de reciprocidade entre Pedro e Chico deixa evidente que na hierarquia do crédito na Adeguinha, Pedro goza de um prestígio singular, status talvez repartido apenas com Toninho. Prestígio este alcançado na relação de intimidade que se construiu entre o dono da Adeguinha e seus fregueses através de uma frequência intensa, da troca de favores não relacionados diretamente com o consumo do bar, valores que são definidos por Chico, Pedro, Toninho e outros como amizade.

Um amigo, para eles, é alguém que se vê sempre, que se confia e que se ajuda mutuamente. Estes valores estão acima de eventuais conflitos que possam

ocorrer no cotidiano da Adeguinha.

Nesta hierarquia, estou aquém da posição deles. A possibilidade utilitária de fazer eventualmente uma reportagem sobre as variadas qualidades da Adeguinha me colocam numa posição de mediador, mas ao mesmo tempo, no convívio do dia-a-dia, laços concretos de amizade vão estreitando essa posição. Atualmente, sou considerado por Chico um amigo, cuja confiança não se dá da mesma medida como a que ele estabelece com Pedro ou Toninho, mas que já está além de uma mera relação utilitária que poderia potencialmente existir devido à minha profissão.

Uma das conclusões de Machado da Silva acerca dos botequins estudados por ele sugere que a complexa relação de crédito que ocorre no pendura é fundamental no posicionamento hierárquico dos fregueses dentro do bar e traz aos freqüentadores desses estabelecimentos – de um modo geral, pessoas pobres, com escassas possibilidades de consumo – a sensação de pertencimento à sociedade, justamente graças aos rituais de oferecer e retribuir bebida. O crédito possibilita o consumo constante e viabiliza esta operação de reciprocidade que, por sua vez, sustenta simbolicamente a representação de pertencimento e integração. Em outros termos, é o consumo viabilizado pelo crédito informal que dá ao freguês pobre e marginalizado do botequim a chave que o permitirá entrar na sociedade.

Na Adeguinha, que é um bar freqüentado por pessoas de classe média, esta operação simbólica não ocorre nos termos descritos por Machado da Silva. Isto é, seus fregueses não dependem nem do crédito nem do consumo para se sentirem fazendo parte da sociedade. No entanto, o jogo recíproco, inclusive as variadas etiquetas que obrigam seus fregueses a dar, receber e retribuir, estão presentes de maneira poderosa, sendo a base de interações de outra ordem.

Elas estão vinculadas à construção de papéis e identidades que são realimentadas no convívio cotidiano. Ser considerado pelos demais envolve atuações que definem situações ideais e isso exige o que Santos, Mello & Vogel denominam “sistema de atitudes”. Assim, o consumo e o crédito não são elementos exclusivos de interação. Respeito, honra, masculinidade e “ser considerado” estão na base do jogo de reciprocidade que dá aos clientes da Adeguinha igualmente uma sensação de pertencimento.

3. 3. Clube do Bolinha

Um aspecto que esteve o tempo todo evidente nesta etnografia foi o das ques-

tões de gênero que surgiram ao longo da pesquisa de campo, na leitura da bibliografia específica e no material recolhido no *survey* do Rio Botequim. O botequim, mesmo aqueles que têm frequência mista, como é o caso da Adeguinha, é um território essencialmente masculino. Vários antropólogos⁷⁷ chamam atenção para a constante construção, exibição e negociação das identidades masculinas que ocorrem nestes ambientes. Identidades que são postas a prova através de rituais diversos, desde as bravatas e brincadeiras agressivas, onde a masculinidade dos indivíduos é questionada jocosamente, até as relações de sedução e flerte com o sexo oposto. Tal “sistema de atitudes”, como afirmam Santos, Mello & Vogel, ao descrever o bar do Garrincha, “é marcadamente jocosos e agressivos. Vivem testando uns aos outros. Mas isso amplia sensivelmente o conhecimento mútuo e fortalece os laços de confiança que um parceiro deposita no outro”.⁷⁸

Aqui, cabe uma reflexão importante, trazida por Miguel Vale de Almeida⁷⁹, entre outros. Ser homem (ou mulher) é algo muito mais amplo do que a mera noção do senso comum das diferenças físicas, embora estas sejam o ponto inicial de uma distinção entre homens e mulheres. A identidade dos gêneros se constrói de forma complexa, através de um sistema de valores determinados em cada meio social e apreendidos de forma naturalizada. As identidades masculina e feminina, assim, se diferenciam não apenas entre si, mas igualmente entre grupos sociais.

Almeida afirma que para entender o que significa ser homem, é preciso perceber quais são as exigências que o grupo onde ele está inserido faz nesse sentido. Em outros termos, quais são as ações que o grupo projeta para definir as situações através de uma atuação mais ou menos esperada, mais ou menos coerente, de seus atores masculinos. Veremos exemplos disso adiante, onde uma cobrança poderosa, embora muitas vezes invisível e silenciosa, ocorre nas interações sociais em espaços masculinos, como o botequim. Almeida diz o seguinte a respeito dessas exigências:

Estes requisitos não se localizam ao nível estrito do corpo, ainda que as interpretações deste sejam fortemente mobilizadas para o discurso

⁷⁷ Ver Guedes; Nascimento; Santos, Mello & Vogel, entre outros

⁷⁸ Op. cit., p. 36.

⁷⁹ Almeida, Miguel Vale de. Senhores de si – Uma interpretação antropológica da masculinidade. Lisboa. Fim de Século Edições Ltda. 1995.

do gênero. Eles espalham-se por todos os níveis do social, desde a família ao trabalho, do prestígio ao status, da classe social à idade, passando pela linguagem verbal e gestual, enfim, a lista seria tão vasta quanto a totalidade do social.⁷⁹

É possível traçar um paralelo entre os homens de Pardais⁸⁰, estudados por Almeida, e os freqüentadores da Adeguinha e de outros botequins cariocas. Lá, eles se reúnem nos cafés, que são um dos espaços de sociabilidade masculina, do mesmo modo como os botequins o são aqui. Almeida coloca em questão toda uma simbologia que situa o homem na rua e a mulher no lar.

Estar no café é, assim como estar no botequim, uma atividade masculina. O que não significa que estes espaços estejam interditados à presença da mulher. Eles, no entanto, são o lugar de estar dos homens, onde eles, digamos, apresentam “suas armas”, ou seja, exibem e constroem valores que alicerçam sua noção de masculinidade. Também é o espaço onde são testados, como vimos, por seus pares. Estar num botequim do Rio de Janeiro ou num café em Pardais é uma atitude masculina porque implica estar na rua e há nisso uma atividade. Ao passo que estar em casa representa uma passividade, papel consagrado simbolicamente à mulher. O lar “amolece” o homem, o bar o fortifica.

Para entendermos o que significa ser homem no botequim, é necessário procurar pelos sinais das exigências mencionadas por Almeida. Um bom começo é perceber o que os homens fazem ali. A mediação entre eles passa, como já vimos com Neves, pelo uso controlado da bebida alcoólica. O beber é uma competência que deve ser dominada pelo homem para que ele obtenha o respeito de seus pares. A abstinência, por exemplo, não é uma atitude confiável e é preciso ter uma boa justificativa para não beber quando se está no bar ou entre os pares (como por exemplo, estar doente). Não beber é uma atitude passiva e, portanto, identificada com o papel feminino. Nos botequins cariocas é comum a expressão: “não se pode confiar em quem não bebe”.

A confiança entre os pares é a chave para entendermos o que significa esta competência da masculinidade que é posta a prova incessantemente. Assim, num outro extremo, aquele que exagera no consumo da bebida e se torna inconveniente

⁸⁰ Idem, p. 128.

⁸¹ Pardais é o nome do vilarejo pesquisado por Almeida, no interior de Portugal.

também não é confiável. O sujeito que passa mal, arruma confusão porque está embriagado não tem competência para estar entre seus pares.

Mas a construção da identidade masculina no bar não se resume, evidentemente, ao uso controlado da bebida. Há muitas outras atividades que reforçam e testam este papel. A conversação, que gira em torno dos assuntos dos homens (falar mal das mulheres, por exemplo, como aponta Nascimento)⁸¹, é uma delas. A postura corporal, inclusive a exibição dos calos nos cotovelos adquiridos em anos de frequência nos balcões, é outro elemento de composição do papel masculino. Há inclusive gradações de posturas. Beber em pé junto ao balcão, por exemplo, implica uma atitude mais ativa do que o estar sentado às mesas. Podemos citar ainda, o comer, os jogos de carta e “porrinha”, entre outros sistemas de atitudes.

Nessas interações, os papéis são fundamentais e bem delimitados pelo grupo. O controle exercido pelo dono do estabelecimento é um aspecto fundamental. O bom dono de botequim é aquele que mantém a ordem, sem ser repressivo ou exigente demais. Para os fregueses essa qualidade é um dom, que valoriza o papel do proprietário do botequim e o situa simbolicamente no papel do patriarca. Assim, nos diversos desafios no processo de construção da identidade masculina, ele atua como mediador e quanto mais for capacitado para fazê-lo, mais respeito terá de seus pares. Os garçons também são mediadores importantes. No caso da Adeguinha, participam das atuações jocosas com os fregueses assíduos, reforçando identidades e noções de respeito e hierarquia.

Spradley & Mann, por outro lado, abordam o problema da mulher que trabalha em um ambiente masculino, na figura da garçonete do Brady's, um estabelecimento estilo *american bar*, ou seja, uma casa fechada, uma espécie de mistura de boate e bar, bastante comum nos Estados Unidos, freqüentada basicamente por um clientela masculina. Os autores estão interessados em perceber o papel feminino a partir do contraste que emerge no processo de interação com os homens em um ambiente cotidiano de trabalho. O bar pareceu-lhes o cenário mais adequado para sua pesquisa porque mistura os aspectos de lazer e trabalho num mesmo ambiente. O contraste, muitas vezes dramático, é material rico para a pesquisa dos dois antropólogos, que estão preocupados com o processo de interação:

À medida que íamos recolhendo dados de

⁸¹ Ver Nascimento, Pedro Francisco Guedes do. “Mulher é o cão – A construção da identidade masculina em um bar da feira central de Campina Grande. Etnografia”. Monografia apresentada à Universidade da Paraíba, em 1995.

nossa pesquisa sobre a vida social, ficamos convencidos de que *masculinidade e feminilidade são definidos no processo de interação social*. As pessoas não apreendem os valores e atitudes de suas identidades sexuais a partir de afirmações filosóficas ou da formalidade de debates sérios, mas sim quando interagem com indivíduos do sexo oposto em atividades rotineiras.⁸²

Certa vez, marquei um encontro de almoço com uma amiga em um botequim próximo ao local onde ela fazia um curso de música. Cheguei adiantado e percebi que só havia homens no bar, dos quais conhecia apenas o dono e o garçom. A maioria deles era composta por aposentados, que conversavam descontraidamente espalhados pelo bar. A idéia de que receberia uma amiga naquele ambiente me incomodou e cheguei a me arrepender de tê-la convidado. Especialmente pelo tipo de conversa que a “turma de coroas” levava.

Havia um grupo com três deles sentados à uma mesa próxima à rua; outros quatro, inclusive o dono do botequim e o garçom, estavam em pé, junto ao balcão; um homem mais novo também bebia em pé, embora um pouco afastado; atrás do balcão havia outros dois empregados da casa; e finalmente eu, que me sentara em uma mesa afastada do balcão, mas igualmente próxima à rua. O grupo de aposentados se conhecia mutuamente e brincavam uns com os outros⁸³.

Depois que me acomodei, um deles começou uma série de narrativas sobre suas aventuras sexuais. Ex-vendedor, lamentava não poder viajar mais como antigamente, antes de se aposentar. Todas as histórias eram hilariantes e versavam sobre como conseguira trair sua mulher, branca e loura, sem que ela percebesse, “apesar de ser muito viva”. Todas suas amantes eram morenas, mulatas e até uma “espanhola de cabelos crespos”.

As narrativas se prolongavam em detalhes obscenos minuciosos e eram interrompidas constantemente e de forma irônica pelos demais ouvintes, que a essa altura eram todos os presentes no bar, ora duvidando dos evidentes exageros do

⁸² Spradley, J. P., Mann, B. *The cocktail waitress – Women’s work in a man’s world*. New York, NY. McGraw-Hill. 1975. p. 145. “As we gathered data from ongoing social life we became more convinced that *manhood are defined in the process of social interaction*. People learn the values and attitudes of their sexual identities, not from philosophical statements or even serious formal discussions, but as they interact with members of the opposite sex in routine activities.” (grifo no original)

⁸³ Um deles acabara de pegar seus exames médicos e pedia ao dono do botequim para pendurá-los na parede e servi-lhe uma boa dose de cachaça.

narrador, ora questionando mesmo sua masculinidade, à medida que ele ia descortinando uma série de perversões sexuais, como a prática de sexo grupal, cunilingus, sodomia etc. As narrativas eram entremeadas por muitos palavrões e sobretudo engraçadas, e iam se tornando cada vez mais mirabolantes à medida que ele percebia ter conseguido a atenção de todos no botequim.

Ele estava chegando ao ápice de uma de suas histórias, quando minha amiga, alheia ao que acontecia, entrou despeocupadamente no boteco. Levantei-me imediatamente para recebê-la e para mostrar aos outros que agora havia uma mulher no bar. Ela me abraçou efusivamente, ante o silêncio de todos. Naturalmente, sem que ela percebesse, o grupo se desfez.

O homem mais novo, que estava em pé junto ao balcão, pediu a conta. Os aposentados, com o dono do botequim, se mudaram para o fundo do bar, ocupando uma mesa distante da minha, onde continuaram conversando baixinho. O “coroa” que narrava as histórias se despediu de todos e, ao passar por mim, enquanto minha amiga me abraçava, piscou o olho, em um sinal de cumplicidade e de, digamos, elogio à beleza de minha amiga, que não percebeu nada do que aconteceu, e sem ter idéia da cena que, sem querer, ela desfez ao entrar no bar.

Este botequim, localizado em Lorangeiras, bairro classe média da zona Sul do Rio, é de freqüência mista. Os assuntos de homem estão, portanto, sujeitos a interrupções dessa natureza com mais freqüência do que os bares, normalmente localizados em áreas mais pobres da cidade, onde a presença da mulher cria tensões e é reprimida.

Em sua pesquisa sobre alcoolismo, Ângela Garcia, iniciou uma etnografia em um botequim de um bairro operário de São Gonçalo. Depois de algum período pesquisando o bar, acabou sendo expulsa por um de seus informantes, que estava alcoolizado, em uma explosão de raiva, que deixava claro o incômodo de sua presença naquele cenário⁸⁴. Entre improperios, ele dizia não entender porque uma mulher como ela estava freqüentando um botequim, se ela não era uma “piranha”. O conflito ocorreu mesmo depois de meses de pesquisa no bar, e de ter explicitado os objetivos de sua presença naquele ambiente. “Sóbrio ele era muito antencioso e educado”, me disse Garcia. “Só explodiu essa única vez, quando estava totalmente embriagado.” Nada disso eliminou a estranheza do informante de Garcia e, muito

⁸⁴ Garcia, Ângela Maria. “E o verbo (re)fez o homem: Estudo do processo de conversão do alcoólico ativo em alcoólico passivo”. Dissertação de Mestrado defendida na Universidade Federal Fluminense, em junho de 2003. p. 27.

provavelmente, a cobrança dos demais freqüentadores sobre ele. Uma mulher desacompanha naquele bar, com poucas exceções, como a de ser “piranha”, não tem explicação possível.

Em contraste com este botequim, o bar do Garrincha e os bares estudados por Guedes e Machado da Silva, a Adeguinha é uma casa de freqüência mista, ou seja, as mulheres a freqüentam sem grandes problemas. Mesmo assim, é incomum encontrar uma freguesa sozinha em uma de suas mesas. Em geral, a freqüência feminina ocorre em grupos de mulheres, especialmente colegas de trabalho no “*happy hour*”, ou então em grupos mistos. No grupo principal de fregueses da Adeguinha, as mulheres têm algum tipo de vínculo com os homens, seja marital ou de parentesco.

O mais comum é que as mulheres ocupem as mesas da calçada ou o salão mais reservado, o que deixa o balcão como um espaço mais reservado aos homens, embora não seja impossível ver uma ou outra mulher no balcão comprando cigarros, por exemplo. Uma delas, chamada Ana e conhecida de todos da casa, bebe em pé junto ao balcão, onde participa das conversas dos homens. Percebo que embora a aceitem ali, normalmente não aprovam sua atitude e muitas vezes insinuem que está “caçando um homem”. Outras vezes, a consideram um pouco louca, o que atenuaria o fato de estar no lugar dos homens, bebendo com eles.

Na conversa de balcão, os assuntos variam da política ao futebol e se fala muito de sexo, normalmente em tom de brincadeira. Quando o assunto é mulher, é comum que Ana intervenha provocando: “Fulando, você não entende nada de mulher.” Isto é normalmente acompanhado de “urras” e “vivas” dos demais e as reações variam enormemente, entre respostas indignadas a revides no mesmo tom de brincadeira, como por exemplo: “Se você quiser, te mostro o que sei sobre mulher”.

Ana costuma aparacer aos sábados à tarde, vestida como se fosse fazer *jogging*, com moletom e calça leg, que realçam suas formas. Certa vez, presenciei o seguinte diálogo entre ela e Toninho, marcado por brincadeiras e provocações:

“Ana, você está muito magrinha. Esse negócio de fazer *cooper* está te emagrecendo muito.”

“Você acha?”, respondeu dando uma voltinha, numa mímica engraçada.

“Acho, mas eu não gosto, não. Tô com saudade daquele seu bundão.”

“Me aguarde. Tô ficando cada vez mais gostosa.”

“É, mas está emagrecendo muito. Está perdendo aquele seu bundão gostoso.”

“Qualé, você não entende nada de beleza, rapaz”, disse Ana, encerrando as-

sunto.

Esse tipo diálogo envolvendo Ana é normalmente acompanhado pelos demais homens presentes, inclusive os empregados e Júnior, com um sorriso maroto. Todos em silêncio, observando o desenrolar da contenda. Quando Chico está presente, não participa muito desse tipo de conversa, prefere abrir o caixa e contabilizar as notas que vão chegando. No entanto, quando as brincadeiras ocorrem apenas entre homens, ele participa das provocações animadamente. Em nenhum momento Ana parece se ofender, digamos, moralmente, embora se irrite com a insistência de certos assuntos. Sua presença é, mesmo no ambiente híbrido da Adeguinha, um laboratório, onde as etiquetas no que se refere à presença da mulher têm que ser refeitas constantemente.

A atitude de Toninho parece ser a de alguém que está representando o seu papel de homem que se sente incomodado pela presença de Ana num espaço masculino e, por isso, leva ao extremo as brincadeiras onde os limites entre o respeito e o desrespeito são tênues. Mas é Ana quem está no cenário, digamos, impróprio, causando tensões com sua presença, provocando as brincadeiras de homens.

Ao brincar com Ana, Toninho projeta para os demais homens que estão junto ao balcão, empregados e fregueses, uma situação onde se confirma sua masculinidade. Ele está mostrando a todos o quanto admira o “bundão” de Ana, um elemento do corpo feminino muito valorizado na cultura popular brasileira, ao reclamar que ela está emagrecendo muito. Ao mesmo tempo, em vez de ficar indignada, Ana prefere adotar uma performance que projeta para os demais a sua “capacidade” ou “flexibilidade” mediadora, de alguém que é capaz de entrar no “mundo” masculino e interagir nele num papel pouco convencional.

No entanto, o efeito para a platéia é o de alguém de certa forma desvalorizado por sua presença ali, mostrando a diferença entre as impressões que ela emite e as impressões que ela transmite⁸⁵. Como vimos, as inferências principais que o grupo faz a respeito de Ana são a da mulher “maluca” ou da “caçadora de homens”.

A monografia de Nascimento sobre um boteco popular situado dentro da feira central de Campina Grande, freqüentado exclusivamente por homens, é reveladora de suas representações acerca do feminino. Diz ele: “O bar é o espaço do homem. [...] É visivelmente incômoda a presença feminina”⁸⁶. Ele aponta os tipos de mulheres que são admitidas no local, sem que causem conflitos e tensões entre os fregueses.

⁸⁵ Goffman, 1975, p. 12.

⁸⁶ Op. cit. p. 26.

Segundo ele, mulheres acompanhadas por outros homens, com quem existe uma evidente relação afetiva (esposa, companheira, namorada, filha ou irmã), são respeitadas pelos demais homens. Os riscos de conflitos são extremamente altos se alguém ultrapassa um determinado limite em relação a estas mulheres e, portanto, a cautela recomenda o respeito.

Outro tipo são as mulheres acompanhadas por outros homens, mas cujo vínculo afetivo não existe, o que fica evidente pela desatenção que recebem de seus acompanhantes. Neste caso, os homens se insinuem mais diretamente. Há ainda as mulheres que trabalham na feira e serão respeitadas, embora exista uma interação mais íntima com os fregueses e muitas brincadeiras, onde se insinuem desejos, fletes e até carícias físicas sem que haja necessariamente algum tipo de relacionamento amoroso. Existem, na feira, mulheres jovens que mantêm uma relação de provocação com os homens, usando shortinhos e minisaias, que passam pelo bar de forma sedutora, mas só o freqüentam acompanhadas.

A mulher desconhecida, que passa em frente ao bar, pode ser chamada de “gostosa” pelos homens. Muitas vezes, ela nem sequer escuta os supostos galanteios. Mais uma vez, trata-se mais de um projeção de situação para uma outra platéia: os demais homens que estão no bar. Nascimento destaca que, se uma mulher considerada “boa” passa despercebida, o primeiro a notar sua presença e a distração geral chama a atenção dos demais, questionando sua masculinidade.

Há, também, a “mulher fácil”, a “piranha” ou “puta”, seja a prostituta profissional ou não. São aquelas que cedem aos galanteios dos homens, seja para fazer um programa (no qual os homens pagam pelo intercuro) ou não. Por fim, o autor cita ainda as mulheres “canhão” (feias ou idosas), “sapatonas” (lésbicas) e os travestis. Nascimento aponta em sua etnografia:

Portanto, a mulher surge como um ser estranho no universo do bar. Apresenta-se como uma ameaça a um determinado papel que está sendo desempenhado. Por isso, para não ser molestada, ela precisa da companhia ou da referência masculina. Se ela não é a mulher “respeitável” que está bem acompanhada, precisa ser colocada numa posição que não represente ameaça. Ela cede às insinuações e cantadas, fazendo o papel da “mulher fácil”, da prostituta ou se retira do bar

imediatamente ou sequer passa por lá.⁸⁷

Vemos assim, que o botequim não é vetado a todas as mulheres desacompanhadas, mas apenas à mulher “respeitável”. Ana joga um jogo perigoso, trocando o papel da “mulher direita”, pela projeção da imagem de mulher ousada e autônoma, que tem o direito de beber ali no bar, com os homens. Considerada, por isso, um pouco louca, não é molestada ou agredida, como Ângela, mas sua presença é incômoda e provoca reações como a que vimos. Nascimento se refere à ameaça, mas talvez o termo mais apropriado seja desafio para qualificar a presença feminina no botequim. Essa presença obriga os homens a uma atuação, como vimos, para essa dupla platéia: a mulher em si e os demais homens presentes no cenário.

A presença dessas mulheres implica todo um exercício de postura masculina. Queremos falar da etiqueta masculina frente à mulher. Há uma constante vigilância à presença feminina, pois este fato exige determinadas atitudes, gestos, comportamento. [...] Esse desempenho deve ser percebido pelos colegas. É interessante que todos acompanhem sua investida e seu talento [...].⁸⁸

Guedes, por sua vez, chama atenção para o caráter formador da identidade masculina que lugares como o botequim desempenham:

A acentuação da relação entre homens que se concretiza em espaços segregados [como o botequim], representa a criação de uma espécie de laboratório secreto masculino onde as transações simbólicas obedecem a regras específicas, cujo primeiro mandamento é, justamente, excluir as mulheres. [...] Neste laboratório secreto, muito da posição de cada homem depende do modo como é interpretada a sua relação com as mulhe-

⁸⁷ Idem, p. 27.

⁸⁸ Idem, p. 33.

res, aspecto crucial que impede que a relação entre homens se transforme numa diferença irreduzível à recomposição da relação homem-mulher.⁸⁹

Vemos que o exercício da sedução das mulheres que estão no bar ou que por ele passam é destinado prioritariamente aos demais companheiros de copo, que assistem o desempenho do ator, cuja finalidade principal é marcar sua identidade como homem e afastar dúvidas quanto à sua masculinidade. Os termos dessa identidade são negociados segundo regras estabelecidas (e percebidas como “naturais”) no meio social onde ocorrem. Se o desempenho for competente, os demais, digamos, renovam as credenciais de masculinidade de nosso ator. Essa renovação pode inclusive ser feita através de brincadeiras, onde aparentemente se coloca em dúvida a própria identidade masculina em questão. Se não há renovação dessa identidade, cria-se uma anomia e surgem conflitos. Aponta Goffman:

Em tais ocasiões o indivíduo cuja representação tenha sido desacreditada pode se sentir constrangido enquanto os outros presentes podem tornar-se hostis e tanto um quanto os outros podem se sentir pouco à vontade, confusos, envergonhados, embaraçados, experimentando o tipo de anomia gerado quando o minúsculo sistema social da interação face a face entra em colapso.⁹⁰

Em outra ocasião, em um botequim de Copacabana, com balcão voltado para a calçada, um menor de rua que furtara uma senhora foi pego por dois policiais exatamente em frente ao bar, de onde todos acompanhamos a “amaciada” que o pivete levou dos “meganhas” antes de ser levado em um camburão. A cena chocou os fregueses e logo o tema da violência policial unia as mesas em indignação. No assunto geral, todos tinham histórias para contar sobre o tema. Um jovem que estava sozinho contou então, com uma honestidade inesperada e, como veremos, indesejada, que havia sido detido uma certa vez, por posse de uma pequena quanti-

⁸⁹ Op. cit. pp. 132-133.

⁹⁰ Op. cit. p. 21.

dade de maconha. Na delegacia, disse ele, percebendo que seria abusado sexualmente por vários policiais, entregou-se voluntariamente ao “delegado”. E nos explicou sua lógica: “Era melhor dar para um apenas do que ser pego pela delegacia inteira.” A reação que se sucedeu ao fim de seu relato foi um silêncio constrangedor. O assunto da violência policial simplesmente acabou, sobreposto por outro muito mais sério naquele micromundo. Pressentindo que ferira alguma lei invisível de convivência, em pouco tempo o jovem pagou sua conta e foi-se embora. Tão logo, virou a esquina, todos homens presentes começaram a falar mal dele: “É um viado mesmo.”

O jovem supôs que havia, nos termos de Goffman, um consenso, onde a admissão de que tivera uma relação sexual passiva com outro homem seria aceita pelos demais, tendo em vista o caráter coercitivo e arbitrário da situação. O silêncio geral mostrou que a definição da situação projetada por ele não encontrou eco nos demais e o consenso não pode existir. Seguiu-se, ao contrário, uma situação de anomia, marcada pelo constrangimento, embaraço e reações hostis a ele, depois que se foi do bar. Tal consenso era impossível num ambiente de domínio masculino, onde o homossexual passivo é normalmente uma das piores desvalorizações da imagem masculina.

Guedes, por sua vez, aponta em sua etnografia, um outro conflito altamente dramático. Um aposentado, freqüentador assíduo do bar do seu Ataliba, um dos botequins estudados por ela e que ao domingos funciona como um clube fechado para um grupo de uns dez aposentados, foi confrontado por uma mulher, que, da rua, exigiu que ele mandasse sua esposa parar de falar mal dela, espalhando pelo bairro que os dois tinham um caso. A mulher gritava e ameaçava a mulher do sujeito. O bar acompanhou o conflito com ansiedade e desconforto, ao passo que o ofendido se mantinha em silêncio, bebendo sua cerveja, como se nada tivesse acontecendo.

Pouco depois, surgiu outra mulher, ex-companheira do aposentado, e também ao berros o criticou, xingando-o. A situação deixou os companheiros divididos em relação a sua passividade. Seu Ataliba, o dono do bar, quando ficou sabendo da história avisou que iria expulsá-lo do bar, pois ali é lugar de homem e um homem não leva desaforo de mulher:

O ponto é: ele não reage. Ao contrário, procura sempre acalmar a situação, quer fingindo que não está acontecendo nada, quer tentando con-

versar com uma das mulheres. O modo como enfrenta o desafio é o problema que se coloca para os homens presentes. [...] Duas possibilidades, ao menos, de interpretação do comportamento do desafiado se constroem no interior do bar. Na primeira ele é um *esperto*, um *sonso*, que realmente comeu aquela mulher (a primeira). Na segunda, ele é um *fraco*, um *babaca*, um impres-tável, avaliações centradas no modo como se portou diante das agressões femininas.⁹¹

Esse conflito descrito por Guedes lança luz sobre o tipo de “ameaça” ou “desafio” a que se refere Nascimento. O bar de seu Ataliba é um clube masculino, onde sempre aos domingos, os aposentados que moram nas cercanias se cotizam para comprar frangos e cervejas e passam o dia no interior do botequim. “É necessária a presença de uma mulher (no caso, duas) para que se rompa o princípio fundamental que regula a relação entre estes homens e para que eles passem, tão abertamente, a julgar um de seus iguais.”⁹²

No caso da Adeguinha, a conversa de Ana e Toninho acontece dentro das regras, onde a forma jocosa e agressiva com que ele se dirige a ela denuncia o incômodo de sua presença no bar, ou pelo menos, naquela parte do bar, vista como o espaço mais íntimo, dos freqüentadores assíduos, amigos de Chico, onde as mulheres entram como referenciadas a outros homens, como esposas, companheiras, irmãs etc. Ana não possui uma referência masculina no bar e quando se coloca “com a barriga encostada no balcão” interfere na dinâmica de interação que se desenrola ali.

No entanto, com sua insistência, e sobretudo resistências às agressividades dos homens, Ana vai deixando de ser uma anomia e passa a se integrar ao grupo, embora em um lugar negativo, ora da “mulher fácil” que está “caçando homem”, como me disse um dos garçons certa vez, ou então como “louca”, “bêbada” etc. Marcos, um outro freguês que sempre freqüenta a Adeguinha em pé no balcão, costuma conversar com ela sem ser dessa forma jocosa. Muitos acreditam que os dois têm um caso.

⁹¹ Op. cit. p. 144, grifos no original

⁹² Idem, p. 144

Almeida defende as hipóteses de que:

(...) a masculinidade hegemônica é um modelo cultural ideal que, não sendo atingível por nenhum homem, exerce sobre todos os homens um efeito controlador, através da incorporação da ritualização das práticas de sociabilidade cotidiana e de uma discursividade que exclui todo um campo emotivo considerado feminino; e que a masculinidade não é simétrica da feminilidade, na medida em que as duas se relacionam de forma assimétrica, por vezes hierárquica e desigual. A masculinidade é um processo construído, frágil, vigiado, como forma de ascendência social que pretende ser.⁹³

A presença de Ana no lugar de estar dos homens, bebendo com eles, comentando os discursos que se constroem ali, participando das bravatas e jocosidades, é nitidamente um incomômodo para eles. É como Luluzinha no clube do Bolinha. Interfere nos rituais de exibição de masculinidade que se praticam ali cotidianamente. Ana impede o simpósio e coloca uma dupla questão para os homens: o que faz esta mulher aqui? e o que fazemos com esta mulher que está aqui?

Toninho buscou sua resposta numa espécie de diálogo-desafio; o garçom apenas concluiu o que lhe pareceu óbvio: “ela está caçando homem” e, com isso, a classificou no mais baixo nível de consideração e respeito que se pode ter em relação à mulher. O informante alcoolizado de Garcia, que a expulsa do bar, sem compreender direito o que ela fazia ali, mas com a certeza de que aquele não era o seu lugar, ou ainda a garçonete do Brady’s que é obrigada a aprender todo um repertório de atitudes para poder trabalhar num espaço masculino, são exemplos do desafio que a presença feminina coloca para os homens em seus espaços de estar.

O ideal de masculinidade hegemônica, como aponta Almeida, é inalcançável de forma absoluta, mas está presente como uma meta que deve ser perseguida, sob a pena de ter destruída sua identidade masculina. Desse modo, ele funciona como um controlador invisível de atitudes. E de todos os rituais, de todas as provas, o maior desafio a esta construção incessante da identidade masculina é a própria mu-

⁹³ Op. cit. p. 17

lher, sobretudo quando ela invade, sem ser convidada, o lugar de estar dos homens.

4. CONCLUSÃO

O SIGNIFICADO DO BOTEQUIM

*“Disem que sou cachaceiro. Mas isso é mentira.
Cachaceiro é quem fabrica cachaça.,
eu sou consumidor.”*

*Domingos Pontes, o Domingão,
prefeito de Caucais (CE), o “homem que bebe, mas faz”*

*Deus cando andou no mundo
Deixou a água e o vinho
Meu amigo de calico na mão
Lembre-se de mim, não beba sozinho.*

*O home não tem dinheiro
Eu também não tenho a massa
Senhores que estão presentes,
Quem paga p’ra mim uma cachaça?*

Versos recolhidos por José Calasans

Desde que a antropologia compreendeu que seu destino como disciplina acadêmica não se resumia, para dizer como Lévi-Strauss, “aos machados de pedra, à poligamia e ao totemismo”, as pesquisas de etnografia urbana vêm acrescentando contribuições inestimáveis à disciplina. Confrontado com um processo de globalização econômica e de tecnologias cada vez mais sofisticadas, o morador das grandes cidades se adapta e refaz incessantemente suas relações e interações cotidianas. Problemas como ocupação desordenada dos espaços, explosão demográfica, violência urbana, entre outros aspectos que, de um modo ou de outro, caracterizam a vida nas áreas urbanas do planeta, apresentam uma dinâmica própria em cada um desses lugares. Valores, princípios, idéias, moralidades compõem o dia-a-dia das pessoas, numa incessante negociação da ordem social.

Assim, a vida nas metrópoles é marcada por um entrelaçamento de variados e, muitas vezes, conflitantes estilos de vida. Nesse processo, vemos muitas vezes posições, status e papéis sociais se submeterem a normas de etiqueta e polidez de distintos agrupamentos, com suas regras específicas de sociabilidade. O estudo de pequenos grupos, como aquele do nosso botequim, possibilita ao pesquisador, desde uma perspectiva microsociológica, observar e descrever os modos através dos quais a ordem social negociada atualiza valores.

São esses micromundos que permitem traçar um retrato dos pequenos dramas vividos pelos moradores da cidade. Se, como quer Georg Simmel, o homem que vive na grande metrópole tende a se fragmentar em tantos papéis e representações e reage a isso com uma atitude *blasé*, cínica e por vezes até niilista, é na convivência cotidiana em agrupamentos diversos, inclusive no botequim, que ele pode reconstruir passo a passo a realidade social, definindo as situações e tirando partido daquelas atuam a seu favor.

O presente trabalho procurou acompanhar e interpretar as relações cotidianas dos freqüentadores de um botequim do Rio de Janeiro. Estudar o bar de vizinhança pode parecer inconseqüente, inútil até, diante da seriedade e circunscrição dos temas e objetos que se apresentam ao cientista social. Pode-se evidentemente estudar o botequim no contexto geral das relações econômicas de comércio de rua; ou ainda na dinâmica do mercado de trabalho, onde se insere, por exemplo, a relação entre o proprietário do bar e seus funcionários, ou ainda abordar o tema a partir de recortes tais como as questões de gênero ou o problema do alcoolismo e outros “desvios” sociais. É igualmente possível situá-lo como espaço de lazer de segmentos sociais menos favorecidos. No entanto, ao colocar em evidência o drama social

das relações cotidianas entre Chico e seus pares, um aspecto vívido emerge da realidade analisada. Todas as questões de fundo continuam ali, mas ao destacar as interações do grupo, seus enredos e dramas encenados alcançamos, muitas vezes, estruturas e práticas sociais encarnadas.

Tentei aqui expor, na medida do possível, os valores e as visões de mundo dos frequentadores de um botequim. E, sempre que possível, procurei confrontá-los com as representações e estilos de vida de clientelas desse tipo de estabelecimento, que encontrei nas diversas etnografias, crônicas e, por que não dizer, reportagens consultadas.

Ao levantar as representações dessas pessoas, algumas delas meus companheiros de mesa e de bar, sobretudo através das etiquetas de reciprocidade envolvendo o crédito, a construção e exibição de identidades e os diversos ritos de sociabilidade, enfim, a complexa interação dentro de um bar de proximidade, também procurei apreender dimensões da vida pública das ruas e dos usos das calçadas adjacentes, transbordamento aceitável dos limites desse tipo de estabelecimento comercial.

No convívio do bar, onde muitos de nós vão, como afirmam Dumazedier & Suffert, principalmente para “fazer contato”, a reciprocidade, sobretudo na dinâmica do crédito, é o dispositivo básico que põe em movimento e articula diversos e distintos papéis, pois estabelece posições e reputações situadas no grupo e comanda uma operação que vai muito além do seu sentido econômico. Machado da Silva, que estudou botequins populares, apresenta o consumo e a lógica do “pendura” como elementos integradores de estratos sociais que, de outro modo, estão isolados da sociedade. São pessoas, diz ele, que fazem parte do exército de reserva de mão-de-obra e, por isso, ocupam uma posição precária no sistema. “São, portanto, *como indivíduos ‘marginais’*”⁹⁴ Ou seja, a precariedade é o fator constituinte de sua posição da estrutura social:

Acontece que, para que tais pessoas desempenhem proficuamente o papel esperado, é preciso que o próprio sistema crie certos *mecanismos* (“superestruturais”) de sustentação, isto é, que orientem a ação segundo um esquema referencial que lhe empreste um “sentido”. A fun-

⁹⁴ Op. cit. p. 107, grifo no original.

ção desses mecanismos é sustentar o comportamento individual em direções social e culturalmente compatíveis com o sistema, pelo menos nos aspectos fundamentais.⁹⁵

Machado da Silva sustenta ainda que o botequim surge como um substituto à fragmentação da família e da comunidade. Este seria, segundo ele, o significado que o botequim tem para o freguês das grandes cidades, especialmente, aqueles de estratos sociais menos favorecidos. Como aponta o sociólogo, “o botequim pode ser um mecanismo de sustentação, porque tem condições de conceder o sentimento perdido de comunidade. Ele cria profundos laços comuns entre uma minoria: os componentes dos estratos inferiores que são adeptos do álcool.”⁹⁶

No botequim, esses grupos apresentam documentos que comprovam sua condição de trabalhador, falam de planos de emprego e constroem suas relações de crédito e consumo baseados nessas estratégias. Ao fazê-lo, entram no mundo social da cidade; deixam a marginalidade de suas posições; e participam do processo social, incrementando sua condição de cidadãos, diminuindo a precariedade dos vínculos tênues que mantêm com os demais grupos e instituições da cidade política.

É interessante, no entanto, observar que o mesmo enredo é protagonizado por atores advindos dos estratos médios da população, como é o caso dos processos sociais alimentados pelos frequentadores da Adeguinha. Frequentadores estes muito distintos daqueles dos bares estudados por Machado da Silva, que não conhecem, pelo menos aparentemente, o drama da exclusão ou de uma situação social estruturalmente precária. Os fregueses da Adeguinha têm uma mobilidade social bastante razoável se comparada aos clientes dos botequins estudados pelo sociólogo. A frequência ao bar e as interações que cotidianamente são construídas na Adeguinha parecem vir carregadas da mesma força que move os fregueses investigados no ensaio de Machado da Silva.

Assim, se a precariedade da posição social não é o único fator importante na construção do significado do botequim, visto que a mesma sensação de incorporação e participação na vida social também está poderosamente presente em um bar de classe média, na verdade percebe-se que é a dinâmica interacional que se estabelece no botequim que dá a idéia de integração, independente do estrato social.

⁹⁵ Idem, p. 107

⁹⁶ Idem, p. 111

A maioria absoluta dos fregueses da Adeguinha não depende das provas que apresentam sobre seu status como trabalhador para gozar da confiança de Chico e obter os eventuais benefícios do “pendura”. Eles não precisam mostrar documentos, protocolos, certidões, identidade e outros badulaques para se integrarem ao sistema. E tampouco precisam consumir para se sentirem fazendo parte dessa sociedade de homens, construída pelo grupo de pares. Ainda assim, eles interagem construindo e exibindo sinais exteriores de identificação de outro tipo, que os credencia a fazer parte do “clube” e a pertencer ao grupo. E este pertencimento se dá através da construção comum de uma certa compreensão negociada da realidade.

Machado da Silva afirma que:

Num bar de classe média, a organização social tende a ser muito frágil. Funcionando como apenas um dos modos de utilização do lazer e possuindo grande flutuação de consumidores com interesses muito variados, a interação entre eles é geralmente reduzida. Além disso, a distância entre os fregueses de um lado, e os empregados e o dono do botequim do outro, dificulta uma organização interna que envolva essas duas categorias.⁸⁷

A etnografia da Adeguinha vai permitir, entretanto, mostrar, como vimos, que a organização das interações sociais em um bar freqüentado por uma clientela proveniente dos estratos médios da sociedade, embora distintas por vários motivos às das classes mais pobres, descritas no ensaio de Machado da Silva, estão longe de ser frágeis. Na verdade, são sólidas o suficiente para estabelecer vínculos de freqüência assídua e relações que extrapolam o convívio do bar.

O autor de “O significado do botequim” afirma ainda que a freqüência com que os segmentos sociais mais pobres vão ao botequim é intensa, isto é, ocorre quase que diariamente, ao contrário dos fregueses de outros estabelecimentos, que podem até ficar muitas horas no bar, numa mesma ida, mas retornando menos freqüentemente. Ao mapear as interações que ocorrem diariamente na Adeguinha, percebi que a assiduidade, na verdade, tem menos a ver com os segmentos sociais, como sugere Machado da Silva, do que com o papel que o botequim exerce no local

⁸⁷ Idem, p. 82

onde está situado para as pessoas que o freqüentam, independente do segmento social ao qual pertencem. A contraposição bares de passagem, onde a assiduidade é flutuante, e bares de proximidade, onde o estabelecimento tem vínculos mais fortes com a vida do entorno, está presente também em muitos bairros de estratos médios, como é o caso de Botafogo.

O retrato da vida cotidiana na área denominada aqui como “Triângulo da Adeguinha” apresenta singularidades, mas ao mesmo tempo se insere num plano mais amplo de valores que dão ao bairro uma identidade. As sociabilidades, etiquetas e regras de condutas implícitos e explícitos circunscrevem os limites e abrangência dessa identidade. Ao mesmo tempo, como uma fotografia, são o recorte de um momento, em que a cidade passa por transformações aceleradas que interferem no dia-a-dia dos moradores.

Neste trabalho foi possível constatar evidências de uma vida de proximidade, onde a integração entre moradores, comerciantes, empregados e outros atores ainda se dá no convívio direto, olho no olho, apesar da crescente reserva que a sociedade parece impor a todos, através de práticas discriminatórias e espacialmente segregadoras. Desse modo, se é possível acrescentar um viés ideológico a esta dissertação, este seria o de levantar a discussão sobre o desenvolvimento urbano e os modelos de ocupação de nossas cidades, concebidos por arquitetos, urbanistas, planejadores, administradores municipais e outras autoridades, muitas vezes sem levar em consideração a intensidade com que se desenrola a vida cotidiana nos bairros, nas ruas, nas calçadas. O trabalho etnográfico, nesse sentido, é um instrumento precioso a ser considerado na contra-argumentação alternativa diante dessas autoridades.

Neste trabalho, vimos algumas noções acerca do botequim e de estabelecimentos similares em outros países. Tão presente na vida das cidades, os botequins são o “templo do álcool”, “clube”, “segundo lar”, lugar para “fazer contato”, lugar do lazer e do ócio, *foyer* da boemia, lugar do vício, “ambiência cultural importante da cidade”, e da “alma” carioca. Todas essas representações e categorizações estão escritas na proposta de Machado da Silva de investigar o que estes estabelecimentos significam para aqueles que o freqüentam, trabalham ou deles vivem próximos.

O botequim é inegavelmente um espaço importante de socialização e sociabilidade dos homens onde, na interação com seus pares, constroem e exibem valores de sua identidade. No entanto, em todos eles, a dramaturgia da vida cotidiana, com seus atores, enredos, platéia, cenários, *scripts*, auditórios e desempenhos

paradgmáticos deve ser enfrentada sem evasivas. Com a presente etnografia procurei recortar e focalizar algumas dimensões significativas dos processos interacionais, na tentativa de desvendar, seguindo o convite do sociólogo, uma vez mais o significado do botequim para seus freqüentadores.

BIBLIOGRAFIA

1. ANDERSON, Elijah. A place in the corner. Chicago. 8th edition. The University of Chicago Press. 1976. 237 p.
2. BECKER, Howard S. Métodos de pesquisa em ciências sociais. 4^a edição. São Paulo, SP. Editora Hucitec. 1999. 178 p.
3. BERGER, Peter e LUCKMAN, Thomas. A construção social da realidade. 21^a edição. Petrópolis (RJ). Editora Vozes. 1985. 247 p.
4. CASCUDO, Luís da Câmara. Antologia da alimentação no Brasil. Rio de Janeiro, RJ. Livros Técnicos e Científicos Editora S.A. 1977. 254 p.
5. CERTEAU, Michel de. L'Invention du quotidien. 1. Arts de faire. Paris. Union Générale d'Éditions. 378 p.
6. CERTEAU, Michel de., GIARD, Luce, MAYOL, Pierre. A invenção do cotidiano. 2. Morar, cozinhar. Petrópolis, RJ. Editora Vozes. 1997. 372 p.
7. CHALHOUB, Sidney. Trabalho, lar e botequim – O cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da *Belle Époque*. 2^a edição. Campinas, São Paulo. Ed. Unicamp. 1986. 367 p.
8. CHALVON-DEMERSEY, Sabine. Le triangle du XIV^{ème} – Des nouveaux habitants dans un vieux quartier de Paris. Mission du Patrimoine ethnologique. Collection Ethnologie de la France. 2^e édition. Paris. Édition de la Maison des sciences de l'homme. 1984. 178 p.
9. DUMAZEDIER, Joffre & SUFFERT, Annette. “Fonctions sociales et culturelles des cafés – Enquête dans une agglomération urbaine: Annecy et ses environs”. In: Paris. L'année sociologique. PUF. 1962. pp. 197-249.
10. DUNEIER, Mitchell. Sidewalk. 2nd edition. New York. Farrar, Straus and Giroux. 1999. 383 p.
11. DUNEIER, Mitchell. Slim's table – Race, respectability, and masculinity. Chicago. The University of Chicago Press. 1992. 192 p.
12. DURKHEIM, Émile. As regras do método sociológico. 9^a edição. São Paulo, SP. Editora Companhia Nacional. 1978. 128 p.
13. GARCIA, Angela Maria. “E o verbo (re)fez o homem: Estudo do processo de conversão do alcoólico ativo em alcoólico passivo”. Niterói, RJ. Dissertação de Mestrado defendida na Universidade Federal Fluminense. 2003. 142 p.
14. GEERTZ, Clifford. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro, LTC. 1989. 323 p.
15. GOFFMAN, Erving. “Symbols of class status”. In TRUZZI, Marcello (editor). Sociology of everyday life. Englewood, New Jersey. Prentice-Hall, Inc. 1968. pp. 21-

32.

16. GOFFMAN, Erving. A representação do eu na vida cotidiana. 8ª edição. Petrópolis, RJ. Editora Vozes. 1975. 233 p.

17. GUEDES, Simoni Lahud. “O espaço do jogo”. In GUEDES, Simoni Lahud. Jogo de corpo. Niterói, RJ. Eduff. 1997. pp. 131-155.

18. JACOBS, Jane. Morte e vida de grandes cidades. São Paulo, SP. Martins Fontes. 2001. 510 p.

19. JOSEPH, Isaac. Erving Goffman e a microssociologia. Rio de Janeiro, RJ. Editora Fundação Getúlio Vargas. 2000. 96 p.

20. LEFORT, Claude. “A troca e a luta dos homens”. In: BERTELLI, Antônio Roberto, PALMEIRA, Moacir Gracindo e VELHO, Otávio Guilherme. O método estruturalista. Textos básicos de ciências sociais. Rio de Janeiro, RJ. Zahar Editores. 1967. pp. 64-79.

21. LÉVI-STRAUSS, Claude. “O princípio de reciprocidade”. In LÉVI-STRAUSS, Claude. As estruturas elementares do parentesco. Petrópolis, RJ. Editora Vozes. 1982. pp. 92-107.

22. LIEBOW, Elliot. Tally’s corner – A study of negro streetcorner men. Boston. Little, Brown and Company. 1967. 260 p.

23. MANN, Brenda. “The ethics of fieldwork in urban bar”. In RYNKIEWICH, Michael A. e SPRADLEY, James P. Ethics and anthropology – Dilemmas in fieldwork. New York. John Wiley & Sons. 1976. pp. 95-109.

24. MATTOS, Maria Izilda Santos de. Meu lar é o botequim: alcoolismo e masculinidade. São Paulo, Editora Cia. Nacional. 2000. 112 p.

25. MAUSS, Marcel. “Ensaio sobre a dádiva – Forma e razão da troca nas sociedades arcaicas”. In Sociologia e antropologia. São Paulo, SP. Edusp. 1974. pp. 37-184.

26. MELLO, Paulo Thiago de (redator). Rio Botequim – 50 bares e botequins com a alma carioca. Rio de Janeiro, RJ. Casa da Palavra Produção Editorial. Memória Brasil Projetos Culturais. Edições anuais: 2001, 2000, 1999, 1998.

27. MESSINGER, Sheldon L., SAMPSON, Harold and TOWNE, Robert D. “Life as theater: some notes on the dramaturgic approach to social reality”. In TRUZZI, Marcello (editor). Sociology and everyday life. Englewood, New Jersey. Prentice-Hall. 1969. pp. 7-18.

28. NASCIMENTO, Pedro Francisco Guedes do. “Mulher é o cão – A construção da identidade masculina em um bar da feira central de Campina Grande. Etnografia”. Monografia. Campina Grande, PB. Universidade Federal da Paraíba. 1995.

29. NEVES, Delma Pessanha. “Alcoolismo: acusação ou diagnóstico?”. In IV Reunião de Antropologia do Mercosul. 2001, Curitiba, Universidade Federal do Paraná,

2001.

30. PARK, Robert Ezra. "A cidade: sugestões para investigação do comportamento humano no meio urbano". In VELHO, O. G. (org.). O fenômeno urbano. Rio de Janeiro, RJ. Zahar Editores. 1967. pp. 29-72.

31. PEÇANHA, Marcel Robalinho Senra. "Bar: lugar do álcool, território dos homens". Monografia. Niterói, RJ. Universidade Federal Fluminense. 2001.

32. PINHEIRO, Edison. "Por uma antropologia do barulho". Artigo publicado no jornal O Globo. 2002.

33. PLATÃO. O banquete. 10ª edição. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil. 1996. 201 p.

34. SANTOS, Carlos Nelson Ferreira dos., VOGEL, Arno e MELLO, Marco Antônio da Silva (coord.). Quando a rua vira casa: a apropriação de espaços de uso coletivo em um centro de bairro. Rio de Janeiro, RJ. Instituto Brasileiro de Administração Municipal. Centro de Pesquisas Urbanas. 1985. 152 p.

35. SILVA, Luiz Antonio Machado da. "O significado do botequim". In Cidades, usos e abusos. São Paulo, S.P. Editora Brasiliense. 1978. pp. 79-113.

36. SIMMEL, Georg. "A metrópole e a vida mental". In VELHO, Otávio Guilherme. O fenômeno urbano. Rio de Janeiro, RJ. Zahar Editores. 1967. pp. 13-28.

37. SPRADLEY, James P. e MANN, Brenda J. The cocktail waitress – Woman's work in a man's world. New York, NY. McGraw-Hill. 1975. 154 p.

38. VARELA, Sergio. Cafés especiales – Crónicas, mitos y fabulaciones acerca de extraños bares de ayer, de hoy y de siempre. 2ª edición. Buenos Aires, Editora Distal. 1996.

39. VISSER, Margaret. O ritual do jantar – As origens, evolução, excentricidades e significado das boas maneiras à mesa. Rio de Janeiro, RJ. Editora Campus. 1998. 430 p.

40. WHYTE, William Foote. Street corner society – The social structure of an italian slum. 4th edition. Chicago. The University of Chicago Press. 1943. 398 p.

41. WOLFF, Kurt H. "The conflict". In: The sociology of Georg Simmel. Glencoe Il. The Free Press. 1950. pp. 13-17.

ANEXO 1 O RIO BOTIQUIM NA IMPRENSA

ANEXO 3 O BOTEQUIM NAS LETRAS DE MÚSICA

1. Último desejo (Noel Rosa)

Nosso amor que eu não esqueço
E que teve o seu começo
Numa festa de São João

Morre hoje sem foguete
Sem retrato e sem bilhete
Sem luar e sem violão

Perto de você me calo
Tudo penso e nada falo
Tenho medo de chorar

Nunca mais quero o teu beijo
mas meu último desejo
você não pode negar

Se alguma pessoa amiga
pedir que lhe diga
se você me quer ou não

Diga que você me adora
que você lamenta e chora
a nossa separação

Às pessoas que eu detesto
diga sempre que eu não presto
que o meu lar é um botequim

Que eu arruinei a sua vida
que não mereço a comida
que você pagou pra mim.

2. Conversa de botequim (Noel Rosa e Vadico)

Seu garçom faça o favor de me trazer depressa
Uma boa média que não seja requentada
Um pão bem quente, com manteiga à beça
Um guardanapo, e um copo d'água, bem gelada

Fecha a porta da direita, com muito cuidado
Porque eu não estou disposto a ficar exposto ao sol
Vá perguntar ao seu freguês do lado
Qual foi o resultado do futebol

Se você ficar limpando a mesa
Não me levanto e nem pago a despesa
Vá pedir ao seu patrão
Uma caneta, um tinteiro, um envelope e um cartão

Não se esqueça de me dar palitos
E um cigarro para espantar mosquitos
Vá pedir ao charuteiro
Que me empreste uma revista, um cinzeiro e um isqueiro

Telefone ao menos uma vez
Para 34-43-33
E ordene ao seu Osório
Que mande um guarda-chuva aqui pro nosso escritório

Seu garçom me empreste algum dinheiro
Que eu deixei o meu com o bicheiro
Vá dizer ao seu gerente
Que pendure esta despesa, no cabide, ali em frente.

3. Conversando no bar (Milton Nascimento e Fernando Brant)

Lá vinha o bonde no sobe-e-desce ladeira
E o motoneiro parava a orquestra um minuto
Para me contar casos da campanha da Itália
E de um tiro que ele não levou, levei um susto imenso
Nas asas da Pan Air
E lá vai menino xingando padre e pedra
E lá vai menino lambendo podre delícia
E lá vai menino senhor de todo fruto
Sem nenhum pecado, sem pavor
O medo em miha vida nasceu muito depois
Descobri que minha arma é o que a memória guarda
Dos tempos da Pan Air
Nada existe que não se esqueça, alguém insiste e fala ao coração
Tudo de triste existe que não se esquece, alguém insiste e fere o coração
Nada de novo existe neste planeta que não se fale aqui na mesa de bar
E aquela briga, e aquela fome de bola
E aquele tango, e aquela dama da noite

E aquela mancha e a fala oculta
Que no fundo do quintal morreu, morri a cada dia dos dias que vivi
Cerveja que tomo hoje é apenas em memória dos tempos da Pan Air
A primeira Coca-Cola foi, me lembro bem agora, nas asas da Pan Air
A maior maravilha foi voando sobre o mundo nas asas da Pan Air
Em volta dessa mesa velhos e moços lembrando o que já foi
Em volta dessa mesa existem outras falando tão igual
Em volta dessas mesas existe a rua vivendo o seu normal
Em volta dessa rua uma cidade sonhando seus metais
Em volta da cidade...

4. Calipso (Manduka)

Foi visto muitas vezes altas madrugadas
Perambulando manso pelas infernadas
Vestido como sempre com seu terno branco
Levava em si a fama de ser perigoso
Por isso, quem o visse era cauteloso
Melhor a reverência do que se aproximar

Mas não se preocupava do que se falava
Sabia dos convades e nunca se enganava
No fundo até gostava de lhes perturbar
Jamais lhes concedia o mínimo sorriso
Não desmachava intriga mesmo se preciso
Deixava feita a fama para se acreditar

E assim foi sucedendo outras madrugadas
Sem nome era Calipso e nas infernadas
Diziam que era hora de lhe ver dançar
Juntou-se a valentia num bando na esquina
Em frente ao botequim de Manoel Galvina
Onde ele costuma ir se calibrar

Mas eis que de repente apareceu Calipso
Como se aparecesse vindo de um feitiço
E foi se aproximando sem titubiar
E confirmando lenda de velhos valentes
Sozinho contra os 20 leões mal dizentes
Mostrou que a fama tinha um fundo de razão
Rasteiras, navalhadas e rabo-de-arraia
Calipso mostrando sua fina laia
Saiu pismado firme, dono do seu chão.

5. Boteco do Arlindo (João Nogueira)

Gripe cura com limão, jurubeba é pra azia
Do jeito que a coisa vai, o boteco do Arlindo vira drograria
O médico tava com medo que meu figueiredo não andasse bem
Então receitou jurubeba, alcachofra e de quebra carqueja também
Embora fosse homeopatia a grana que eu tinha era só dois barão
Mas o Arlindo é pai d'égua, foi passando a régua, eu fiquei logo bão
Tem vinho pra conjuntivite, licor pra bronquite, cerveja pros rins
Assados e rabos-de-galo pra todos os males e todos os fins
O Juca chegou lá no Arlindo se desmilingüindo, querendo apagar
Tomou batida de jambo, recebeu o rango e botou pra quebrar
Batida de erva-cidreira se der tremedeira ou palpitação
Pra quem tá doente do peito faz um grande efeito licor de agrião
E toda velhice se acaba se der catuaba prum velho tomar.

6. A volta do boêmio

Boemia, aqui me tens de regresso
E suplicante te peço a minha nova inscrição
Voltei para rever os amigos que um dia
Eu deixei a chorar de alegria, me acompanha o meu violão
Boemia, sabendo que andei distante
Sei que essa gente falante vai agora ironizar
Ele voltou, o boêmio voltou novamente
Partiu daqui tão contente, por que razão quer voltar?
Acontece que a mulher que floriu meu caminho
De ternura, meiguice e carinho, sendo a vida do meu coração
Compreendeu e abraçou-me dizendo a sorrir
Meu amor, você pode partir, não esqueça o violão
Vá ver teus rios, teus montes, cascatas
Vá sonhar em nova serenata e abraçar seus amigos leais
Vá embora, pois me resta o consolo e alegria
De saber que, depois da boemia,
É de mim que você gosta mais

7. O bonde São Januário (Ataulfo Alves e Wilson Batista)

Quem trabalha é que tem razão
Eu digo e não tenho medo de errar
O bonde São Januário
Leva mais um operário
Sou eu quem vai trabalhar
Antigamente eu não tinha juízo

Mas hoje eu penso melhor no futuro
Graças a Deus
Tenho fé, vivo muito bem
A boemia não dá camisa a ninguém

8. Com açúcar, com afeto (Chico Buarque)

Com açúcar, com afeto
Fiz seu doce predileto
Pra você ficar em casa
Qual o quê
Com seu terno mais bonito
Você sai, não acredito
Quando diz que não se atrasa
Você diz que é operário
Vai em busca do salário
Pra poder me sustentar
Qual o quê
No caminho da oficina
Há um bar em cada esquina
Pra você comemorar
Sei lá o quê

Sei que alguém vai sentar junto
Você vai puxar assunto
Discutindo futebol
E ficar olhando as saias
De quem vive pelas praias
Coloridas pelo sol
Vem a noite e mais um copo
Sei que alegre ma non troppo
Você vai querer cantar
Na caixinha um novo amigo
Vai bater um samba antigo
Pra você lembrar

Quando a noite enfim lhe cansa
Você vem feito criança
Pra chorar o meu perdão
Qual o quê
Diz pra eu não ficar sentida
Diz que vai mudar de vida
Pra agradar meu coração
E ao lhe ver assim cansado

Maltrapilho e maltratado
Ainda quis me aborrecer
Qual o quê
Logo vou esquentar seu prato
Dou um beijo em seu retrato
E abro os meus braços pra você

9. Camisa amarela (Ary Barroso)

Encontrei o meu pedaço na avenida
De camisa amarela
Cantando a Florisbela, oi, a Florisbela
Convidei-o a voltar pra casa
Em minha companhia
Exibiu-me um sorriso de ironia
E desapareceu no turbilhão da galeria
Não estava nada bom
O meu pedaço na verdade
Estava bem mamado, bem chumbado
Atravessado, foi por aí cambaleando
Se acabando num cordão, de reco-reco na mão
Mais tarde o encontrei num café zurrapa
No Largo da Lapa
Folião de raça
Bebendo o quinto copo de cachaça
Voltou às sete horas da manhã
Mas só na quarta-feira
Cantando a Jardineira, oi, a Jardineira
Me pediu, ainda zonzinho
Um copo d'água com bicabornato
O meu pedaço estava ruim de fato
Caiu na cama e não tirou nem o sapato
Roncou uma semana e despertou de mau humor
Quis brigar comigo, que perigo
Mas eu não ligo, meu pedaço me domina
Me fascina, ele é o tal
Por isso, não levo a mal
Pegou a camisa, a camisa amarela
Botou fogo nela, gosto dele assim
Passou a brincadeira, e ele e pra mim
Meu senhor do Bom Fim.

10. O ébrio (Vicente Celestino)

Tornei-me um ébrio e na bebida, busco esquecer
Aquela ingrata que eu amava e que me abandonou;
Apedrejado pelas ruas vivo a sofrer;
Não tenho lar, nem parentes, tudo terminou
Só nas tabernas é que eu encontro meu abrigo,
Cada colega de infortúnio é um grande amigo.
Que embora tenham como seus os sofrimentos
Me aconselham e aliviam os meus tormentos.

Já fui feliz e recebido com nobreza até,
Nadava em ouro e tinha alcova de cetim
E a cada passo um grande amigo que depunha fé,
E nos parentes.... confiava sim.
E hoje ao ver-me na miséria tudo vejo então
O falso lar que amava e que a chorar deixei
Cada parente, cada amigo era um ladrão,
Me abandonaram e roubaram o que amei.

Falsos amigos eu vos peço e imploro a chorar,
Quando eu morrer na minha campa nenhuma inscrição,
Deixai que os vermes pouco a pouco venham terminar
Este ébrio triste este triste coração.
Quero somente que na campa em que eu repousar
Os ébrios loucos como eu venham depositar
Os seus segredos ao meu derradeiro abrigo
Suas lágrimas de dor ao peito amigo.

11. Mais um trago (Lupicínio Rodrigues)

Amigo, acabou-se o meu dinheiro
Amigo, se é amigo verdadeiro
paga um copo, eu preciso beber mais
Só um trago, é bem que você me faz
Não censures o pedido deste amigo
A bebida para mim é um lenitivo
Se eu não beber, fico louco
Se eu não beber, desespero
Só bebendo eu esqueço a mulher
A mulher que eu quero.